



Historiadora, museóloga,
educadora, militante:
itinerários de uma aprendiz

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagens fotográficas da infância da autora: de corpo inteiro, com 3 anos e retratos com 7 anos	6
Figura 2 - Fotografia escolar da autora no Primeiro Grau, então com 8 anos	6
Figura 3 - Colegas do Departamento de Vendas da Racine Hidráulica (atual Grupo Dana)	8
Figura 4 - Formaturas da Escola: imagem superior, do 2º grau; imagem inferior do 1º grau	8
Figura 5 - Reunião da Comissão Organizadora do Encontro Estadual de História	13
Figura 6 - Fórum de Acervos, organizado pelo GT Acervos da ANPUHRS, à esquerda Mario Tramontini, Primeira Presidente da ANPUHRS após sua reativação	13
Figura 7 - Visita técnica do GT Acervos a Rio Pardo	14
Figura 8 - Encontro Estadual do GT História, Imagem e Cultura Visual, com a conferência de abertura de Gonzalo Leiva (PUC Chile)	14
Figura 9 - Abertura do Seminário Nacional de História e Patrimônio Cultural, organizado pelo GT homônimo da ANPUH	15
Figura 10 - Simpósio Temático coordenado com Letícia Julião, Simpósio Nacional da ANPUH	16
Figura 11 - Em minha mesa, na sala compartilhada entre ASSESPE, ASSEPLA e Coordenação de Descentralização da Cultura	19
Figura 12 - Solenidade de abertura da Exposição de Longa Duração do Museu de Porto Alegre.	24
Figura 13 - Minha posse como Coordenadora da Memória Cultural, da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre	26
Figura 14 - Visita técnica no Centro Histórico de Porto Alegre com alunos do Curso de Turismo, do Centro Universitário Metodista – IPA.	29
Figura 15 - Minha visita ao Centro Georges Pompidou.	32
Figura 16 - Museu da Escola e Cerâmica Ciry-le-Noble, ambas antenas do Ecomuseu Le-Creusot-Montceau	36
Figura 17 - Grupo de brasileiros em visita técnica ao Museu da Notícia (superior) e Museu Nacional de Arte Mexicana (inferior)	41
Figura 18 - Grupo de participantes da Cúpula dos Museus "Museus e comunidades sustentáveis"	44
Figura 19 - Visita mediada por ocasião do ICOFOM LAC.	44

Figura 20 - Comunicação apresentada no III Seminário Ibero-americano de Museologia.	45
Figura 21 - Visita técnica ao Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS com estudantes do Curso de Pedagogia/UFRGS.	49
Figura 22 - Aula com orientanda(o)s da Linha de Pesquisa História, Memória e Educação, PPGEDU/UFRGS, com a colega Professora Maria Stephanou.	57
Figura 23 - Confraternização com pós-doutorando italiano Alberto Barause, Professora Maria Stephanou, orientando(a)s, bolsistas e alunas do PPGMUSPA.	57
Figura 24 - Leitura Dirigida On Line com orientando(a)s do PPGEDU e PPGMUSPA, durante a pandemia de Covid-19.	58
Figura 25 - Orientando(a)s de Mestrado e Doutorado PPGEDU e PPGMUSPA	59
Figura 26 - Primeira turma do Curso de Museologia/UFRGS, ao final da palestra de Zita Possamai e Pedro Vargas, na I Semana Acadêmica.	61
Figura 27 - Hugues de Varine com docentes do Curso de Museologia. Momentos que antecedem sua conferência na Câmara de Vereadores de Porto Alegre/RS.	61
Figura 28 - Visita ao Acampamento Farroupilha, Disciplina Museologia no Mundo Contemporâneo	63
Figura 29 - Aula da disciplina História dos Museus do Curso de Museologia/UFRGS no Museu Anchieta	65
Figura 30 - Aula da disciplina História dos Museus do Curso de Museologia/UFRGS no Museu Júlio de Castilhos. Primeira saída de campo e aula presencial após isolamento social decorrente da pandemia do Coronavírus.	66
Figura 31 - Turma da disciplina Cultura Material e Cultura visual na Museologia Brasileira com educador kaingang Dorvalino Refej Cardoso.	67
Figura 32 - Aula da disciplina Educação em Museus do Curso de Museologia/UFRGS, no Projeto de Educação Patrimonial do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.	68
Figura 33 - Aula da disciplina Educação em Museus do Curso de Museologia/UFRGS, na Fundação Iberê Camargo	68
Figura 34 - Visita à ocupação indígena, Disciplina Educação em Museus.	69
Figura 35 - Aula da disciplina Projeto de Curadoria, montagem da exposição curricular do Curso de Museologia <i>Alices: cenário de vida e arte</i>	70
Figura 36 - Discentes entrevistam morador do Bairro Petrópolis, Disciplina eletiva Cidade, museu e patrimônio	71
Figura 37 - Luís Fernando Veríssimo na festa de lançamento do vídeo Petrópolis: memórias de um bairro.	72

Figura 38 - Manifestação contra a Extinção do IBRAM, estudantes, discentes e técnico do Curso de Museologia/UFRGS em frente ao Museu Julio de Castilhos, no Centro Histórico de Porto Alegre.	74
Figura 39 - Corpo docente e museólogo do curso de Museologia /UFRGS	75
Figura 40 - Docentes do Departamento de Ciência da Informação em ato contra a PEC da morte.	75
Figura 41 - Docentes e estudantes do Curso de Museologia UFRGS no IV SEBRAMUS	76
Figura 42 - Seminário no Curso de Especialização em Museologia da Universidade de São Paulo	77
Figura 43 - Abertura da Mostra de Pesquisa do GEMMUS	79
Figura 44 - Aula aberta do GEMMUS com Solange Ferraz de Lima, então vice-diretora do Museu Paulista.	79
Figura 45 - Aula aberta do GEMMUS com Camilo Melo Vasconcellos, docente do PPGMUS E MAE/USP.	80
Figura 46 - Primeira reunião das docentes e docente do PPGMUSPA para elaboração do APCN.	82
Figura 47 - Prova escrita do Primeiro Processo Seletivo do PPGMUSPA	83
Figura 48 - Recepção da segunda turma do PPGMUSPA com a presença da primeira turma e docentes.	83
Figura 49 - Primeiro Seminário de Avaliação do PPGMUSPA	85
Figura 50 - Aula inaugural do PPGMUSPA com a presença da Professora Maria Margaret Lopes	86
Figura 51 - Curso Restauração de Arquitetura de Terra, ministrado por Graciela Viñalles	86
Figura 52 - Aula aberta do PPGMUSPA com a Professora Marília Xavier Cury e docentes dos Cursos.	87
Figura 53 - Visita organizada pelo PPGMUSPA ao Museu das Ilhas com o antropólogo Jean-Louis Tornatore	87
Figura 54 - Aula aberta do PPGMUSPA com a Professora Fernanda Rechemberg.	88
Figura 55 - Visita dos estudantes do PPGMUSPA e da disciplina Educação em Museus do Curso de Museologia à aldeia guarani Yvy Poty	88
Figura 56 - Aula da disciplina da Professora Zita Possamai no Museu Júlio de Castilhos	89
Figura 57 - Divulgação do evento Encontro sobre Patrimônio, Museus e Arte, organizado pelo PPGMUSPA com Livraria Cirkula	89

Figura 58 - Evento Encontros sobre Patrimônio, Museus e Arte, organizado pelo PPGMUSPA	90
Figura 59 - Manifestação das alunas, da Professora e do aluno do PPGMUSPA contra o fechamento da Exposição Queer Museum	90
Figura 60 - Docentes no Evento de Aniversário de 5 anos do PPGMUSPA	91
Figura 61 - Reunião de coordenadores e docentes dos PPGs brasileiros no campo Museologia, SEBRAMUS, UNB, Brasília.	91
Figura 62 - Saída de campo dos Bolsistas do Projeto Conexões de Saberes e Professora Zita Possamai, Território Lomba do Pinheiro	97
Figura 63 - Professora Zita Possamai e bolsistas entrevistam moradora do bairro Lomba do Pinheiro, Projeto Conexões de Saberes.	98
Figura 64 - Imagens do folder de divulgação das oficinas do Projeto Conexões de Saberes	98
Figura 65 - Oficina de Fanzine ministrada pela Bolsista Marta Assis, Projeto Conexões de Saberes	99
Figura 66 - Oficina imagens e Letras, ministrada pelas bolsistas Camila Petró e Adriane, Projeto Conexões de Saberes	100
Figura 67 - Projeto Leituras da Cidade participa do Lombatur	101
Figura 68 - Curso <i>Leituras da Cidade</i> , visita ao Tambor, Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre	105
Figura 69 - Página do website Leituras da Cidade, sessão <i>O que ver</i> .	106
Figura 70 - Equipe de bolsistas do Projeto Leituras da Cidade, por ocasião do lançamento do livro homônimo	108
Figura 71 - Capa do livro Leituras da Cidade	108
Figura 72 - divulgação da Entrevista no programa Momento do Patrimônio, na Rádio da Universidade, 2011	110
Figura 73 - Apresentação do poster do Projeto Leituras da Cidade no Salão de Extensão, com bolsistas Rossana Klippel José e Pablo Barbosa, Campus do Vale da UFRGS	110
Figura 74 - Capa do livro <i>Cidade, História & Educação</i>	112
Figura 75 - Reunião do Conselho Diretor do FUMPOA	113
Figura 76 - Reunião online da CNIC, 12 de abril de 2022	114
Figura 77 - Card virtual de divulgação do Programa Horizontes, Radioweb Manawa	115
Figura 78 - Eu, Ronaldo Patricio Marcos e o bebê Lucca, com a biblioteca ao fundo.	124

Figura 79 - Apresentação de pôster no Salão de Iniciação Científica com a bolsista Marta Busnello **136**

Figura 80 - Apresentação da bolsista Morgana Silveira Bartz, no Salão de Iniciação Científica **137**

Figura 81 - Eu, meu pai Ivanor Possamai e meu filho Lucca Possamai Marcos **139**

SUMÁRIO

1. COMO COMEÇAR...	1
2. UMA MENINA ESTUDIOSA: FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL ANTERIOR À DOCÊNCIA NA UFRGS	4
2.1 Do campo para a periferia da cidade	4
2.2 Na universidade, nos loucos anos 1980	10
2.3 Dos bicos à Servidora Municipal	16
2.4 Os estudos fora do País	29
3. FAZER-SE PROFESSORA E HISTORIADORA DA EDUCAÇÃO: O INGRESSO NA FACED	45
3.1 Entre estudantes, camponeses e professoras: o ensino de História da Educação	47
3.2 PPGEDU: compartilhar, ensinar e aprender	52
4. DE VOLTA À MUSEO: A TRANSFERÊNCIA PARA O CURSO DE MUSEOLOGIA NA FABICO	60
4.1 Os primeiros anos e a reformulação curricular	62
4.2 Um sonho se realiza: a implantação da pós-graduação em Museologia na UFRGS	76
5. SABERES EM RELAÇÃO NA CIDADE EDUCADORA: ATUAÇÃO NA EXTENSÃO	93
5.1 Conexões de Saberes: onde a periferia e a academia se encontram	93
5.2 Leituras da Cidade: para ver e compreender Porto Alegre.	102
6. PATRIMÔNIOS, MUSEUS, COLEÇÕES, IMAGENS, FOTOGRAFIAS, ARTEFATOS: ATUAÇÃO EM PESQUISAS E ORIENTAÇÕES	116
6.1 Uma casa oitocentista transformada em museu: o mestrado	119
6.2 Os estudos sobre fotografia de Porto Alegre: o doutoramento	122
6.3 Uma pedagogia visual	126
6.4 Museus de Educação: das escolas para uma perspectiva transnacional	129
ARREMATES DE UMA VIDA INCONCLUSA	138
REFERÊNCIAS	141

1. COMO COMEÇAR...

O início da escrita deste memorial foi protelada algumas vezes. O fantasma da procrastinação resolveu me assombrar; aspecto que observei com atenção e certa preocupação. Nunca fugi de tarefas, ao contrário, sempre as enfrentei de imediato para logo dar cabo delas. Desta vez, não. O hábito de frequentar o divã, desde os 19 anos, logo me fez buscar razões para o que se operava em mim. Seriam as sequelas da pandemia? Seria o fato de estar em luto pela morte dos meus afetos perdidos com a covid enquanto aguardavam a vacina que o desgoverno genocida não providenciara? Seria a meditação que me tornava mais presente e atenta? Seria o fato de nunca ter escrito algo assim tão pessoal sobre minha atuação acadêmica e profissional que se tornaria público? Seria a viagem que planejava para participar da Conferência Internacional do ICOM, Conselho Internacional de Museus, a se realizar em Praga e que se colocava no meio do meu percurso de elaboração deste escrito? Cheguei à conclusão que tudo isso se amalgamou para me impedir de começar. No início seriam nas férias, porém, adoeci e fiquei por semanas a me recuperar, me dediquei aos cuidados com meus pais e descansei nos poucos dias restantes. Terminadas as férias, vieram as aulas e as orientações, as quais serviram perfeitamente como escusas para fugir da folha em branco. E aquela viagem no meio do caminho... Mario Quintana vinha-me à mente. Quando percebi que nem UFRGS, nem a FAPERGS, nem o CNPq, nem a CAPES subsidiaram minha ida para apresentar a comunicação em co-autoria com a colega Letícia Julião e intitulada *Controvérsias contemporâneas nos museus brasileiros: como conectar as coleções às reflexões sobre o passado afrodescendente e da Ditadura Civil-Militar*, desisti com certo pesar da loucura de arcar com recursos próprios, como tantas vezes fizera, para ir para o Leste Europeu próximo da Guerra da Ucrânia, trabalhar pela internacionalização da universidade e da pós-graduação. Disse a mim mesma: agora, é o momento de focar no concurso para titular e ponto.

E aqui estou.

Contudo, um belo empurrão me foi dado ...

17 de junho de 2022. Fui almoçar no Mercado Público de Porto Alegre com Dorvalino Machado, de nome kaingang Refej, como gosta de ser chamado. Foi meu aluno no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e fazia parte da primeira turma de ingressantes na UFRGS pelas ações afirmativas, aprovadas no CONSUN

em 2007. Foram horas de conversa, na qual tentei escutar o máximo possível esse educador indígena com quem já tinha aprendido muito. A última vez que o vi, estava de terno indo para a banca de defesa de sua dissertação de Mestrado no Pós-Graduação em Educação. Há anos não sabia dele, mas, em meados de abril de 2022, escutei seus ensinamentos através da voz de uma das alunas que liderava a ocupação em prol de moradia indígena na UFRGS, onde eu levava meus estudantes de Museologia. Naquele mesmo semestre, tive a alegria de reencontrar Refej devido a sua participação em uma ação educativa organizada pelas minhas alunas do Curso de Museologia, no Museu Júlio de Castilhos. Naquele oferecimento (2021-2), a proposta da disciplina Educação em Museus era conceber, planejar e realizar uma ação educativa na perspectiva decolonial a partir da exposição Memória e Resistência daquele museu. Refej esteve no museu no dia 30 de abril e compartilhou com as pessoas ali presentes seus saberes sobre a cultura kaingang, principalmente relacionada aos artefatos em exposição. Foi mais um momento transformador para mim e de muito aprendizado para os/as estudantes. Dorvalino se entusiasmou com a experiência e espantou-se por ter tão poucos objetos de seu povo no museu. Prontificou-se a trazer outros e a continuar nossa conversa. Dias depois, me convidou para almoçar para tratar de parcerias. “A conversa vai ser longa”, me antecipou. Fui com tempo. Lembrei-me do seu relato em aula, nos primeiros dias como aluno da universidade: sentara-se no banquinho em frente à FAGED e só via gente correndo de um lado para o outro. Não conseguia entender tanta correria. Sábio Dorvalino! Jamais esqueci essa sua primeira impressão de nós acadêmicos. No meio da conversa, após combinarmos algumas atividades futuras, percebi que ele estava ali para construir uma relação comigo. Queria saber da minha família e fazia perguntas até indiscretas para o contexto docente-aluno-orientando. Aos poucos, porém, estreitamos laços e demos boas gargalhadas juntos ao saborear o Café do Mercado.

O encontro com Refej me motivou a começar essa escrita. E logo percebi o porquê, daí essa digressão introdutória. Refej uniu os dois mundos nos quais me movimento na universidade, desde que ingressei como docente: a Educação e a Museologia. E apresentar meu itinerário nesses dois mundos acadêmicos, culturais e políticos será o fio condutor desta narrativa. Além disso, nosso encontro foi no Mercado Público, lugar pleno de significados para minha vida profissional e cidadã.

Portanto, de algum modo, o encontro com Refej uniu ao menos três dos momentos relevantes de meu itinerário, que passarei a relatar.

Primeiramente, tratarei do meu ingresso na Faculdade de Educação, no Departamento de Estudos Básicos, na área de História da Educação e meus primeiros anos de atuação no ensino, na pesquisa e na extensão. Num segundo momento, abordarei minha transferência para a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, onde atuei no Curso de Museologia. Antes de cumprir o prometido, contudo, gostaria de situar o leitor em relação a minha formação e a minha atuação profissional antes do ingresso como docente na UFRGS, pois ingressei nessa universidade como professora somente após ter trilhado caminhos que me marcaram profundamente.

2. UMA MENINA ESTUDIOSA: FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL ANTERIOR À DOCÊNCIA NA UFRGS

Aprendi com a educação que o itinerário da historiadora que me tornei inicia antes do ingresso na universidade, embora essa marcação seja de fundamental importância. A família, os lugares por onde passei, as pessoas que conheci e amei, os grupos dos quais participei, as instituições onde atuei, exerceram papel crucial nos aprendizados e nas escolhas que me tornaram a pessoa que sou. Esse momento de olhar para trás e apreciar os percursos percorridos reveste-se de emoção impossível de descrever, pois são indizíveis as alegrias, as tristezas, as inseguranças, as incertezas, as decepções e tudo o mais que compõe um viver pleno de afetos. Nesta seção, seleciono as memórias, porque sempre serão seletivas, para contar alguns momentos considerados relevantes, desde meu nascimento até me tornar servidora pública municipal em Porto Alegre.

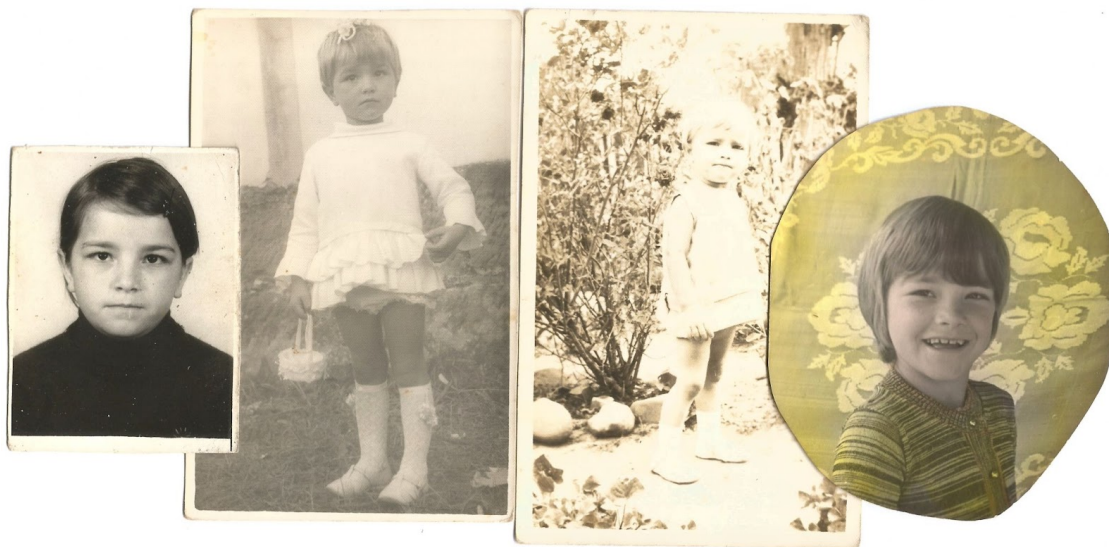
2.1 Do campo para a periferia da cidade

I've paid my dues
Time after time
I've done my sentence
But committed no crime
And bad mistakes
I've made a few
I've had my share of sand kicked in my face
But I've come through
(And I mean to go on and on and on)
We are the champions, my friends
And we'll keep on fighting 'till the end
We are the champions
We are the champions
No time for losers
'Cause we are the champions
Of the world
I've taken my bows
And my curtain calls
You brought me fame and fortune and everything that goes with it
I thank you all
But it's been no bed of roses
No pleasure cruise
I consider it a challenge before the whole human race
And I ain't gonna lose, ah
(And I mean to go on and on and on)
We are the champions, my friends

And we'll keep on fighting 'till the end
 We are the champions
 We are the champions
 No time for losers
 'Cause we are the champions
 Of the world
 We are the champions, my friends
 And we'll keep on fighting 'till the end
 We are the champions
 We are the champions
 No time for losers
 'Cause we are the champions"
 (Freddy Mercury)

Nasci em Sombrio, Sul de Santa Catarina, no primeiro parto natural em casa de minha mãe de nome de solteira Marlene da Silva Martins. Meus pais eram agricultores e fugiram da roça por incentivo de minha avó materna Silvina Martins e pela insistência de minha mãe. Hoje, penso que aos meus progenitores havia três alternativas, à época: abandonar o campo e ir para um centro urbano, onde poderiam ser operários fabris; permanecer na lida agrícola e, talvez, ter um futuro bastante difícil, a exemplo dos vários tios e primos que lá permanecem; encabeçar as fileiras do Movimento Sem Terra. Eles escolheram a primeira opção. Se fosse outra qualquer, eu seria outra pessoa. São raras minhas fotografias da infância, pois no meio rural a presença do fotógrafo ocorria apenas em momentos muito especiais, como os casamentos (Figura 1). Na escola primária, em Cachoeirinha, era mais comum fotografar escolares. Lembro que minha mãe encomendou o tradicional quadro com fotografias colorizadas das três filhas. O fotógrafo apareceu na minha casa justamente na hora em que eu estava na escola e, por isso, precisou voltar outro dia para tirar minha foto. Nesse segundo dia, porém, ele não levou um fundo fotográfico e foi usada uma colcha verde de cetim de minha mãe, cujos amassados presentes na imagem denunciaram o improvisado da ocasião (Figura 1). Também não faltou a célebre imagem produzida nas escolas do País no período da Ditadura Civil-Militar (Figura 2).

Figura 1 - Imagens fotográficas da infância da autora: de corpo inteiro, com 3 anos e retratos com 7 anos.



Fonte: Acervo da autora, imagens com 3 anos são de 1969 e com 7 anos são de 1973.

Figura 2 - Fotografia escolar da autora no Primeiro Grau, então com 8 anos.



Fonte: Grupo Escolar Parque Brasília, Cachoeirinha/RS, acervo da autora, 1974.

Vieram para o Rio Grande do Sul, quando eu ainda nem completara sete anos, e se estabeleceram junto à residência da irmã de meu pai, tia Zenir, no município de Cachoeirinha, região metropolitana de Porto Alegre. Meu pai passou a trabalhar em Porto Alegre, no comércio. Depois se tornou operário fabril e esse dado me fez descobrir, anos depois, que eu estava inserida na categoria genérica dos

jovens de famílias operárias (WEBER, 2004). Sempre nos consideramos pobres, pois as dificuldades eram muitas. Hoje, ao conhecer a situação de miserabilidade e de fome de determinadas populações urbanas, principalmente pretas, considero que éramos uma família pobre sim, alguns momentos uma família operária, mas meu pai sempre conseguiu ter emprego formal e os respectivos direitos trabalhistas (entre eles, plano de saúde) e minha mãe, enquanto a debilidade não a incapacitou, também contribuiu com as despesas de casa, atuando como operária de fábrica ou costureira.

Comecei a trabalhar com 15 anos, numa loja denominada *Fundilho Moda Atual*, denominação inspirada na porto-alegrense *Saco & Cueção*. Foi minha primeira experiência e meu primeiro burnout. Naquela época nem imaginava que eu teria a mesma fragilidade psíquica de minha mãe. Em determinado momento do ensino médio, fiz estágio também em uma fábrica no Distrito Industrial de Cachoeirinha (Figura 3) e vivenciei a primeira greve dos metalúrgicos, nos anos 1980, ocaso da Ditadura Civil-Militar, quando o movimento sindical se fortalecia e o Partido dos Trabalhadores surgia. Eu era, então, uma menina ingênua politicamente e seguia as ideias dos afetos mais próximos. Embora em dúvida sobre qual atitude tomar, furei o piquete da greve com minhas colegas estagiárias, mesmo com uma grevista clamando: “Gurias, vocês não precisam entrar.” Hoje, essas memórias parecem inacreditáveis diante da pessoa que me tornei e me fazem pensar como nos transformamos ao longo dos anos. Também na escola fui cooptada pela então diretora para votar na Arena, o partido dos militares que estava no poder desde 1964 e responsável pelas prisões, perseguições, torturas, assassinatos e desaparecimentos de muitas pessoas que reagiram ao golpe que depôs o Presidente João Goulart. “Por que não dar mais uma chance?”, dizia ela, enquanto minha professora de História Isabel Almeida, que anos depois se tornou minha colega de profissão e militância, implorava: “Todos, menos o número Um (número da Arena nas eleições de 1982).”

Figura 3 - Colegas do Departamento de Vendas da Racine Hidráulica (atual Grupo Dana).



Fonte: Distrito Industrial de Cachoeirinha, acervo da autora, 1982.

Embalada pelas canções do Queen e da Rádio Continental; inspirada por filmes como *Grease - Nos Tempos da Brilhantina*, com John Travolta e Olivia Newton John, e *Laranja Mecânica*, esta jovem menina florescia e começava a descobrir o mundo. Mundo, vasto mundo (Figura 4).

Figura 4 - Formaturas da Escola: imagem superior, do 2º Grau; imagem inferior, do 1º grau.



Fonte: Imagem superior: Ginásio do Grupo Escolar Rodrigues Alves, 1982; imagem inferior: Igreja São Vicente de Paula, Cachoeirinha, 1979. Acervo da autora.

Minha mãe sempre me incentivou muito a estudar, ao ponto de querer me alfabetizar à força, antes mesmo de eu entrar na escola rural plurisseriada do interior de Sombrio. Minha relutância deve ter ficado em algum lugar recôndito de meu inconsciente, pois, já adulta, em uma sessão de hipnose eu chorei e implorei: “eu quero brincar”. Como muitos estudantes de escola pública, nunca tive o incentivo para continuar estudando ou para ingressar na universidade. Ao terminar o Ensino Médio no Grupo Escolar Rodrigues Alves e também o estágio que me pagava muito bem, não sei bem o porquê ao invés de me matricular na Faculdade São Judas Tadeu e cursar Administração ou Contabilidade, a exemplo de uma colega de trabalho, resolvi procurar emprego de modo a ter recursos para pagar um cursinho pré-vestibular e tentar ingressar na universidade pública.

Era o ano de 1984 e posso considerá-lo como um divisor de águas na minha formação como sujeito. As idas à Porto Alegre para trabalhar na Livraria e Editora Artes Médicas, então localizada na Avenida General Vitorino; a frequência às aulas noturnas do Bixo Vestibulares e a volta para a cidade dormitório de ônibus com os amigos Edson Schneider e Jane Mattos, futuramente meus colegas historiadores, fez toda a diferença. Os professores, João Luís Flores de Souza e Caio Carneiro da Cunha, me ensinaram muito do que eu precisava saber sobre a história do mundo e do Brasil, além de copiar textos no quadro verde sobre a “Revolução de 1964”, conforme me pedira na quinta série a professora Ingrid, da matéria Moral e Cívica.

Vinte anos após o golpe nefasto, o País vivia a efervescência dos anos 1980 e ensaiava os passos para sair do regime autoritário. Já era possível assistir filmes, como *Verdes Anos*, que se tornou um ícone do cinema gaúcho da reabertura (TRUSZ, 2016). Ainda em 1984, eu participaria da maior mobilização política do País, o Comício das Diretas Já. Pude ouvir com grande emoção as palavras de Olívio Dutra, de Tarso Genro, de Luiz Inácio Lula da Silva, de Leonel Brizola e tantos outros que lá estiveram. Certamente, essa foi a primeira de tantas manifestações políticas que passei a participar. Posso dizer que em 1984 tomou forma um ser político, a partir da sementeira e do cultivo, que teria sua vida marcada pelo engajamento no movimento estudantil, sindical e nas gestões municipais da Frente Popular na Capital gaúcha.

A tristeza com a derrota da Emenda Dante de Oliveira, que aprovaria as eleições diretas para a presidência, foi arrefecida com a minha aprovação no

Vestibular da UFRGS. Entretanto, isso somente ocorreu porque eu saíra do meu emprego de 8h diárias (inclusive sábados de manhã), após me desesperar diante dos conteúdos da disciplina de Física que estava vendo pela primeira vez na vida. Na minha formação de jovem pobre, o Ensino Profissionalizante instituído pela Lei 5692/72 foi competente em me afastar do desejo de uma formação universitária, destinada às elites. Lembro que caí no choro, certa noite, enquanto engolia a minestra que sobrara da janta. Meu pai acordou, mesmo passado de meia-noite e tendo que acordar às 5h para ir trabalhar, me consolou e disse para eu largar o emprego e me dedicar somente aos estudos. Essa não seria a última vez que meu pai demonstrava extrema empatia para com minhas dificuldades e me apoiava em meus planos.

2.2 Na universidade, nos loucos anos 1980

Já vejo casas ocupadas
 As portas desenhadas
 No vergonhoso muro da Mauá
 Os velhos nos cafés
 O Bar João em plena Kriegstrasse
 A saga violenta desse parque
 O cinza da cidade partido verde ao meio
 Cheiros peculiares ao recheio
 De um bolo de concreto
 Repleto de chucrute e rock'n roll
 E depois da meia-noite
 A fauna ensandecida do Ocidente
 Digitando em frente ao Metropol
 Berlim, Bom Fim
 Berlim, Bom Fim

(Berlim-Bom Fim,
 Nei Lisboa e Luis Henrique Gomes)

Ingressar na UFRGS era realizar um sonho, praticamente inalcançável para jovens da periferia. Mas lá estava eu, identificada com o número 2409/85, compartilhando com meus colegas de classe média as aulas, as refeições insossas do Restaurante Universitário e os espaços dos centenários edifícios da Faculdade de Engenharia e da Ex-Química, do Campus Centro, além das modernistas alas verdes e abertas do Campus do Vale. Eu tinha então 19 anos, mais velha e experiente que meus colegas de 16 anos. Alguns vinham pedir-me conselhos! No ano seguinte, fui admitida na CEURGS, uma das casas de estudantes da

Universidade. Meu cotidiano melhorou consideravelmente ao me mudar de Cachoeirinha para uma área central da Capital, próxima aos locais onde tinha minhas aulas. Mesmo a ida ao Vale, quarenta minutos nos sacolejos da Linha 42 pelas Avenidas Protásio Alves e Antonio de Carvalho, se tornava menos árida com uma hora a mais de sono todas as noites. Em Porto Alegre, passei a vivenciar a cultura do Bairro Bom Fim, vizinho ao que eu morava; transitar pela Avenida Oswaldo Aranha e frequentar a Lancheria do Parque, os bares Escaler e Luar Luar. Destes lugares, apenas a velha *lanchera* sobreviveu.

Infelizmente essa magia dissipou-se no ar, ao constatar que o Curso de Estatística que escolhera estava me causando sofrimento. Admitir o equívoco foi doloroso e graças a minha terapeuta Elaine construí em mim a possibilidade de desistir desta formação. Novamente, o apoio de meu pai foi fundamental. Ao aceitar que cálculos sem qualquer questionamento social não eram aceitáveis para mim, não foi difícil escolher cursar História. Tomada a decisão, matriculei-me em disciplinas eletivas na Faculdade de Educação e na modalidade Curso 2 na Licenciatura em História. Não obtive sucesso na transferência interna, então, tive que fazer novamente o vestibular. Em 1987, era uma graduanda em História.

Os anos de formação universitária foram incríveis para mim: descobri autores e autoras que me descortinaram novas compreensões do mundo; fiz leituras inusitadas, prazerosas e também sofríveis; desfrutei a alegria de ensinar de muitos mestres e mestras; vivenciei os conflitos do movimento estudantil e as disputas partidárias nas suas entranhas; organizei minha primeira atividade cultural, a I Semana Acadêmica do Curso de História; conheci pessoas maravilhosas que são meus amigos até hoje; varei a madrugada em horas de dedicação aos estudos, pois sempre fui uma estudante trabalhadora; tornei-me uma marxista dos quatro costados; lutei com meus colegas e conquistei aulas à noite para o Curso de História; adentrei na pesquisa científica como bolsista de iniciação; participei de uma greve estudantil; produzi muitos escritos sob forma de artigos, ensaios, fichamentos, projetos, monografias, provas e relatórios; espantei-me com Michel Foucault e caí num mar de dúvidas; fiz meu estágio curricular com uma turminha do primeiro ano do segundo grau na Escola Estadual Paula Soares; me formei na licenciatura; concluí o bacharelado; descobri a Nova História Cultural e os estudos urbanos; enfim, encantei e fui encantada pelo mágico universo universitário.

Concluí a licenciatura em 1991 e, no ano seguinte, o bacharelado em História. Ao contrário de muitos colegas, já estava atuando como pesquisadora mesmo antes de formada, graças às oportunidades que se abriram na Secretaria Municipal da Cultura, da qual explanarei na sequência. O contato acadêmico também me apresentou a Associação Nacional de História, que, orgulhosamente, participei da reativação da Seção Rio Grande do Sul, inativa desde a década de 1980, no ano de 1993¹. Desde então, sempre participei dessa rede de profissionais, principalmente como palestrante ou na organização dos eventos estaduais (figura 5) ou nacionais. e criei com outros colegas o GT Acervos: história, memória e patrimônio (figuras 6 e 7) e, mais tarde, o GT História, Imagem e Cultura Visual (figura 8). Entre 2012-2014, presidi a ANPUH-RS, com os queridos colegas Charles Monteiro, Claudio Sá e Arilson Santos Gomes. Com eles e mais uma comissão com membros de universidades de todo o estado, organizamos o XI Encontro Estadual de História, em 2012, na Universidade Federal do Rio Grande, que reuniu aproximadamente 1000 participantes e cujas principais palestras foram reunidas no dossiê História, Memória e Patrimônio, da Revista *Historiae* (2012).

Ainda na ANPUH, entre 2015 e 2017, também coordenei o GT Nacional História e Patrimônio Cultural, desejo acalentado pelos colegas pesquisadores e que atuavam no campo, quando coordenei a organização do Primeiro Seminário Nacional, realizado na Fabico/UFRGS (figura 9). Desde então, o GT segue firme na realização desses encontros bienais e nós temos um espaço exclusivo para refletir sobre a atuação da História nas problemáticas do patrimônio brasileiro. Além desse GT, tem sido sistemáticos os Simpósios Temáticos que organizo com a colega Letícia Julião da Universidade Federal de Minas Gerais, nos Simpósios Nacionais de História e que reúne pesquisadores interessados nas interfaces entre História, Museologia e patrimônio (figura 10)

A ANPUH RS e seus GTS sempre foram para mim um lugar de encontro de identidades e propósitos político-profissionais. A associação teve papel crucial em questões regionais e nacionais relevantes na defesa da regulamentação profissional e nas questões relacionadas ao ensino de história, à preservação da documentação histórica e do patrimônio cultural brasileiro, além de atuar em situações sensíveis

¹ A Associação Nacional de Professores Universitários de História foi criada em 1961. Em 1993, em assembleia geral, seus membros decidiram denominar a ANPUH por Associação Nacional de História.

quanto às tentativas de apagamento de determinadas memórias e perseguições políticas sofridas por colegas professores nas redes de ensino.

Figura 5 - Reunião da Comissão Organizadora do Encontro Estadual de História.



Fonte: Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, acervo da autora, 2008.

Figura 6 - Fórum de Acervos, organizado pelo GT Acervos da ANPUH RS, à esquerda Mario Tramontini, Primeiro Presidente da ANPUHRS após sua reativação.



Fonte: Câmara de Vereadores, acervo da autora, 1999.

Figura 7 - Visita técnica do GT Acervos a Rio Pardo.



Fonte: acervo da autora, 2008.

Figura 8 - Encontro Estadual do GT História, Imagem e Cultura Visual, com a conferência de abertura de Gonzalo Leiva (PUC Chile).



Fonte: PUCRS, acervo da autora, 2013.

Figura 9 - Abertura do Seminário Nacional História e Patrimônio Cultural, organizado pelo GT homônimo da ANPUH.



Fonte: Fabico/UFRGS, Fotografia de Vanessa Aquino, Porto Alegre, 2016.

Figura 10 - Simpósio Temático coordenado com Letícia Julião, Simpósio Nacional da ANPUH.



Fonte: Florianópolis, acervo da autora, 2015.

2.3 Dos bicos à Servidora Municipal

Conforme mencionei, começara a trabalhar muito cedo e nos intervalos entre um emprego e outro, lembro dos sentimentos de humilhação ao buscar uma nova colocação. Passado o dito “milagre econômico”, o País mergulhava numa crise, da qual desemprego e inflação galopante nos seus inacreditáveis 30% ao mês eram apenas algumas de suas características. Na universidade, aprendi a fazer pequenos bicos: fui coletora de dados em agências de pesquisas; ministrei aulas particulares de matemática para estudantes do Ensino Médio e, claro, dispus da valorosa Bolsa Trabalho, da Pruni, na qual passava horas tediosas a datilografar fichas da biblioteca do IFCH. Sabia que precisava ter um emprego estável e os concursos públicos foram minha escolha. Assim, ingressei na Prefeitura de Porto Alegre, em 1987, mesmo ano que iniciava a graduação em História.

Minha atuação no poder público municipal, especialmente na recém criada Secretaria de Cultura, foi a minha segunda formação. Ali aprendi o que não foi ensinado na universidade. Dois universos se amalgamaram e me constituíram para sempre: a formação de historiadora e a atuação na gestão cultural, especialmente na gestão dos museus e do patrimônio urbano. Inicialmente, ingressei na Secretaria Municipal da Fazenda e como minha função era administrativa, dedicava-me às tarefas burocráticas, ao mesmo tempo, em que salvaguardava um terço das 40 horas de trabalho, assegurado pelo Estatuto dos Funcionários Municipais, às aulas matutinas no Vale. À noite, voltava ao Campus para cursar as memoráveis disciplinas com o Professor Dario Ribeiro, entre uma baforada e outra de seu cachimbo fumacento que, felizmente, espantava os mosquitos borrachudos. A juventude garantia saúde e energia para enfrentar três turnos diários, como muitos de meus colegas estudantes trabalhadores.

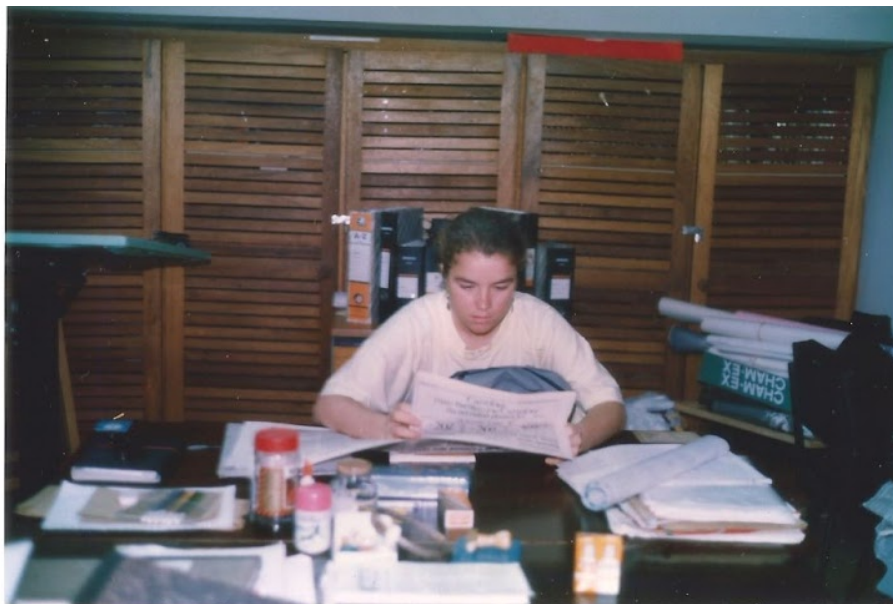
Ainda na Fazenda, participei de uma das maiores greves dos municipais, no ano de 1988. Era então a gestão do Prefeito Alceu Collares (PDT), primeiro negro no executivo municipal e minha secretária era Dilma Rousseff. A greve obteve tal sucesso que a cidade virou uma imundície de lixo não recolhido pelos garis e caminhões do Departamento de Limpeza Urbana. Bonito de se ver! O Prefeito era pouco empático com seus servidores e ainda determinou o desconto dos dias parados, levando-nos a mais uma batalha na Câmara dos Vereadores. Nessa ocasião, eu deixei para trás a ingenuidade de fura-greve e me envolvi diretamente nas manifestações em frente ao Paço dos Açorianos e pelas ruas da cidade. Neste movimento, laços de amizade foram tecidos com pessoas que marcaram profundamente minha vida e minha atuação profissional futura, a exemplo da querida Elisabete Tomasi. Não sei avaliar o quanto, mas essa greve alavancou a vitória do candidato Olívio Dutra do Partido dos Trabalhadores ao executivo municipal, dado que se tornaria também marcante na minha vida e carreira.

1988 também fora o ano das primeiras eleições diretas para presidente. Meu candidato e de uma geração era Luiz Inácio Lula da Silva e a esperança ressurgia na possibilidade concreta de alçar um operário metalúrgico na condução dos destinos do País. Minhas reminiscências vagueiam pelas imagens do comício grandioso que encheu a Esquina Democrática, cruzamento entre a Rua da Praia e a Avenida Borges de Medeiros. Eu vestia uma camiseta preta e estava identificada com o adesivo da campanha. Tinha que subir até a Avenida Duque de Caxias e

lecionar as aulas do meu estágio na Escola Estadual Paula Soares e fiquei em dúvida se deveria retirar o adesivo antes de entrar na sala de aula. Decidida, enfrentei os jovens estudantes secundaristas com meu posicionamento político no peito. As manobras da direita, mais uma vez capitaneadas pela Rede Globo, deram a vitória ao “caçador de marajás” Fernando Collor de Mello, cujo governo desmontou os órgãos de cultura, confiscou as poupanças dos brasileiros, entre outras medidas impopulares. Nós precisaríamos aguardar alguns anos para ver Lula subir a rampa do Planalto.

Apesar desta tristeza, 1989 iniciava a primeira gestão da Frente Popular em Porto Alegre. Esse ano e os próximos que viriam seriam um marco político na história da cidade, mas também do Brasil e mesmo internacionalmente, com a implantação de mecanismos de participação popular na administração municipal, como o Orçamento Participativo e as Conferências Setoriais. O novo prefeito recebera algumas boas heranças do seu antecessor trabalhista, entre as quais a conquista dos reajustes bimestrais dos servidores e a criação da Secretaria Municipal da Cultura, projeto concebido pelo Professor Joaquim José Felizardo (e pelas professoras que o assessoraram) e aprovado por unanimidade pelo legislativo. Recordo que a lei aprovada fora publicada no Diário Oficial de Porto Alegre e que ao conhecer seu conteúdo, ainda no setor fazendário do edifício da Prefeitura Nova, chamara-me a atenção a existência de um arquivo histórico, de um museu e de uma coordenação da memória na nova secretaria. Opa, eu pensei, esses lugares podem ser interessantes para eu trabalhar como historiadora futuramente. Eu nem imaginava que passariam apenas seis meses do início da Administração Popular para que a grande amiga e colega Elisabete Tomasi me convidasse para dividir com ela as funções da Assessoria de Estudos e Pesquisas da SMC, então localizado em uma sala do subsolo do Centro Municipal de Cultura (Figura 11). Que alegria entrar na Cultura, como sempre denominamos carinhosamente aquela secretaria.

Figura 11- Em minha mesa, na sala compartilhada entre ASSESPE, ASSEPLA e Coordenação de Descentralização da Cultura.



Fonte: Subsolo do Centro Municipal de Cultural, acervo da autora, 1990.

Ali foi minha segunda formação, conforme mencionei. Tínhamos reuniões semanais das coordenações e assessorias com o Secretário Luis Paulo de Pilla Vares e, depois, com a secretária Margarete Moraes, sua sucessora. Eram debates intensos e acalorados entre representantes das diversas áreas culturais: teatro, música, artes visuais, patrimônio, cinema, humanidades, livro e literatura. Eu ali no meio, assustada, de boca fechada e cara amarrada, só escutava! Além do trabalho intenso, o usufruto de milhares de atividades culturais oferecidas à população, a partir de então: exposições, espetáculos musicais, peças teatrais, dança, cursos, biblioteca, museu, ações educativas para a leitura, edição de livros e revista, oficinas descentralizadas nos bairros e tantas coisas que fizemos impossíveis de recordar em sua quantidade e multiplicidade. Ali aprendi a conceber e realizar projetos culturais e, principalmente, a defender politicamente um projeto mais amplo de visão de cultura e de sociedade.

Aqui cabe um adendo referente a minha atuação política nesse momento. Nunca fui filiada ao Partido dos Trabalhadores. Posso dizer que foi uma oportunidade incrível ser servidora municipal justamente no momento histórico que a Administração Popular galgou seus primeiros passos. A busca de quadros entre os servidores foi inevitável pelos coordenadores culturais que assumiram, como ocorreu comigo e outros colegas de outras secretarias ou departamentos, pois os

Cargos em Comissão (CCs) eram poucos. Para delinear e realizar as propostas de campanha precisavam de pessoas afinadas técnica e politicamente com a gestão que iniciava. Jamais fui cooptada, como certa vez afirmou certo vereador do PT que não merece aqui menção do nome. Muito antes de ser convidada por alguns coordenadores para ir para a Cultura já havia assumido meu lado político, à esquerda e com voto no PT.

Na Assessoria de Estudos e Pesquisas engajei-me nas sondagens de viés sociológico lideradas por minha chefe. Para minha alegria, porém, não tardaram a aparecer demandas de trabalhos específicos da minha formação. A primeira delas foi a história do Atelier Livre de Porto Alegre que resultou na publicação *Atelier Livre 30 Anos* (PORTO ALEGRE, 1992). Além das pesquisas, contribuía com meus escritos sobre a história de Porto Alegre e outros temas na recém criada revista *Porto & Vírgula*, editada pela jornalista e amiga Susana Gastal (POSSAMAI, 1992, 1993).

Depois veio o convite para compor uma parceria com a direção e com os colegas do Museu de Porto Alegre para organizar uma exposição sobre o carnaval da cidade. Esse estudo e seus resultados foram das atividades mais gratificantes que realizei e que me fizeram decidir atuar nos museus. Era minha primeira experiência de curadoria de exposição. A escolha do tema era provocadora, pois a mostra foi aberta na Semana de Porto Alegre, justamente no museu da cidade, cuja história privilegiava a chegada do sesmeiro Jerônimo de Ornellas e dos 60 Casais Açorianos. O desejo do grupo era propor outras histórias, especialmente dos grupos silenciados pela historiografia, no caso, os negros que faziam o carnaval em Porto Alegre, enquanto a maioria da população de classe média e alta rumava pela *free way* ao litoral. Para compor a mostra, consultamos documentos escritos no arquivo histórico municipal, bem como o jornal Zero Hora e seu acervo fotográfico, gentilmente cedido pelo saudoso Espaço Memória RBS, hoje fechado. Também fomos a campo e entrevistamos os dirigentes de várias escolas de samba. Lá íamos nós com gravadores em punho, no veículo oficial, rumo ao Morro Santana, à Restinga, à Vila do IAPI, e aos bairros da Zona Sul e da Zona Norte. Foram mais que coletas de depoimentos, nesse processo investigativo vivenciamos o ser carnavalesco e fazer carnaval para milhares de pessoas aglutinadas em torno do Bambas da Orgia, da Tinga, da Imperadores do Samba, da Vila do IAPI, da Praiana, entre outras escolas de samba e comunidades periféricas. Nessa ocasião,

vivenciava o lugar de pesquisadora pertencente a um órgão municipal, para o qual eram dirigidas muitas demandas da população. Era possível separar esses aspectos? Como não se tornar uma escuta de queixas sobre questões que fugiam a nossa competência?

A exposição no museu teve tal sucesso que seguimos com uma exposição itinerante pelas escolas de samba de Porto Alegre, nos moldes “o museu vai à escola” (de samba, nesse caso). Sem saber, também desenvolvia o desejo de educar e de democratizar o museu e os conhecimentos científicos alcançados, além de “dar voz” aos oprimidos e silenciados, na verve das práticas com História Oral difundidas na época. A pesquisa ainda gerou o livreto *Carnavais de Porto Alegre*, de minha autoria com Flavio Krawczyk e Iris Germano, por muitos anos único estudo publicado sobre o carnaval porto-alegrense (KRAWCZYK, GERMANO, POSSAMAI, 1992).

Se essa experiência me introduziu no mundo dos museus, a entrada na Comissão de Restauro do Mercado Público de Porto Alegre foi uma imersão no campo do patrimônio. No Brasil, à época, esta fora uma das raras restaurações de bem arquitetônico tombado a partir de uma abordagem multidisciplinar. Ali convivi, aprendi e debati com arquitetos, economistas, historiadores, cineastas as diversas facetas de um dos mais relevantes patrimônios da cidade, utilizado por milhares de frequentadores ao longo de várias décadas. Pude experimentar nas inúmeras controvérsias a aplicabilidade do conceito de campo de Pierre Bourdieu (1996) e desenvolvido por Nestor Canclini para a problemática em questão: “o patrimônio deveria ser concebido como um campo de disputas por representações e práticas vinculadas aos bens culturais” (CANCLINI, 1992). Nesse lugar, também descobri o quanto o saber histórico, no seu viés positivista, era visto como uma ferramenta documental subordinada ao olhar arquitetônico que privilegiava as questões materiais, formais e estilísticas do bem, sem uma preocupação com as relações sociais e com as apropriações culturais feitas pelas pessoas. As intervenções no espaço eram propostas e desenhadas sem amplo conhecimento da complexidade dos usos cotidianos que faziam diferentes grupos sociais daquela edificação centenária.

Essa abordagem não me satisfazia e era muito bem ocupada pela colega historiadora Elisabete Breitman, da Equipe do Patrimônio Histórico-Cultural (EPHAC), cujo arquivo de documentos coletados era consultado sistematicamente.

Assim, busquei um modo de contribuição da História para além do documental escrito e que contemplasse os sujeitos, especialmente afrodescendentes, que davam vida à materialidade cuja intervenção seria drástica. Minha maior preocupação e de outros colegas, como as arquitetas da EPAHC Helena Machado e Dóris Oliveira, era que o restauro da edificação pudesse interferir em usos e em práticas culturais tecidas ao longo de anos da presença das pessoas naquele lugar. Depois de conversar com alguns professores, foi uma palestra do professor e grande mestre Ulpiano Bezerra de Meneses, realizada na Assembleia Legislativa, que apontou um caminho promissor a ser trilhado: pesquisar a partir de determinadas problemáticas identificadas no campo empírico. Duas indagações pulsavam, então, entre alguns dos membros da equipe preocupados com os sujeitos que frequentavam o mercado: as práticas vinculadas ao Bará e a frequência aos bares longevos, localizados nas bordas dos quadrantes. Nessa ocasião, eu cursava disciplinas de Antropologia I na Universidade Federal com as professoras Ceres Victoria e Cornélia Eckert e foi inevitável lançar mão do método etnográfico para compreensão dessas duas questões. Sem poder detalhar aqui as descobertas das entrevistas e observações realizadas, muitas publicadas e aprofundadas por outros pesquisadores (POSSAMAI, 1993; VARGAS, 2017; ORO, ANJOS, CUNHA, 2007), o mais relevante naquele momento foi proporcionar dados com vistas a não prejudicar os usos consagrados do mercado por religiosos de matriz africana e *habitués*, bem como trazer para o debate público e democrático na cidade aspectos culturais restritos a grupos historicamente silenciados, como era especialmente o caso dos batuqueiros. Também nesta ocasião, participei de um exercício de etnografia visual proporcionado pelo PPG de Antropologia da UFRGS. Aprendi os rudimentos do fazer fotográfico com Eduardo Achutti e Fernando Schmidt e montamos uma exposição fotográfica intitulada *Anônimos do Mercado Público*, resultado da oficina, montada no Largo Glênio Peres e com total apoio de René Cabrales, então Chefe do laboratório fotográfico do Gabinete de Imprensa da Prefeitura, onde revelamos e ampliamos as imagens, e do Secretário Zeca Moraes, que aceitou financiar a guarda privada dos painéis envidraçados por 24 horas no período de um mês da mostra.

Em 1993, iniciava o segundo mandato da Frente Popular com o prefeito Tarso Genro. A secretária de cultura Margarete Moraes, que conhecia meu trabalho há quatro anos, me convidou, então, para assumir a direção do Museu de Porto Alegre,

no mesmo ano denominado Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, em homenagem ao idealizador da pasta para a cultura. Se a equipe de restauro do mercado havia sido um desafio, mal sabia o que me aguardava à frente de um museu. Eu necessitaria de muitas páginas para narrar a totalidade de minhas descobertas, meus aprendizados e desafios enfrentados na gestão de pessoas e recursos de uma instituição museológica. Neste museu, tornei-me “museóloga”, sem nunca ter cursado essa graduação. Minha formação foi autodidata, através das raras leituras disponíveis e da escuta atenta de profissionais com os quais tive o privilégio de conviver nesse período, entre os quais destaco: Pedro Vargas, Flavio Krawczyk, Vera Thadeu, Fernanda Tocchetto, Maria de Fátima Monteiro, da equipe do museu; Hugues de Varine e Pierre Mayrand, de outros países, e Maria Cristina Bruno, Ulpiano Bezerra de Meneses, Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grumberg, Ana Lucia Goelzer Meira, Marcelo Araújo, Marcelo Cunha, de outros estados brasileiros, entre tantos outros.

Ao estudar Museologia, logo me identifiquei com os pressupostos e práticas da Sociomuseologia. No Museu de Porto Alegre, nossa política era voltada para a problematização de temas e sujeitos apagados da memória dos porto-alegrenses, como o carnaval, as religiosidades, os indígenas e afro-descendentes, e para a implementação de projetos educativos voltados especialmente para os públicos periféricos e não frequentadores do museu. Ao iniciar a gestão, um estudo de público, a partir dos registros de visitas de escolas, propiciou o conhecimento dos principais visitantes do museu: estudantes e mestres das escolas privadas. Não era de estranhar esse diagnóstico, pois as escolas dos setores médios da sociedade consideram relevante a formação cultural de seu alunado e mantém no seu planejamento anual diversas visitas a museus, a sítios históricos ou a propriedades rurais, em muitos casos subvencionadas pelos próprios pais. Porém, não ocorre o mesmo com estudantes das escolas públicas, localizadas em zonas periféricas da cidade e afastadas das instituições culturais. Desse modo, com vistas a ampliar esse público, criamos o projeto *Aula no Museu*, coordenado pela Professora Fátima Monteiro, destinado às crianças dos anos iniciais provenientes preferencialmente de escolas públicas, e o *Noite no Museu*, destinado a estudantes das escolas noturnas, especialmente do Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Além desses projetos sistemáticos e que alcançaram um grande público, realizamos diversos cursos, oficinas e ações culturais com o objetivo de atrair públicos diversos para o museu:

teatro; oficinas de arqueologia; música no Solar; cinema no museu, entre muitas atividades. Passamos a marcar as comemorações do aniversário do museu, ocasião na qual reunimos diversas atividades em prol da visibilidade daquele espaço para os porto-alegrenses.

Contudo, não fazia sentido atrair os porto-alegrenses para um espaço cultural cuja missão ainda estava em definição. Uma das minhas principais tarefas nesta gestão foi coordenar com a equipe a delimitação clara de um conceito de museu de cidade² e expressar essa missão numa expografia renovada. Assim, foram anos de estudo, diálogos com consultores e debates para conceber e montar uma nova exposição de longa duração que se intitulou *Porto Alegre: uma história em três tempos* (PORTO ALEGRE, 1998), além de musealizar o torreão do solar de acordo com seus usos históricos e propor a abordagem do próprio museu na sala de entrada por meio de um vídeo documentário (POSSAMAI, 2001).

Figura 12 - Solenidade de abertura da Exposição de Longa Duração do Museu de Porto Alegre.



Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, 1996.

² Quando assumi a direção, o Museu de Porto Alegre tinha várias identidades: estava abrigado no Solar Lopo Gonçalves, tinha uma Sala da Associação Comercial de Porto Alegre, era chamado de museu do bonde, devido ao veículo estacionado no pátio e, para completar, recebeu, por razões políticas e alheias à vontade da equipe do museu, a denominação de Joaquim José Felizardo. Considero que o trabalho realizado, desde 1989, equacionou essas confusões e consolidou o conceito e a missão do museu como Museu de Porto Alegre, cujo objeto de problematização é a cidade e as relações sociais nela estabelecidas.

Com as colegas da coordenação da memória participei ativamente na criação do Programa de Educação Patrimonial, então coordenado por Marise Vemtimiglia, que originou diversos projetos muito interessantes, no Arquivo Histórico de Porto Alegre (Papel Antigo, Papel Velho e Vivo Toque) e nos bairros da cidade (Ações na Vila do Cristal, área a ser removida para implantação do Barra Shopping Sul, no Bairro Santa Teresa, no Mercado Público, entre muitos outros). Quando assumi a coordenação, era meu desejo tentar criar em Porto Alegre iniciativas em museologia comunitária. Chegamos a visitar a Ilha da Pintada com Hugues de Varine, mas consideramos mais promissor aproveitar a iniciativa dos servidores do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU). Assim, Patricia Berg Oliveira e Silvia Gomes protagonizaram a arrancada para a implantação de um museu comunitário da limpeza urbana, cuja sede localizar-se-ia na Zona Sul da cidade.

É importante mencionar que quando comecei a atuar no Museu de Porto Alegre soube da existência do Conselho Internacional de Museus, uma organização criada logo após a Segunda Guerra Mundial, que congregava os profissionais dessas instituições em prol de seu aperfeiçoamento, de trocas de experiências e de tomadas de decisões de extrema relevância que repercutiam em todo o mundo. Imediatamente associei-me e, desde 1993, como membro passei e receber os materiais, tais como a Revista *Museum Internacional* e outras publicações dos comitês temáticos, o que permitia uma atualização com os parâmetros internacionais da Museologia. Alguns anos mais tarde, entre 2000 e 2003, compus a diretoria do Comitê Brasileiro do Icom com os colegas Antônio Bolcato Custódio, arquiteto do IPHAN, e Flavio Luiz Seibt, diretor do Museu de Venâncio Aires; em diversas gestões posteriores, atuei como membro do Conselho Fiscal ou do Conselho Consultivo. Nas gestões entre 2017-2020 e a atual, 2021-2024, atuo como membro do Conselho Consultivo e destaco a rica discussão sobre a definição de museu encaminhada pelo comitê brasileiro ao ICOM, bem como minha atuação como representante do órgão na Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC), que atua na deliberação sobre projetos encaminhados à Lei Rouanet.

Mas a direção do Museu de Porto Alegre seria apenas um dos capítulos do resto da minha vida de gestora cultural e do patrimônio. No terceiro mandato da Frente Popular, com o historiador Raul Pont como prefeito, fui convidada a assumir a Coordenação da Memória Cultural, órgão que tinha sob sua gerência não apenas o museu que dirigira, mas também o Arquivo Histórico, o Centro de Pesquisa Histórica

(CPH) e a Equipe do Patrimônio (EPAHC). Esta foi, sem dúvida, uma segunda escola: imersa no campo de conflitos do patrimônio, aprendi a enfrentar diariamente alegrias e dissabores. Nestor Canclini (1992), aqui já mencionado, me orientava sem me oferecer soluções aos inúmeros dilemas. Como conciliar os saberes técnicos com interesses econômicos daqueles que buscam apenas o lucro com a exploração do solo urbano? Como atender às inúmeras demandas de um projeto político atacado por todos os flancos? Como dialogar com pesquisadores que acreditam numa visão teleológica da história? Como motivar servidores taxados de morosidade e incompetência por gestores que não compreendem e não querem aprender sobre a complexidade da preservação do patrimônio? A coordenação da memória era o *locus* de amortecimento de todas essas pancadas e todos esses pontapés. E eu estava bem ali. Nesse contexto, o terceiro burnout foi inevitável.

Figura 13 - Minha posse como Coordenadora da Memória Cultural, da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.



Fonte: Casa Godoy, Porto Alegre, acervo da autora, 1999.

Entretanto, uni todos os meus esforços para equacionar uma lista de demandas de ações inconclusas que me foram legadas. Nem tudo foi difícil, como trabalhar na Casa Godoy, casa *art nouveau* em mal estado de conservação e que me acometeu sistematicamente de rinite. Foi gratificante entregar aos moradores de Belém Velho a pintura de sua capela; foi divertido tratar com os espanhóis a compra

de azulejos da cerâmica Talavera de La Reina para restauro da Fonte em frente ao Paço Municipal (posteriormente completamente deformada por restauro incompetente); foi desafiador dar os passos para o tombamento do Centro Histórico para pleitear os recursos do Programa Monumenta (posteriormente, entregue a outra secretaria sem consulta a quem se esforçou para captar mais de um milhão de reais, à época); foi pedagógico debater as dúvidas entre preservar ou destruir edificações históricas para a abertura da terceira Perimetral, a grande obra da Administração Popular; foi hilário sermos chamados de “seitas” pelos colegas de outras secretarias que não compreendiam nossos pontos de vista; foi instigante iniciar nas práticas de museologia comunitária com os trabalhadores da limpeza urbana; foi recompensador entregar à cidade a restauração do Solar da Travessa Paraíso e idealizar o Centro de Educação Ambiental e Patrimonial, que nunca saiu do papel; foi bonito inaugurar o Memorial do Mercado Público; foi um dever dar continuidade às atividades do Museu, do Arquivo, do CPH e da EPAHC; foi estimulante organizar com Vitor Ortiz o Seminário das Mercocidades Cidade & Memória na Globalização, com convidados internacionais da Argentina, México e Uruguai (POSSAMAI, ORTIZ, 2002); entre muitas outras atividades realizadas e incêndios apagados.

Às vezes, ao olhar para trás, avalio que eu não tinha a tranquilidade requerida para estar naquele lugar, embora avalie ter feito um bom trabalho enquanto lá estive. Mas outro motivo, de ordem pessoal, me fez desistir do cargo e não continuar como terceiro escalão no quarto e último mandato da Frente Popular: o desejo de ser mãe. O incontornável stress cotidiano agia diretamente em meu sistema nervoso central, que, por sua vez, enviava mensagens aos meus hormônios, que não me permitiam engravidar. Sem nenhuma dúvida, considerava esse projeto mais importante que estar à frente da Coordenação da Memória de Porto Alegre; estava exaurida de todas as minhas forças e completamente destituída de vontades, exceto a de ser mãe. Então, Margarete Moraes aconselhou-se a participar da Unidade Executora do Projeto Monumenta³, que iniciava seus trabalhos. Alojei-me temporariamente no Memorial do Mercado Público e de lá tomei as providências para aquisição do

³O Programa Monumenta foi criado em nível federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, com chancela da UNESCO e recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Abarcou 20 cidades brasileiras com sítios históricos tombados como patrimônio nacional. Em cada município, recebia a denominação de Projeto Monumenta e tinha uma Unidade Executora local.

mobiliário do escritório do segundo pavimento, onde por vários anos fomos liderados pela saudosa arquiteta Briane Bicca. Infelizmente, anos depois, esse lugar, assim como toda a documentação do Projeto Monumenta Porto Alegre virou cinzas por ocasião de um incêndio nos altos do Mercado. Esses foram os últimos anos de atuação na Prefeitura e, mais uma vez, tive o privilégio de compartilhar um laboratório de aprendizados e descobertas sobre a gestão do patrimônio urbano. Desta vez, muitos recursos públicos, advindos do BID através da União, estavam à disposição, mas a execução dos projetos era das tarefas mais desafiadoras e que Briane realizava com maestria e com extrema paciência para articular todos os agentes e esferas envolvidos. Dei minha contribuição ao Monumenta como pesquisadora, mas também como partícipe ativa nas discussões e tomadas de decisões. Orgulho-me muito de todos os ótimos resultados proporcionados à área tombada no Centro Histórico, entre os quais destaco: restauro do pórtico do Cais do Porto; escavações arqueológicas na Praça da Alfândega e evidência do porto de 1856; reestruturação da mesma praça; restauro de várias edificações privadas e públicas (MARGS, Memorial do Rio Grande do Sul, Museu Hipólito, Palácio Piratini, Biblioteca Pública, entre outras); instalação do tambor, primeiro marco do Museu de Percurso do Negro, entre outros. Contudo, alguns projetos ficaram sem execução, como, por exemplo, o Projeto Interpretativo do Centro Histórico, concebido com o colega museólogo e historiador Pedro Vargas.

Nessa época, ingressei no PPG em História para cursar o Doutorado, assunto ao qual abordarei na sequência desta escrita. Terminada a tese e afastada da Prefeitura para Licença de Tratamento de Interesse, pude aceitar o convite para assumir, no Centro Universitário Metodista (IPA) a concepção, implantação e coordenação do Curso de História; a coordenação do Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos e Educação para a futura implantação de um mestrado na área; além da Coordenação do Museu IPA (projeto idealizado, mas não executado). Permaneci pouco tempo nesse posto, pois ao finalizar o doutorado, aguardava o primeiro concurso da UFRGS para me candidatar, o que veio a ocorrer ainda em 2005. Meu lugar era o serviço público, sempre tive essa convicção.

Figura 14 - Visita técnica no Centro Histórico de Porto Alegre com alunos do Curso de Turismo, do Centro Universitário Metodista – IPA.



Fonte: Igreja das Dores, Porto Alegre, acervo da autora, entre 2002-2006.

2.4 Os estudos fora do País

A releitura do artigo *Itinerário de uma garrafa de sidra* de Thierry Bonnot (2015), transportou-me para a França, mais precisamente para a região da Borgonha e ao Ecomuseu de Le Creusot-Montceau, pioneiro dessa tipologia no mundo, e onde eu escolhi fazer meu estágio de dez dias, ao participar do Programa Courants do Ministério da Cultura e dos Negócios Estrangeiros da França, no ano de 1997. Em 2014, encontrei à venda no Festival de Arte de Fontainebleau o livro da tese do mesmo autor, intitulado *La vie des Objets* (BONNOT, 2002); ao folhear suas páginas, percebi que a pesquisa tinha como campo empírico as cerâmicas da região de Le Creusot, algumas produzidas na já obsoleta fábrica de Ciry-le-Noble e incorporadas nas coleções do ecomuseu. Pela biografia do autor, constatee que o pesquisador trabalhava em Le Creusot quando fiz lá meu estágio. Eu havia visitado, na sua companhia e do diretor Patrice Noteghen, o canteiro das obras de restauração desta edificação. Era incrível reencontrar esse lugar e seu patrimônio, depois de tantos anos através da investigação do historiador Thierry Bonnot, agora também um antropólogo da cultura material. Porém, para contar sobre essa estada

em Le Creusot e sobre minhas impressões quando lá estive, necessito retornar alguns anos antes.

Conheci Hugues de Varine em 1994, quando estive em Porto Alegre a nosso convite para participar da formação de aperfeiçoamento intitulada Museologia Social (POSSAMAI, LEAL, 2000). Como mencionei anteriormente, vários profissionais de museus vieram à cidade para ministrar palestras neste curso e esta fora uma oportunidade inigualável para dialogar com profissionais de renome nacional e internacional. Hugues, acompanhado de Maria de Lourdes Parreiras Horta, além de ministrar a formação, participou de reuniões do Orçamento Participativo que, então, ganhava projeção internacional pelo ineditismo de aplicar na gestão pública dos recursos municipais a participação direta dos cidadãos. Varine, como bom e velho membro do Partido Comunista Francês, encantou-se com as reuniões do OP realizadas nos bairros periféricos de Porto Alegre e com as conversas que teve com o prefeito Tarso Genro e seu secretário de planejamento Ubiratan de Souza, autores do livro traduzido por Hugues ao francês e que recebera o título *Quand les habitants gèrent vraiment leur ville: le Budget Participatif, le expérience de Porto Alegre au Brésil* (GENRO, SOUZA, 1998). Ao folhear essa obra em minha biblioteca, para esses escritos, encontrei o cartão postal enviado de Paris por Hugues com os seguintes dizeres: "Voilà le livre promis. Il se vent très bien en France, mais à quand l'application de la méthode?" Não sabia meu amigo, à época, que o OP seria implantado finalmente em Paris na gestão da Prefeita Anne Hidalgo, a partir de 2014.

Das palavras de Varine escutei sobre a experiência pioneira na Europa do Ecomuseu de Le Creusot e minha curiosidade aguçou-se tremendamente, embora, meu querido amigo tenha me alertado que eu aprenderia mais com a experiência dos museus comunitários do México. Ah, colonialidade do saber que morava em mim e da qual, apenas hoje, decorridos mais de duas décadas, tento criticar e me esquivar! Com Varine, elaborei um programa de estudos na França que acabou por se realizar somente quando chegou às minhas mãos a divulgação do Programa Courants acima mencionado, totalmente financiado pelo governo daquele país.

Tal estágio compreendia 20 dias na capital francesa e 10 dias em uma instituição escolhida pelo candidato. Eu escolhi para a segunda parte da estada o Ecomuseu de Le Creusot, fato que gerou admiração dos organizadores da Maison du Monde, órgão que gerenciava a formação de 48 profissionais da área cultural,

provenientes, sobretudo, de países do Leste Europeu e da América Latina. Recordo com alegria e saudosismo os momentos de aprendizado e de sociabilidade com colegas da Polônia, da Bulgária, da Romênia, da Macedônia, da Rússia, de Montenegro, do Chile, do México, da Argentina, de Portugal, entre outros que me fogem a memória. Eram fotógrafos, dançarinos, atores, diretores, produtores culturais, museólogos que tinham a oportunidade de delinear e consolidar projetos e parcerias com o governo francês de modo direto. Do Brasil, participavam apenas eu e uma colega produtora cultural do Rio de Janeiro.

Essa era minha primeira experiência internacional fora do continente americano; tudo era novidade para mim e estar no país de onde provinha um bom percentual da bibliografia que lera na minha formação em História e em Museologia era indescritível. Os sorrisos largos das minhas imagens fotográficas produzidas nessa viagem falam por si. Finalmente, eu conhecia *in loco* os famosíssimos museus de Paris que tanto visitara na imaginação (Louvre, Orsay, Cluny, Carnavalet, Picasso, Rodin, Quai Branly, La Villette, Centre Georges Pompidou (Figura 15), entre tantos outros), além da recém inaugurada Biblioteca Nacional, cuja grandiosidade da arquitetura me arrebatou; a sede do ICOMOS, onde tive uma aula sobre a configuração urbana de Paris, além dos pontos turísticos incontornáveis (Torre Eiffel, Trocadero, Arco do Triunfo, Jardim das tulherias, Place des Vosges, Jardim de Luxemburgo, bairros Quartier Latin e Marrais, etc). Até então, eu sentia a falta que fazia para a minha formação em Museologia conhecer esses museus, alguns centenários, que conhecia através da leitura de Danièle Giraudy e Henri Bouilhet (1990), Stephen Bann (1994), Dominique Poulot (1997), Hugues de Varine (1987, 2000), Georges Henri Rivière (1989) e outros autores. As viagens pelos trajetos enredados do metrô enchiam de encantamento a Alice no País das Maravilhas que só rompeu com essa imagem idílica de Paris quando visitou a *banlieue*, onde se localizava a reserva técnica do Museu de Artes Populares (sim, aquele de George Henri Rivière!). Ali, pela primeira vez, eu contemplei deslumbrada uma edificação de nove mil quadrados totalmente em aço, construída especialmente para acondicionamento de coleções museológicas, além de ver a face negra dos imigrantes oriundos dos países africanos.

Figura 15 - Minha visita ao Centro Georges Pompidou.



Fonte: Paris, acervo da autora, 1997.

Encerrada a etapa parisiense, rumei à Borgonha num TGV, também encantada pela novidade desse meio de transporte que une em poucas horas pontos distantes do continente europeu. Primeiramente, cheguei a Lyon, onde conheci o Museu Gadagne, o Museu e Parque Arqueológico Galo-Romano, o Museu dos Tecidos, o Museu da Imprensa e pontos históricos relevantes de uma das cidades mais importantes e belas da França. Na visita ao Museu Gadagne, pude observar que os museus das províncias podiam não ser tão bem cuidados como os parisienses, além de constatar que problemas de identidade museal não era exclusividade do Museu de Porto Alegre⁴. Assim, comprovei que o Museu Gadagne era um contra-exemplo da Museologia francesa, conforme havia me antecipado Pascale Hamon, um dos coordenadores da visita. C'est vrai!

De Lyon fui à Le Creusot, onde tive como cicerone o arquiteto Bernard Clement. No meu diário escrevi:

Primeira visita à Le Creusot - Museu do Homem e da Indústria (02.06.1997) e visita à cidade de Le Creusot (03.06.1997), na companhia do arquiteto Bernard Clement. O Ecomuseu compreende 4 museus e todo o território de Le Creusot-Montceau e o patrimônio industrial. A cidade de Le Creusot tem como centro o Chateau de la Verrerie, fábrica de vidros e cristais de Maria Antonieta, construída em 1781. Após a decadência, no início do século XIX, o lugar foi adquirido por Schneider que iniciou uma grande epopéia industrial na área da metalurgia. No apogeu, Creusot chegou a ter 25 mil operários. As construções colocam lado a lado moradia e trabalho. É um

⁴O museu Gadagne pretendia ser o museu histórico da cidade de Lyon, mas por ter recebido uma coleção de marionetes também era o Museu Internacional da Marionete, além de estar sediado em um hotel, de construção finalizada no século XVII, cuja propriedade posterior de ricos banqueiros florentinos de sobrenome Gadagne legou essa denominação à posteridade.

testemunho da Revolução Industrial na Europa. As casas operárias, a maior parte preservada, são construídas conforme o modelo das cidades-jardins. Porta e janela na calçada e um pátio no fundo com um jardim que se liga ao terreno contíguo. É uma arquitetura homogênea. O industrial previu também a construção de escolas para formação de seus operários. Ainda hoje, Le Creusot exporta engenheiros para o mundo todo. Tem uma usina em Taubaté, no Brasil, construída por engenheiros de Creusot, no governo Kubitschek. No século XIX, Creusot fabricava locomotivas (a última construída foi para o Brasil) e armamentos. Hoje, há mais ou menos 3 mil operários em indústrias super modernas que exportam peças para o mundo. O metrô de Nova Iorque adquire peças aqui, assim como o TGV. (POSSAMAI, 1997)

Dois dias depois, conduzidos pelo Diretor do Ecomuseu, arquiteto Patrice Notteghem, fomos visitar Dijon, onde recebemos o Presidente do Ecomuseu de Le Creusot, Professor da Escola de Altos Estudos Louis Bergeron e uma colega italiana que não recordo o nome. Naquela cidade, conhecemos o Museu Arqueológico, localizado numa igreja, e o Museu da Vida Bourguinhona. Após o almoço, seguimos viagem de carro, pelas estradas da Borgonha, de onde provém famosos vinhos franceses. Eu observava a paisagem e seus castelos, assim como tentava escutar os comentários de Monsieur Bergeron sobre o Brasil, segundo ele, um “país louco”. Julguei que a loucura do meu país decorria de minha cor da pele, não me fiz de rogada e já entabulei uma conversa sobre eu ser do sul do Brasil, etc e tal. Percebi que Monsieur talvez conhecesse pouco do Brasil e que gostaria de conhecer Paraty. Pensei com meus botões: por que será Paraty e não Pelourinho ou as cidades mineiras? Mas resolvi restringir minha conversa apenas com a colega italiana que fazia questão de corrigir meus erros de francês.

No caminho, visitamos uma fábrica de medalhas a ser desativada. Ali fomos recebidos por um simpático velhinho, o último operário que dominava o ofício, quase desaparecido, de manufatura e impressão de medalhas. Felizmente, em meu diário do dia 4 de junho de 1997, registrei o objetivo desta visita a campo: o proprietário havia procurado o museu para negociar o maquinário, tendo em vista que a fábrica fecharia suas portas, após a aposentadoria deste último empregado. Com as explicações detalhadas deste senhor, o grupo teve a oportunidade de conhecer as várias etapas do fabrico e da gravação de imagens desses pequenos amuletos, largamente comercializados.

Meus dias em Le Creusot foram misto de aprendizado e solidão. Durante a semana, na companhia da equipe, conhecia os diversos museus, alguns distantes da área central da cidade. Quando não tinha visitas ou reuniões programadas,

refugiava-me na biblioteca e lia tudo que podia sobre a história do município e da região. Aprofundei os estudos sobre o desenvolvimento industrial no século XIX, advindo da chegada de Schneider que a partir de sua metalúrgica fornecia máquinas e veículos em ferro para diversos países, inclusive o Brasil quando implantava suas estradas de ferro no auge da cafeicultura. Com a nova fase do capitalismo e a adoção da automação industrial, a crise atingiu a região; fábricas foram fechadas e o desemprego inevitável. O ecomuseu foi uma estratégia de desenvolvimento no sentido de preservar o patrimônio ambiental, arquitetônico e industrial da região. Constituiu-se em um plano que reuniu conservadores e instâncias governamentais de vários municípios com a extensão do Ecomuseu para Le Creusot-Montceau.

O ecomuseu compreendia, no dizer de Varine, um museu estilhaçado no território. Pude visitar várias dessas antenas, como eram chamados os museus menores, cuja coordenação ocorria a partir do Museu do Homem e da Indústria, localizado no antigo Castelo da Vidraria, anteriormente mencionado. Um desses pontos, era uma das fábricas já obsoletas, a cerâmica de Ciry-le-Noble, anteriormente apontada. Enquanto aqui no Brasil, esse tipo de fabrico quase artesanal subsistia em 1997, na França já estava em desuso desde os anos 1960. A fábrica seria musealizada e o ecomuseu envolvia os antigos operários na obra de restauração como artífices e também nas ações culturais que realizava. Na minha visita, uma reunião teria por propósito organizar com os ex-operários a mediação de uma exposição a ser montada no próprio local da obra (figura 16). Patrice Notteghem explicou-me que o ecomuseu atuava em parceria com uma associação beneficente para dependentes alcoólicos e químicos, problema de saúde que acometia muitos dos trabalhadores aposentados ou desempregados. Eram em sua maioria senhores com aproximadamente 60 anos, embora também houvesse alguns mais jovens. A obra de restauração também se constituía em ação social e manteria aquelas pessoas com emprego pelo menos nos próximos sete anos.

Além de Ciry-Le-Noble, visitei o Museu da Escola, o Museu do Canal e o Museu da Mina. No Museu da Escola, localizado no município de Montceau-les-Mines, fomos recebidos por duas professoras aposentadas que costumavam abrir o local para os visitantes (figura 16). Estava sediado em um edifício singelo de dois pavimentos, construído no século XIX, onde ainda funcionava uma escola. Logo na entrada, lembro-me de ficar admirada ao vislumbrar o *chapeau de bête* em destaque numa vitrine, o nosso aportuguesado *chapéu de*

burro; feito de tecido branco com as inscrições bordadas a identificar meninos ou meninas, por vezes oriundos das regiões fronteiriças onde predominavam os dialetos, que não sabiam ainda pronunciar o idioma nacional com maestria. Pobres crianças! No primeiro andar, dois cenários evocavam as salas de aula, dos noventa e dos anos 1950, do século XX. Era impossível não se embriagar com a nostalgia da escola e fui remetida aos poucos dias em que estudei na escola rural de Sombrio. Carteiras de madeira escura com recipientes para as tintas usadas na escrita de então; aquecedores a carvão; o quadro a giz; ábacos; mochilas; cadernos; boletins; casaquinhos; boinas; quadros parietais; livros; imagens fotográficas eram os materiais que compunham este museu escolar francês. Mais de uma década depois, quando comecei a investigar os museus escolares, lembrei-me desse lugar e despertou-me a vontade de retornar para aprofundar reflexões que não me ocorreram na primeira visita.

O Museu do Canal aborda um dos patrimônios mais interessantes da França, conjugação entre natureza e engenhosidade humana. O Canal do Centro é uma via fluvial da maior importância para a navegação no País. Invenção de Leonardo Da Vinci, o sistema de eclusas e represas, fora implantado no século XVIII naquele país, permitindo a navegabilidade por aclives e declives, pelo extenso território que unia o Rio Sena ao Mediterrâneo. Patrice me contou que graças a essas águas, a Borgonha abastecia Paris dos vinhos produzidos na região. Em 2020, recebi de presente da amiga e colega Maria Stephanou o livro *A livraria mágica de Paris* (GEORGE, 2020), justamente a narrativa sobre uma livraria instalada num barco que percorre diversos cursos d'água entre Paris e Sanary Sur Mer. E para auxiliar esta leitora na visualização, lá estava na bela edição da editora Record um mapa dos rios e canais pelos quais passava a embarcação e seus personagens aventureiros, entre os quais o Canal do Centro. Desse modo, pude reviver o que aprendera naquela visita sobre esta via fluvial, cuja história e importância era narrada por meio de uma exposição montada no interior de uma embarcação originalmente revestida em ferro, recoberto por madeira para fins expográficos.

No meu diário, relatei ter achado o Museu da Mina extraordinário! Havia sido montado com o auxílio de vários voluntários, antigos operários aposentados da própria mina. Ali foi recriada uma galeria de uma mina de carvão de modo a reproduzir a vivência laboral num local frio, úmido e escuro, onde por muitas décadas, milhares de homens adentravam e permaneciam por horas para retirar o

carvão, uma das principais fontes de energia da região. No percurso, várias máquinas e carrinhos evocavam a retirada e o transporte desse mineral. Numa edificação contígua à mina, uma sala com exposição de longa duração havia sido montada a partir da curadoria compartilhada entre a equipe do museu e os voluntários, ex-mineiros. Patrice e o Senhor René que nos acompanhava relataram com satisfação que o fio condutor da mostra eram diferentes tipos de lamparinas, justamente os artefatos que garantiam a segurança dos operários por proporcionarem a luminosidade imprescindível no interior da mina. Assim como em vários locais do mundo, ali um acidente também havia ceifado muitas vidas e permanecia na memória coletiva. Infelizmente, esse triste dado une inexoravelmente o Ecomuseu de Le Creusot ao Museu do Carvão de Arroio dos Ratos (RS) e às cidades catarinenses de Tubarão e Criciúma (SC), vizinhas daquela em que nasci. Este era mais um museu mantido com a ajuda imprescindível dos voluntários, ex-mineiros na faixa etária entre 60 e 70 anos. Patrice confidenciou-me que o entusiasmo de Senhor René não estava sensibilizando as novas gerações, alheias a esse ofício também em vias de desaparecimento. Fico matutando, como estão sendo mantidas essas atividades do museu sem a alegria e o orgulho de ex-mineiros, como o Senhor René.

Figura 16 - Museu da Escola e Cerâmica Ciry-le-Noble, ambas antenas do Ecomuseu Le-Creusot-Montceau.



Fonte: acervo da autora, 1997.

Considero minha formação no Ecomuseu Le Creusot-Montceau das mais importantes que tive, principalmente por me proporcionar observar e vivenciar *in loco* essa experiência pioneira da Nova Museologia. Certamente, o ecomuseu que visitei era muito distinto daquele criado nos anos 1970, conforme li e me relataram os profissionais que me acompanharam. Contudo, ainda permanece como uma experiência primeira na Europa que inspirou outras iniciativas pelo mundo. Através de suas práticas, aprendi sobre envolver as pessoas nos projetos museológicos e, principalmente, vislumbrei a oportunidade do museu como um instrumento em prol do desenvolvimento econômico, social e cultural dos indivíduos e das coletividades.

A oportunidade de deslocamento à Europa possibilitou-me visitar alguns países vizinhos à França, tendo em vista as pequenas distâncias entre eles. Compartilho aqui, pois essas escapadas também me proporcionaram conhecer os museus e patrimônios de outros países. Desse modo, em um final de semana, atravessei o Canal da Mancha num TGV e fui visitar os amigos Edson e Janine que estavam morando em Londres. Na Capital inglesa conheci o Museu Britânico, a Galeria Nacional e o Museu da Cidade de Londres, um dos mais interessantes museus de cidade que já vi. Após o estágio, emendei mais quinze dias de férias, na Itália, onde conheci as cidades de Roma, Florença, Veneza e Sena. Embora estivesse em descanso foi inevitável traçar comparações com o visto na França. Essas cidades italianas se constituem em museus a céu aberto; nelas o mais relevante a ser apreciado está no espaço urbano, mesmo que muitas obras primas estejam expostas no intramuros de alguns museus e igrejas. Comovi-me com o Davi de Michelângelo, com a Capela Sistina e com o São João Baptista de Caravaggio e embriaguei-me com a atmosfera dessas urbes milenares. Percebi que os museus italianos não eram tão atentos à expografia, ao contrário dos franceses, não obstante alguns museus fossem de tirar o fôlego, como os Museus do Vaticano. Além disso, a Itália me tirou da solidão e da tristeza vividas na França. Ao voltar a Paris, passei alguns dias em Berlim, onde morava minha amiga Sirlei Schmidt e seu esposo em doutoramento. Esta cidade me impressionou pelas marcas da Segunda Guerra Mundial e pelas obras de reconstrução do lado oriental, cujos remanescentes do Muro poderiam ser apreciados de uma grande caixa de informações (Infobox), espécie de belvedere para o canteiro das obras em curso na Berlim Oriental pelas grandes multinacionais ocidentais. Lá não quis visitar nenhum museu, apenas um museu erótico que, apenas este ano, descobri ser um dos primeiros museus LGBT

da Europa (BAPTISTA, BOITA, 2017). Esse período de estágio extrapolou meu aprendizado para além dos limites das fronteiras francesas. Conheci uma amostra substancial de países e museus europeus que me permitiram conhecer as primeiras experiências históricas da Museologia e da Nova Museologia. Na França, além disso, tive contato com uma bibliografia extensa no idioma daquele País que fotocopiei gratuitamente na sede do ICOM e trouxe na bagagem para seguir meus estudos no Brasil.

Conhecer os museus europeus era de suma importância, mas ainda faltava na minha formação me aproximar dos museus dos Estados Unidos e de outros países relevantes no campo, tais como Canadá, Rússia e México. Uma nova oportunidade surgiu, nesse sentido, no ano 2000, oferecida pela Fundação Vitae, organização de cunho privado que subsidiou no Brasil, por uma década, projetos no campo do patrimônio e dos museus. Desta vez, eram visitas de estudos para os Estados Unidos. De cinquenta inscritos, foram selecionados dez profissionais: Maria Cristina Bruno (MAE/USP) e Paulo Costa (Museu Eva Klabin), de São Paulo; Mario Chagas (Museu Histórico Nacional), Luis Soares (Museu de Astronomia), Claudia Ferreira (Museu do Folclore) e Tereza Pitanga Martins (Museu Histórico Nacional), do Rio de Janeiro; Marcelo Cunha (MAE/UFBA), da Bahia e Zita Possamai (Museu de Porto Alegre), do Rio Grande do Sul. Essa geração de profissionais não dominava o idioma inglês, o que tornava inviável uma visita a esses museus sem tradução simultânea. Assim, a visita de estudos somente pode acontecer com a mediação incansável de Marcelo Mattos Araújo (Museu Lasar Segall) que atuou como intérprete do grupo. A viagem compreendeu três semanas, entre outubro e novembro, três cidades (Washington, Chicago e Nova Iorque) e diversos museus, onde fomos recebidos por especialistas em diferentes áreas, desde a expografia à educação museal.

Recordo-me de nossas andanças pelas ruas e metrô e nossos comentários de estarmos no interior de filmes americanos, tal a presença das imagens do cinema daquele País nos nossos imaginários. Em Washington, nossa primeira parada, fomos recebidos com um jantar na residência de Faya Causey, diretora associada da Galeria Nacional de Arte que morava em uma casa histórica do Bairro Georgetown, onde se originara a Capital dos Estados Unidos. Lembro das enormes abóboras presentes na frente das residências, no aguardo do Halloween e dos nachos com guacamole que desfrutamos.

Na capital, além dos museus do Mall (Museu de História Natural, Museu de História Americana, Museu Aeroespacial, Museus da Smithsonian Institution, Museu do Holocausto, Museu da Notícia) e dos monumentos visitados (em homenagem às guerras do Vietnã, da Criméia e ao Presidente Abraham Lincoln, entre outros), conhecemos a Casa-Museu de George Washington, localizada em Mount Vernon, e o projeto do Museu Nacional do Índio Americano, então em curso. Esta última proposta visava a implantação deste museu nacional, também a ser localizado no Mall, e estava sendo concebido com a participação de representantes dos povos originários de todos os países das Américas, do Canadá ao Uruguai. Na sede do Cultural Resources Center, localizada em Maryland, escutamos sobre a concepção museológica, provavelmente uma das pioneiras iniciativas de curadoria compartilhada com os povos originários. Recordo que visitamos uma área de floresta, externa à edificação, e que havia sido solicitada pelos indígenas para realizar seus rituais e contato com a natureza.

Em Chicago, conhecemos o Instituto de Arte, o Field Museum, um dos primeiros museus de História Natural do mundo, além da Casa-museu de Frank Lloyd Wright, arquiteto de expressão internacional precursor do modernismo e os seus projetos de casas preservadas em um bairro inteiro da cidade. Contudo, nesta cidade, o museu que mais me impactou foi o Museu Mexicano de Artes, localizado no maior bairro chicano da cidade e cuja experiência de curadoria compartilhada com os imigrantes mexicanos chamou muito a atenção do grupo de brasileiros e brasileiras. Lá apreciamos a exposição sobre a Festa dos Mortos, tradicional celebração mexicana, cujas instalações haviam sido montadas pelos moradores das redondezas do museu. Várias famílias puderam celebrar a ausência de seus entes queridos que partiram, através de um altar montado com imagens fotográficas e objetos coloridos, especialmente, bandeiras, flores e frutos. Na ocasião, o diretor da instituição, Cesáreo Moreno, respondeu todas as dúvidas que tínhamos sobre os desafios desta empreitada de um museu voltado para os imigrantes mexicanos residentes nos Estados Unidos.

Como meu foco era o estudo de expografia e da educação museal, em Chicago, também me chamou muito a atenção a experiência de concepção e montagem de uma exposição com crianças de diversas etnias e países, realizada pelo Art Institute. Conforme nos contou a responsável pelo departamento educativo, várias crianças participaram da mostra e ofereceram seu olhar, suas memórias e

suas culturas para determinadas obras das coleções do museu e também para a forma de expô-las. Essa iniciativa me impactou sobremaneira, por contemplar não apenas uma visão participativa e colaborativa na curadoria, mas também por proporcionar uma perspectiva multicultural e colocar em diálogo diferentes credos dos imigrantes daquele País, a exemplo do hinduísmo, do catolicismo e do protestantismo, entre outros.

Além de aprender muito com os colegas desses museus, evidentemente, compartilhamos a história e a cultura dessa cidade afroamericana em sua configuração histórica. Tivemos a oportunidade de conhecer o berço da Escola de Chicago, este laboratório da arquitetura modernista projetado por artistas como Frank Lloyd Wright e Mies Van Der Rohe, arquitetos alemães fugidos do Nazismo que lá se estabeleceram. Percebi como os arranha-céus espelhados e futuristas podem ser belos se estiverem em harmonia com seu contexto urbano. A partir da vista aérea é possível perceber que esta malha modernista é apenas uma diminuta fração do espaço urbano de Chicago, em sua maioria tomado por residências individualizadas e térreas.

Além da arquitetura deslumbrante, alguns de nós foram, num sábado à noite, na Casa de Blues, onde tivemos o prazer inenarrável de escutar a voz de Coco Taylor, a maior cantora de todos os tempos deste estilo musical, uma das mais emocionantes experiências que tive. Como se isso não bastasse, ainda acordamos cedo no domingo para ir a um brunch, uma espécie de café-almoço, regado a Gospel. Eu como fã incondicional de Elvis Presley não podia deixar de ouvir *in loco* os sons que tanto influenciaram meu ídolo da puberdade.

Como não poderia deixar de ser, Chicago deixou saudade no coração, mas ainda tínhamos os museus de Nova Iorque a desbravar. No centro cultural dos Estados Unidos e do capitalismo mundial, conhecemos as riquezas das coleções do Metropolitano, da Frick, do MOMA, do Museu de História Natural (aquele do filme “Uma noite no museu”) e as iniciativas participativas do Estúdio Museu do Harlem e do Museo del Barrio. Neste último e no Museu da Cidade de Nova Iorque aprendi sobre a questão migratória naquele País, uma situação sensível, histórica e atual. Tomamos um barco, num dia gélido, e fomos à Ilha de Ellis conhecer o museu de imigração implantado no complexo arquitetônico de acolhida dos imigrantes chegados aos Estados Unidos, por vários séculos. Ali visitamos, além das antigas edificações de hotel, hospital e refeitório, diversas instalações expográficas com

informações e estatísticas sobre os processos migratórios. Um banco de dados também permitia consultar o sobrenome das famílias que imigraram para lá. Consultei meu sobrenome e percebi que meus antepassados não se aventuraram àquelas terras.

Figura 17 - Grupo de brasileiros em visita técnica ao Museu da Notícia (superior) e Museu Nacional de Arte Mexicana (inferior).



Fonte: Washington D. C. (superior) e Chicago (inferior),
acervo da autora, 2000.

Em minha biblioteca, encontra-se devidamente organizadas duas caixas que contém diversos catálogos e prospectos dos museus, a programação das visitas, bem como o relatório por mim elaborado e encaminhado à Fundação Vitae. Nesses escritos, discorri em 26 páginas minhas descobertas nos museus estadunidenses e anunciei na apresentação:

O relatório a seguir apresentado parte de três questões básicas, escolhidas para sistematizar as visitas realizadas e possibilitar um esquema comparativo e analítico entre alguns museus. Na seleção destes problemas, levei em consideração minha área de especialidade como historiadora, bem como temas que tenho especial interesse. Assim, discuto a relação entre história e memória; em segundo lugar, museus e participação e, em terceiro lugar, a preocupação com o público infantil. Num quarto momento, apresento possíveis contribuições à realidade brasileira e, finalmente, faço

uma pequena avaliação, dando algumas sugestões de efeito multiplicador do programa realizado. (POSSAMAI, 2000b, p. 2).

Ao finalizar este relatório, ressaltei a importância dessa viagem de estudos para minha formação profissional na área da Museologia, pois ainda não tivera a oportunidade de conhecer *in loco* os museus dos Estados Unidos e deles nutria uma imagem equivocada. Então, escrevi:

(...) A imagem que, muitas vezes, é divulgada destes museus é a de que estão muito próximos a um cenário “spilberguiano”, repletos de efeitos especiais e ilusões pirotécnicas, onde as coleções e a função educativa ficam relegadas a terceiro ou quarto planos em relação ao entretenimento de massas. Felizmente, pude observar ser esta visão totalmente incorreta. (...). Ao contrário, observa-se que os museus norte-americanos, como os europeus, tem uma trajetória histórica que pode ser percebida em museografias mais tradicionais e datadas e estão passando por renovações, no sentido de atualizá-los com uma linguagem mais contemporânea. (POSSAMAI, 2000b, p. 24)

Muitos aspectos impressionaram-me nessa viagem de estudos em relação aos museus e à sociedade estadunidense. A presença de afro-americanos em todos os postos foi algo que observei de imediato, bem como a presença da cultura negra em alguns museus, tais como o que visitamos no Harlem, onde nossa branquitude foi notada por alguns moradores no café local. Aprendi também sobre o racismo desta sociedade que relega os imigrantes recém-chegados ao estrato mais inferior. Após décadas da conquista dos direitos civis à custa de mortes de líderes como Martin Luther King e Malcon X, o racismo prepondera naquele País e o assassinato de George Floyd, em 2020, foi apenas a ponta de um iceberg que emergiu não apenas lá, como no Brasil e em outros países.

Estas experiências internacionais de formação, tanto na França como nos Estados Unidos, e que se estenderam em estadas de curta duração a outros países, ainda podem ser acrescidas das diversas participações em eventos internacionais, que me proporcionaram também conhecer a Museologia de algumas cidades. Destaco minha participação na Conferência Internacional do ICOM, em 2010, realizada em Shangai e subvencionada parcialmente pelo CNPQ, onde pude conhecer de perto uma pequena fração da experiência da Museologia chinesa. Também considero de nota minha participação no ISCHE, Congresso Internacional de História da Educação, em 2015, realizado em Istambul, na Turquia, onde pude conhecer o Museu da Inocência, concebido pelo Nobel de Literatura Orhan Pamuk, a partir de sua obra homônima, além de conhecer esta cidade que une o Oriente e o Ocidente através da sua história.

Não poderia deixar de mencionar que a realização do pós-doutoramento em Paris, em 2014, a ser retomado adiante, também proporcionou o contato direto com novos museus e exposições da Capital francesa, como o Museu Quai-Branly e Louis Vuitton, além de instituições localizadas em outras cidades daquele País, tais como a casa-museu-jardim do artista Claude Monet, situada em Giverny, O Museu Nacional da Educação, localizado em Rouen, e o museu de Versalhes, entre muitos outros. Destaco especialmente a visita mediada que o grupo participante do encontro do ICOFOM teve com Michel Van-Praet ao Museu de História Natural de Paris, um dos primeiros museus criados na França e referência importantíssima nesta tipologia ainda hoje.

Para finalizar essa sub-seção, gostaria ainda de mencionar minhas viagens para participar em congressos realizados nas capitais da Argentina, do Uruguai e da Costa Rica (figura 18), nas quais tive oportunidade de me aproximar dos colegas latino-americanos. A ida à Costa Rica, em 1998, resultou num convite do órgão nacional do patrimônio do Canadá para integrar o projeto de curadoria da exposição virtual *Festividades da Vida e da Morte*, da qual colaborei com informações sobre o carnaval de Porto Alegre, ao lado de colegas de diversos países das Américas. Contudo, considero que ainda tenho muito a conhecer da Museologia dos nossos hermanos, especialmente a do México, que acompanho, há muitos anos, por meio de leituras e do contato com colegas historiadores, como o querido amigo Camilo Vasconcellos do MAE/USP, e antropólogos, como Cuauhtémoc Camarena (INAH) e Ana Rosas Mantecón (Universidade do México), entre outros. Infelizmente, as oportunidades de bolsas para esses países não estão consolidadas em comparação com os países mais ricos. Contudo, estou bastante sensibilizada, a partir de minha aproximação com uma perspectiva decolonial (MIGNOLO, 2018), para realizar meus próximos investimentos em estudos e práticas de uma museologia transnacional da América Latina.

Figura 18 - Grupo de participantes da Cúpula dos Museus "Museus e comunidades sustentáveis".



Fonte: São José, Costa Rica, acervo da autora, 14 a 18 de abril de 1998.

Figura 19 - Visita mediada por ocasião do ICOFOM LAC.



Fonte: Buenos Aires, acervo da autora, 2010.

Figura 20 - Comunicação apresentada no III SIAM - Simpósio Ibero-Americano de Museologia.



Fonte: Universidade de Madri, acervo da autora, 2011.

3. FAZER-SE PROFESSORA E HISTORIADORA DA EDUCAÇÃO: O INGRESSO NA FACED

Candidatei-me a uma vaga na área de História da Educação, da Faculdade de Educação, da mesma universidade em que me formei da graduação ao doutorado. Contudo, a Faculdade de Educação era um lugar pouco conhecido para mim, pois eu apenas frequentara as disciplinas obrigatórias da licenciatura: Estrutura e Funcionamento da Educação (famigerada estrutifunki), Didática do Ensino e Prática de Ensino em História com a Professora Nilse Ostermann. Minha formação, entretanto, me habilita para tal e não tive dúvidas que aquela era uma oportunidade a ser aproveitada. Enquanto cursava a graduação, eu jamais vislumbrei a possibilidade de me tornar professora universitária, muito menos da UFRGS. A necessidade de me manter economicamente de modo autônomo em relação a minha família, me fez focar em coisas mais emergentes, como ter um emprego e

conciliá-lo com as aulas. Depois, fui perceber como vários colegas anteviram esse lugar de atuação e se prepararam para essa meta: estudavam de modo exclusivo sem trabalhar; aprendiam pelo menos mais dois idiomas; participavam de grupos de pesquisa de excelência; dispunham de tempo para a iniciação científica. Praticamente todos, hoje, são docentes da UFRGS ou de outras universidades, sem nunca terem experimentado o árduo mercado de trabalho e a dupla jornada em ofícios como bancários, vendedores, secretárias, recepcionistas, baby-sitter, a exemplo de muitos outros colegas. Estas constatações, não tem aqui o tom de queixa, mas de oportunidade de registro e de reflexão sobre a desigualdade social que impera, mesmo após o ingresso para cursar o ensino superior numa universidade pública federal. Eu apenas consolidei essas conclusões por meio do conhecimento que construí justamente na área que ingressava, a História da Educação e que, até então, desconhecia completamente⁵.

Assim, minha aproximação inicial com o domínio da história da educação foi-me proporcionada na preparação ao concurso, para o qual as leituras de Maria Stephanou e Maria Helena Câmara Bastos (2005), Otaíza de Oliveira Romanelli (2005), Franco Cambi (1999), entre outros, foram fundamentais para uma imersão introdutória nas questões desse campo. À medida que lia, me apaixonava pelos aspectos econômicos, culturais e sociais da educação ao longo do tempo. Para quem ama história, um domínio específico é um mundo a desbravar. Muito conteúdo era novidade, mas nem tudo. Coordenar o Museu IPA (Museu Bispo Isaac Aço) havia me permitido pesquisar sobre a história da educação metodista no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Porto Alegre, onde foram implantados o Colégio Americano, para meninas, e o Colégio IPA, para meninos. Somente posteriormente fui me dar conta que eu pesquisava e comunicava um patrimônio educativo da maior relevância e que expressava questões cruciais para o campo, tais como, a escola separada por gênero, a educação feminina, a presença das ordens religiosas estrangeiras (no caso proveniente dos Estados Unidos) no ensino, entre muitos outros aspectos.

Desse modo, a preparação para o concurso foi um processo prazeroso de aprendizados, embora a semana de provas tenha sido por demais desgastante, principalmente com o Lucca ainda bebê e com febre no dia da prova escrita. Os rostos conhecidos de alguns membros da banca (Professor Jorge Ribeiro e

⁵ Atualmente, a disciplina História da Educação compõe a grade curricular dos cursos de licenciatura, aspecto que contribui para uma melhor formação neste campo aos futuro(a)s educadore(a)s.

Professora Berenice Corsetti) amenizaram a minha ansiedade e inquietação ao vislumbrar o semblante sério do Professor Elomar Tambara, então conhecido por mim apenas pela bibliografia. Aprovada no concurso, compartilhei essa alegria com muitos colegas e amigos, além da família. Estar novamente na UFRGS, agora como docente, era um sentimento indescritível.

No dia 25 de abril de 2006, solicitei minha exoneração da Prefeitura e, ato contínuo, dirigi-me à Reitoria da Universidade, onde assinei minha posse. Ato contínuo, saí da Reitoria e rumei ao Departamento de Estudos Básicos, na Faculdade de Educação, onde me apresentei e dei início ao exercício como Professora Adjunta em História da Educação. A partir de então, passei a orientar minhas atividades no tripé ensino, pesquisa e extensão, que passarei a relatar.

3.1 Entre estudantes, camponeses e professoras: o ensino de História da Educação

Para começar, foi-me incumbida a docência em sete turmas da disciplina História da Educação (2 créditos), oferecida como componente obrigatório dos currículos dos cursos de licenciatura da Universidade e uma turma de História da Educação (4 créditos) oferecida ao Curso de Pedagogia. Com a mudança curricular nesta última graduação, duas novas disciplinas passaram a compor a formação em Pedagogia: História da Educação no Brasil e História da Educação no Mundo e nas Américas, ambas com 4 créditos.

Na área de História da Educação compartilhei meus primeiros anos com o colega Jorge Ribeiro e as colegas Maria Aparecida Bergamaschi e Simone Valdete dos Santos. Nosso principal objetivo no ensino de História da Educação era sensibilizar estudantes para a desnaturalização da escola e para a historicidade dos processos educativos que acompanham o indivíduo desde que nasce. Partíamos de problemáticas sociais e culturais que reverberam ainda no presente de modo a contemplar num viés crítico e construtivista as reflexões sobre o passado. Com as licenciaturas, a disciplina História da Escolarização Brasileira e Processos Pedagógicos propunha debates sobre a incorporação do Brasil ao mundo moderno (WELING, 2005); sobre a maquinaria escolar (VARELA; URIA-ALVAREZ, 1992); sobre educação das mulheres (RIBEIRO, 2000; LOURO, 1997); sobre a pedagogia

do medo na escravidão (MAESTRI, 2005); sobre educação e positivismo (TAMBARA, 2005); sobre educação escolar indígena (BERGAMASCHI, 2005); sobre a modernidade pedagógica (NUNES, 2000); sobre escolas étnicas dos imigrantes (KREUTZ, 2005); entre outras questões. Na disciplina História da Educação no Brasil, oferecida às estudantes de Pedagogia, além dos textos citados, íamos e debatíamos Casa-grande e Senzala, de Gilberto Freyre (2006) de modo a conhecer essa obra clássica e situá-la historicamente. Em História da Educação na Europa e nas Américas, além de Franco Cambi (1999) e outros autores clássicos, íamos e debatíamos o livro de Phillippe Ariès (1981), História Social da Criança e da Família.

O ensino de história da educação foi muito prazeroso e uma oportunidade ímpar de voltar a estudar história do Brasil, sob o viés da educação. Evidentemente sensibilizava futuros professores e futuras professoras para a valorização dos patrimônios e dos museus brasileiros (Figura 21). Foram momentos de aprendizados compartilhados com meus alunos e alunas e de muitas reflexões sobre os imensos desafios de nosso país para superar as desigualdades sociais e as intolerâncias com as diferenças étnicas, de gênero e de raça. Naqueles anos, eu nutria uma forte esperança de que a educação em todos os níveis poderia ser um divisor de águas na vida de muitos brasileiros e de muitas brasileiras.

Nesse sentido, logo que ingressei na UFRGS como docente, foi inevitável tomar parte na defesa da adoção de Ações Afirmativas para ingresso estudantil. Em minhas aulas, o debate sobre o tema era incontornável, principalmente quando discutíamos textos sobre o período da escravização e a denominada “pedagogia do medo”, conforme denominou Mario Maestri (2005), anteriormente citado. A querela era acirrada e eu gostava de observar aquele(a)s jovens em pleno exercício democrático de seu direito de expressão. Argumentos eram apresentados e desconstruídos, num efeito dominó, bonito de se ver. Certamente, nessas ricas ágoras, alguns foram convencidos da necessidade de reparação histórica às pessoas provenientes de escolas públicas, indígenas e afro-descendentes; outros podem ter mantido opinião contrária às cotas e seguido com ideias e práticas preconceituosas e racistas, a exemplo do doutorando de Filosofia que teve sua expulsão da universidade deflagrada por crime de racismo, na data em que escrevo essas linhas.

Figura 21 - Visita técnica ao Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS com estudantes do Curso de Pedagogia/UFRGS.



Fonte: acervo da autora, 2007.

Outro debate bonito e vivamente presente nas minhas reminiscências era sobre a escola indígena. No início do diálogo, professores e professoras em formação consideravam descabido não poderem lecionar nas escolas dos povos originários. Após uma introdução na problemática a partir da leitura de Maria Aparecida Bergamaschi (2005) aprendiam sobre as especificidades culturais desses grupos, sobre suas lutas e conquistas em prol de uma escola deles e sobre a resistência a uma escola dos brancos imposta para eles. Esse, sem dúvida, foi um dos grandes aprendizados que tive na Faculdade de Educação e com essa colega, a quem sou eternamente grata por ter-me proporcionado conhecer Cacique Francisco, do Morro do Osso, e Cacique Verá, do Cantagalo, entre tantos outro (a)s estudantes indígenas.

Os fios da memória à medida em que são puxados suscitam outros lampejos. A menção à temática da escola indígena evocou lembranças do primeiro e único estudante indígena que frequentou minhas aulas, Dorvalino Machado, educador de São Leopoldo que prefere ser chamado pelo seu nome kaingang Refej, mencionado no início deste memorial. Dorvalino fez parte da primeira turma de ingressantes pelo sistema de cotas na UFRGS e quis cursar Pedagogia. Acolher os novos estudantes

era um grande desafio para a universidade e para nós docentes. A divisão dos tempos em períodos e a restrição de frequentar as aulas de um único ministrante eram lógicas ordinárias não compartilhadas por Dorvalino, que me escolheu para ser sua professora da disciplina de História da Educação na Europa e nas Américas. Assim, fui privilegiada em poder acolhê-lo, pois em minhas aulas aprendi com ele sobre o modo de ser kaingang e trocava com ele os aprendizados que lhe interessavam, especialmente aqueles relacionados a seu povo. Lembro a surpresa dele ao conhecer Padre Bartolomeu de las Casas e seus escritos de denúncia à Coroa de Espanha sobre as violências impetradas aos povos originários das Américas.

Afora esses momentos de contentamento posteriores, as lembranças do primeiro semestre vivido na UFRGS foi de imensa solidão e melancolia. Estava vivendo uma transição em diferentes aspectos: mudanças de instituição e também de função. Antes coordenava diversos grupos de trabalho e tinha um cotidiano de intensas atividades e responsabilidade no Centro Universitário Metodista. Na UFRGS, apenas entrava e saía de sala de aula; conhecia poucos colegas da FAGED; não convivia com ninguém e muito menos dispunha de um canto, por menor que fosse, para largar meus livros e materiais. Estudantes eram meus únicos interlocutores. Creditei essa situação de parca empatia com uma nova servidora, às deficiências da universidade em acolher novos docentes e também à feudalização das unidades, onde imperavam e ainda imperam os grupos de pesquisa e de orientação. Eu era estrangeira na FAGED e como estrangeira fui tratada. Aquele primeiro semestre finalizou com mais um burnout. Felizmente, na sequência, a situação foi se alterando com os convites de minhas colegas para participar de projetos muito interessantes, vários deles diretamente vinculados a programas do Governo Federal: o PEAD, o curso de Educação do Campo e o Projeto Conexões de Saberes.

O Curso de Pedagogia à Distância era um projeto piloto da recém implantada pelo Governo Lula Universidade Aberta do Brasil (MEC) para formação de professores em exercício e sem formação superior. Sob coordenação da Professora Rosane Aragón e do Professor Crediné Menezes, formamos um grupo de docentes (eu, Cida, Simone, Nilton Mullet e Fernando Seffner) para ministrar as interdisciplinas Escolarização - espaço e tempo na perspectiva histórica, Representação do mundo pelos estudos sociais, Questões étnico-raciais na

Educação - Sociologia e História. O grupo, além de dividir as turmas de acordo com os pólos do Rio Grande do Sul, propunha as atividades de ensino, formava os tutores e os orientava no acompanhamento das discentes. Eu atuei nos pólos de Gravataí e de Sapiranga, nas duas edições do PEAD, e esta foi uma experiência de muito aprendizado sobre os desafios e os limites da educação à distância. O mais belo, contudo, foi conviver com professoras que exerciam, muitas vezes, até 60 horas semanais de trabalho nas escolas e se dispunham a enfrentar a formação técnica nas novas tecnologias da informação (TICs) e o ensino noturno ou nos finais de semana e feriados para alcançar um diploma universitário. A formação dessas grandes guerreiras, a maioria proveniente de pequenos municípios do interior do estado, foi uma das experiências mais recompensadoras como professora. As alunas valorizavam muito nossa presença nos raros momentos de encontro e, talvez, por esse motivo eram muito gratas e atentas, aspecto nem sempre encontrado entre nossos estudantes da graduação e mesmo da pós.

Além desse projeto, não posso deixar de mencionar as aulas que ministrei no curso de Educação do Campo, junto ao Instituto da Terra (ITERRA), cuja sede se localizava no município de Veranópolis. Esta iniciativa também era fruto de convênio com o MEC e tinha a Professora Simone Valdete dos Santos como coordenadora na UFRGS. O grupo discente era proveniente de vários estados brasileiros e compunha os movimentos sociais dos assentamentos do Movimento Sem Terra (MST), dos quilombolas, da Via Campesina, entre outros. Recordo-me da disciplina impecável da turma que se organizava, de modo autônomo, em pequenos grupos identificados por um codinome para eu iniciar a aula. Fiquei muito impressionada com o interesse em aprender sobre a história de nosso País de cada um desses alunos e cada uma dessas alunas. Num desses dias, após a aula matutina, almoçamos todos juntos e fui descansar; ao passo que os discentes foram para a roça, num sol causticante, arar a terra e cultivar. No vespertino, seguíamos a aula, seguida de cantos de roda. Num desses momentos de canto, recordo-me de chorar copiosamente, tal a identificação que tive com aquelas pessoas e sua luta; agricultores, como tinham sido meus pais.

Assim, o ensino de História da Educação ultrapassou muito a esfera das salas de aula do modernista e ensolarado edifício da Faculdade de Educação. Ali espero ter contribuído para formar criticamente futuros professores de Geografia, de História, da Educação Infantil e das séries iniciais, de Física, de Química, de

Matemática, de Artes, de Teatro, de Música, entre outros, e também aprendi muito com eles e com as alunas professoras do PEAD e cursistas da formação em Educação do Campo. Sobretudo, compartilhei com diversos colegas um momento de entusiasmo pela educação e pela universidade pública, no qual abundavam recursos no âmbito de uma política federal de incentivo à formação de nível superior da população brasileira.

Por último, iniciei de modo muito singelo o Projeto Memória Faced, que visava construir histórias e memórias daquela faculdade, cuja documentação arquivística havia sido salvaguardada pelo Secretário José Carlos, o Zeca, e encontrava-se acondicionada numa das salas do edifício. Iniciei sozinha o projeto, pois as pessoas que convidei não tiveram interesse em mergulhar em arquivos poeirentos de várias décadas. Quando Carmem Zeli Vargas ingressou na área de Ensino de História, prontamente aceitou o desafio de compor o projeto comigo e, posteriormente, passou a coordená-lo, quando fui realocada para outra unidade. Alguns anos depois, assisti o lançamento desta iniciativa e fiquei chocada com a não menção das pessoas que criaram este projeto. Nesse sentido, para não esquecer, considero importante esse registro, pois não é com o apagar da atuação daqueles que vieram antes de nós que conseguiremos construir algo positivo (FOUCAULT, 2007).

3.2 PPGEDU: compartilhar, ensinar e aprender

No ano de 2009, ingressei na Linha de Pesquisa *Educação, Culturas, Memórias, Ações Coletivas e Estado*, então coordenada pelo Professor Nilton Bueno Fischer. A primeira disciplina oferecida com a colega Professora Maria Stephanou versou sobre educação e memória. Neste programa, aprendi sobre as dinâmicas de funcionamento da pós-graduação a partir de uma formação de excelência, uma das pioneiras na UFRGS e no Brasil. As reuniões de professores e do Conselho eram arenas de intensas discussões sobre os dilemas e as estratégias a serem tomadas para adequada avaliação pela CAPES, o que repercutia nos recursos recebidos pelo programa, e a imperiosa necessidade de ampliar a inclusão social de grupos sociais historicamente aliçados do ensino superior em suas diferentes instâncias.

Nesse sentido, vivenciei momentos de crise deste programa, com o rebaixamento da classificação nacional aferido pela CAPES, e o enfrentamento

entre docentes da necessidade de reestruturação com a finalidade de retornar ao patamar anterior de excelência. Neste processo, a atuação docente também foi repensada com vistas ao atendimento de métricas de produção intelectual em conformidade com os critérios de avaliação da área. Precisei, juntamente com meus colegas, direcionar os resultados das pesquisas para a escrita de artigos a serem submetidos a periódicos com determinada classificação também pela mesma agência. Tudo isso, gerou muitas angústias entre todos nós e implicou em alterar os modos de divulgação científica que até então adotávamos. A publicação de capítulos em livros era desaconselhada em detrimento de maior valorização da escrita de artigos em periódicos com boa classificação. Muitas vezes considerados produtivistas, esses novos parâmetros estão sendo objeto de revisão pelas coordenações de área da CAPES que valorizou no último seminário também a inserção social do programa.

Ao me inserir na pós-graduação pude orientar e incentivar estudos na temática de museus e patrimônio e educação, na época ainda muito pouco presente na pós-graduação brasileira. Desse modo, fico embebida em muita alegria e satisfação ao contabilizar 15 mestres e 4 doutores por mim formados, além de seis em curso, conforme arrolamento na sequência. Além das orientações, ainda pude supervisionar três pós-doutoramentos: Alberto Barausse sobre os museus escolares e patrimônio educativo da Itália (2019); Elisabete da Costa Leal sobre documentação iconográfica do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e Ozias Jesus dos Santos, sobre os territórios e museus (2020).

ORIENTAÇÕES DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

CONCLUÍDAS

Natalia Thielke. A imaginária guarani como dispositivo educativo nos museus do Rio Grande do Sul (1903-1993). 2019.

Ana Carolina Gelmini de Faria. Educar no Museu: o Museu Histórico Nacional e a educação no campo dos museus (1932-1958). 2017.

Felipe Rodrigo Contri Paz. Cultura Visual e representações raciais. 2016.

EM ANDAMENTO

Elza da Rosa. O Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre. Início: 2020.

Roberta Madeira de Melo. As coleções etnográficas do Museu Anchieta. Início: 2020.

Angelita da Rosa. Memórias de doadores do Museu de Santa Cruz. Início: 2019.

Adriana Ganzer. O educativo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Locatelli. Início: 2019.

CO-ORIENTAÇÃO DE DOUTORADO EM HISTÓRIA (CONCLUÍDA)

Ana Celina Figueira da. Investigações e evocações do passado: o Departamento de História Nacional do Museu Júlio de Castilhos (Porto Alegre, RS, 1925-1939).

ORIENTAÇÕES DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CONCLUÍDAS

Roberta Madeira de Melo. Representações sobre os povos indígenas no Museu Júlio de Castilhos (1903-1960). 2019.

Gabriel de Freitas Focking. Ações educativas na arqueologia missioneira (1985-1995). 2018.

Ana Cecilia Escobar Ramirez. Narrativas en Disputa: el Museo Nacional de Colombia en la gestión de Emma Araújo de Vallejo. 2017.

Nara Beatriz Witt. Uma joia no Sul do Brasil: o Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta. 2016.

Felipe Rodrigo Contrí Paz. Cultura visual e museus escolares: representações raciais no Museu Lassalista (1925-1945). 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Zita Rosane Possamai.

Patrícia Oliveira. Apropriações e invenções: a experiência dos museus comunitários do México (1958/1993). 2015.

Rita de Cássia de Matos Magueta. Salve o dia entre todos o mais belo!: Álbum e fotografias de primeira comunhão em Porto Alegre / RS na década de 1940. 2015. Marlene Ourique do Nascimento. Produção e Circulação de pinturas históricas no Rio Grande do Sul de 1914 a 1935. 2015.

Natália Thielke. O Percurso das Imagens: a estatuária missioneira no Museu Júlio de Castilhos e no Museu das Missões (1903-1940). 2014.

Ana Carolina Gelmini de Faria. O caráter educativo do Museu Histórico Nacional: O curso de Museus e a construção de uma matriz intelectual para os museus brasileiros. 2013.

Maria Cristina Padilha Leitzke. Curadorias compartilhadas: um estudo sobre as exposições realizadas no Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012.

Claúdia Feijó da Silva. Do NOPH ao Ecomuseu de Santa Cruz: representações no jornal NOPH (1983-1990) e no jornal O Quarteirão (1993-2000). 2012.

EM ANDAMENTO

Rossana Klippel José. As imagens fotográficas do Coletivo Feminino Plural. Início: 2019.

A grade curricular aberta do PPGEDU me permitiu oferecer inúmeras disciplinas nas modalidades Seminário Avançado, Seminário Especial (com Professor Convidado), Leitura Dirigida, Prática de Pesquisa Educacional, além do Seminário de Tese ou Dissertação. Ademais, o programa permite oferecer disciplinas apenas ao grupo de orientação, o que possibilita adensamento das discussões sobre os objetos em investigação. Desse modo, pude direcionar as temáticas das disciplinas às problemáticas de minhas pesquisas e de meus orientandos, sem deixar de acolher estudantes do PPGEDU, de outros programas da UFRGS e outras universidades, além dos alunos especiais (ainda não integrantes da pós-graduação). Também é importante enfatizar o compartilhamento das disciplinas entre colegas da Linha de Pesquisa que me proporcionaram momentos de convívio e aprendizado, especialmente com a querida colega e amiga Maria Stephanou e com o querido e saudoso Alceu Ravanello Ferraro⁶. Entre 2010 e 2022, ofereci as seguintes disciplinas:

SA: Memória, História e Educação, compartilhada com Maria Stephanou (2009)

SA: Museus: curadoria, exposição e ação educativa (2010)

SA: Memória, Patrimônio e Educação (2010)

PPE: O estudo dos museus e do patrimônio: aproximações teórico-metodológica (2011)

SA: O estudo dos museus na perspectiva da história da educação, da história visual e da história cultural (2011)

LD: Museus e Patrimônio: trajetórias e narrativas (2011)

⁶ Quando aluna da graduação, no ocaso da Ditadura Civil-Militar, invadi com os demais estudantes da Universidade a sala do Conselho Universitário, na Reitoria, para assegurar que o candidato a Reitor que vencera as eleições assumisse o posto. Esse candidato era o Professor Alceu Ferraro Ravanello com quem tive o privilégio de conviver na nossa Linha de Pesquisa. Alceu teve uma profícua vida acadêmica até os 80 anos e deixou um legado de extrema relevância para a educação brasileira; logo depois que se aposentou veio a falecer, em 2019.

- LD: Projeto de pesquisa e escrita acadêmica (2012)
- SA: Museu e cultura visual: aproximações teórico-metodológicas (2012)
- PPE: A investigação dos museus e do patrimônio pela História da Educação (2012)
- SA: Museu e cultura visual: aproximações teórico-metodológicas (2013)
- PPE: Pesquisa em História da educação com documentos visuais, orais e escritos (2013)
- LD: História da educação em Museus e Cultura visual (2015)
- SE: Itinerários de Pesquisadores, com diversos convidados (2015)
- SE: História, Memória e Educação: estudos e problematizações teórico metodológicas, compartilhada com colegas da Linha de Pesquisa (2015)
- LD: História da educação em Museus e Cultura visual (2015)
- PPE: Escrita Historiográfica em História da Educação, compartilhada com colegas da Linha de Pesquisa (2016)
- SA: História dos Museus e da Educação: perspectivas teórico-metodológica (2016)
- SA: Leituras fundantes em História e Educação, compartilhada com colegas da Linha de Pesquisa (2016)
- SE: História dos Museus e da Educação: perspectivas teórico-metodológica (2017)
- SA: Pesquisas em História & Educação: objetos e questões na contemporaneidade, compartilhada com colegas da Linha de Pesquisa (2017)
- SE: SEMINÁRIO II: Escrita Historiográfica em História e Educação, compartilhada com colegas da Linha de Pesquisa (2017)
- LD: Coleções, artefatos e imagens (2018)
- LD: Museu e Cultura Visual: práticas, representações e apropriações (2018)
- SA: Museus e coleções: pesquisas em perspectiva da história da educação (2018)
- LD: A operação historiográfica sobre museus e imagens (2019)
- SE: Escrituras, leituras, artefatos e imagens (2019)
- SA: O patrimônio histórico-educativo: entre história, memória, Compartilhada com Professor Alberto Barausse, (2019)
- PPE: A construção do corpus empírico na operação historiográfica sobre museus e imagens (2019-2020)
- LD: A operação historiográfica sobre museus e imagens (2020)
- LD: A operação historiográfica sobre museus, objetos e imagens (2021)
- SE: Museus de Educação: perspectivas transdisciplinares (2021)

LD: Museus, Museologia e o pensamento decolonial (2021)

PPE: A operação historiográfica sobre os museus (2022)

SA: Memória, museus e o debate decolonial (2022)

Figura 22 - Aula com orientanda(o)s da Linha de Pesquisa História, Memória e Educação, PPGEDU/UFRGS, com a colega Professora Maria Stephanou.



Fonte: Faculdade de Educação, fotografia selfie de Felipe Contri Paz, 2019.

Figura 23 - Confraternização com pós-doutorando italiano Alberto Barause, Professora Maria Stephanou, orientando(a)s, bolsistas e alunas do PPGMUSPA.



Fonte: Restaurante Mediterrâneo, Porto Alegre, acervo da autora, 2019.

Figura 24 - Leitura Dirigida online com orientando(a)s do PPGEDU e PPGMUSPA, durante a pandemia de Covid-19.



Fonte: acervo da autora, 2021.

Essas orientações e supervisões proporcionaram investigações circunscritas a museus, sítios ou coleções localizadas no estado do Rio Grande do Sul, assim como em outros estados e mesmo da América Latina. Em contexto no qual havia apenas um único programa de pós-graduação em Museologia no Brasil, essas investigações foram muito bem recebidas e o PPGEdu, na linha de pesquisa História e Memória e Educação passou a ser referência para as pesquisas sobre as interfaces entre museus e educação. Parti do pressuposto da dimensão educativa dos museus, pois desde as práticas de colecionamento *naturalia e artificialia* habitam a vida de determinados sujeitos na perspectiva da educação do olhar e da configuração de uma relação da humanidade com o mundo que a cerca. Dessa maneira, os museus sempre educaram ao longo da história e sua investigação pode ser inserida no âmbito da história dos museus e da história da educação ou, mais precisamente, de uma história da educação em museus. Assim, tenho orgulho de ter estimulado pesquisas nesse viés com repercussão na continuidade de pesquisas de minhas orientandas, hoje docentes da graduação e da pós-graduação, conforme explanarei posteriormente.

Figura 25 - Orientando(a)s de Mestrado e Doutorado PPGEDU e PPGMUSPA.



Fonte: montagem de Marceli Castro Gonsioroski a partir de acervo da autora.

4. DE VOLTA À MUSEO: A TRANSFERÊNCIA PARA O CURSO DE MUSEOLOGIA NA FABICO

Em 2010, recebi o convite da Professora Marlise Giovanaz, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e coordenadora do Curso de Museologia, para compor o quadro docente daquela graduação, criada no ano de 2008, naquela unidade. Antes, porém, deste convite oficial, alguns estudantes do referido curso vieram à Faced participar da formação do Projeto Leituras da Cidade, no ano anterior, e expressaram-me a vontade que eu fosse professora naquela graduação, tendo em vista que possuía larga experiência no campo. Considerei inusitada a situação, mas bastante irônica, pois tenho convicção que graças ao impulso inicial desses estudantes de Museologia da primeira turma tornei-me docente do Curso de Museologia da UFRGS.

Museologia da UFRGS era, então, um dos primeiros cursos implantados no País graças ao Programa Reuni do Governo Lula, que visava a ampliação de vagas discentes nas universidades públicas. Era um contexto de muita esperança em todos os setores sociais e o campo museal brasileiro foi estimulado a construir de forma coletiva uma Política Nacional de Museus, na qual a necessidade de formação de profissionais museólogos era uma das prioridades, principalmente para determinadas regiões do Brasil, ainda carentes dessa especialidade. Fazer parte deste processo numa formação em Museologia se constituía no grande desafio de compartilhar o que eu havia aprendido em anos de formação autodidata e de atuação profissional, lastro que nenhum diploma universitário poderia oferecer *per si*. Senti que na Museologia eu faria diferença, ao passo que na História da Educação do DEBAS outro colega poderia assumir muito bem meu papel, conforme ocorreu. Assim, desde 2010, contribuo com a formação desse profissional de extrema carência no Rio Grande do Sul e outros estados brasileiros. Na atividade de ensino, participei da reestruturação curricular efetivada a partir de 2014 e enveredei para o grande sonho de criar a primeira pós-graduação em Museologia do Sul do País, aspectos que passo a discorrer.

Figura 26- Primeira turma do Curso de Museologia/UFRGS, ao final da palestra de Zita Possamai e Pedro Vargas, na I Semana Acadêmica.



Fonte: Fabico, acervo da autora, 2008.

Figura 27 - Hugues de Varine com docentes do Curso de Museologia. Momentos que antecedem sua conferência na Câmara de Vereadores de Porto Alegre/RS.



Fonte: Câmara de Vereadores de Porto Alegre, acervo da autora, 2010.

4.1 Os primeiros anos e a reformulação curricular

Os primeiros anos do Curso de Museologia da UFRGS foram bastante peculiares, pois no momento de implantação ainda não havia docentes museólogos ou com experiência nesse campo na universidade. O núcleo central criador do curso, composto pelas Professoras Ana Maria Dalla Zen, Marlise Giovanaz, Lizete Dias de Oliveira e Professor Valdir Morigi, fez o máximo para ministrar de modo satisfatório as disciplinas do novo curso. Os conteúdos específicos de Museologia foram abarcados, nos primeiros dois anos, pela professora substituta e museóloga Valéria Abdala. Por contingências departamentais, a grade curricular havia sido estruturada a partir de um tripé, no qual a Museologia diluía-se em disciplinas que contemplavam temas que perpassam os demais cursos do Departamento de Ciência da Informação, Arquivologia e Biblioteconomia. Por esse motivo, os primeiros concursos para essas disciplinas não aprovaram museólogos e estes tampouco se inscreviam para realizar esses concursos.

Quando entrei na Fabico, foi inevitável ministrar as disciplinas de Museologia e outras relacionadas, tais como Introdução à Museologia, Museologia no Mundo Contemporâneo (Figura 28), Gestão de Museus, Documentação, Educação em Museus, Museologia e Bens culturais na Museologia Brasileira, entre outras. Para mim, o ensino de conteúdos relacionados à Museologia e ao patrimônio não eram propriamente uma novidade, pois havia composto o quadro docente das formações em nível de Especialização oferecidas no Rio Grande do Sul, em anos precedentes, conforme abordei na inicial. Desse modo, embora não tivesse o diploma de graduação, possuía uma biblioteca expressiva na temática, incluindo obras garimpadas em minhas viagens à Europa e aos Estados Unidos, além de ter a experiência profissional, o que me permitia abordar com exemplos aplicados os conteúdos abordados. Além disso, por ser membro do ICOM desde 1993, estava atualizada com os debates internacionais daquele contexto, tais como o início das discussões sobre os pedidos de repatriação de bens culturais usurpados pelas nações colonizadoras e as questões éticas envolvidas na exposição de remanescentes humanos, entre muitas outras.

Figura 28 - Visita ao Acampamento Farroupilha, Disciplina Museologia no Mundo Contemporâneo.



Fonte: acervo da autora, 2013.

Na minha percepção, era visível a inadequação da grade curricular à formação em Museologia, assim como os docentes que entravam não apresentavam habilidades requeridas para tal. Desse modo, foi inevitável uma péssima avaliação do curso pelo MEC, embora tenham sido claras as motivações políticas para tal. Foi como jogar um balde de água fria sobre nós docentes que construíamos o curso cotidianamente. Tínhamos muitos desafios pela frente: reestruturar a grade curricular e abandonar o tripé original e, principalmente, convencer a direção da unidade e colegas de outros cursos do departamento que desejavam abocanhar as vagas do Reuni destinadas à Museologia. Recordo das angustiantes plenárias de departamento, nas quais tentávamos com afincos demonstrar que sem seguir a legislação do MEC sobre a implantação de Cursos de Museologia nossa graduação seria fechada. Contudo, a Museologia era a irmã mais nova, alguns docentes eram recém chegados e nas disputas internas ao departamento, os embates políticos foram extenuantes.

Após muitas discussões entre os docentes, decidimos por uma grade curricular mais adequada à formação exigida pelo MEC e mais de acordo com as habilidades e competências exigidas para o profissional que desejamos formar. Recordo do papel relevante que o grupo da Comgrad, coordenado pela colega Lizete Dias de Oliveira e eu como vice-coordenadora, mesmo sem apoio institucional, desempenhou nesse momento, principalmente da colega Ana Carolina Gelmini de Faria, então nossa primeira museóloga do curso.

Com a implantação do novo currículo, coube a mim, ministrando novas disciplinas e outras reformuladas, a partir de um estudo minucioso que fizemos.

Desse modo, a disciplina Bens Culturais na Museologia Brasileira foi reestruturada e gerou duas novas disciplinas: História dos Museus (1ª etapa), Cultura Material e Cultura Visual na Museologia Brasileira (5ª etapa). Além destas, foi também reformulada e ampliada a carga horária da disciplina Educação e Informação, que passou a denominar-se Educação em Museus (6ª etapa). Também propus vários outros componentes eletivos, entre os quais, ofereci Cidade, museu e patrimônio. A primeira disciplina incluiu no currículo com carga horária mais expressiva (60h) o conteúdo sobre história dos museus, desde as práticas colecionistas, passando pelo advento dos museus públicos na Europa até os museus brasileiros, nacionais, regionais e locais, de História natural (século XIX) e de História (século XX). Este programa coincidiu diretamente com minhas pesquisas, o que me permitiu não apenas atualizar os estudos permanentemente, bem como incluir as descobertas de campo, a exemplo, do movimento transnacional dos museus de educação, objeto parcamente conhecido pela historiografia dos museus e da Museologia. Como historiadora, sempre trabalhei uma perspectiva crítica da história e incluí, nos últimos anos, também um viés decolonial ao abordar a configuração das coleções dos grandes museus como fruto da conquista e da dominação de povos colonizados, o que reverbera na atualidade em práticas de repatriação e muitos debates sobre a questão. Também passei a adotar na avaliação a leitura e discussão de uma obra de escolha livre dos alunos, a partir de algumas opções oferecidas e o exercício de criação e alimentação de um blog por cada estudante. Ambos os exercícios, geraram sempre muitas descobertas e registros interessantes por parte dos discentes (figuras 29 e 30).

Figura 29 - Aula da disciplina História dos Museus do Curso de Museologia/UFRGS no Museu Anchieta.



Fonte: acervo da autora, 2019.

Figura 30 - Aula da disciplina História dos Museus do Curso de Museologia/UFRGS no Museu Júlio de Castilhos. Primeira saída de campo e aula presencial após isolamento social decorrente da pandemia do Coronavírus.



Fonte: Museu Júlio de Castilhos, acervo da autora, 2021.

Cultura Visual e cultura material na Museologia Brasileira aprofundou conteúdos sobre a investigação de artefatos e imagens, a partir das abordagens da Museologia, da História, da Antropologia e da Semiótica. Após conhecer diversas vertentes, os discentes realizam um exercício de investigação sobre um determinado objeto/imagem/coleção de um acervo museológico escolhido. Esse exercício tem gerado diversos estudos sobre os acervos dos museus localizados em Porto Alegre, especialmente do Museu Júlio de Castilhos, com o qual passei a realizar parceria sistematicamente. Em algumas edições da disciplina, o empenho e dedicação discente gerou descobertas bastante relevantes sobre a documentação destes objetos, muitos dos quais sem qualquer pesquisa ou registrado com muitos dados incorretos. Sempre considerei que os museus eram laboratórios do Curso de Museologia, pois poderíamos contribuir com nossa expertise no enfrentamento de procedimentos ainda insuficientes nos museus, a exemplo da pesquisa, assim como os museus poderiam nos oferecer uma riqueza inigualável de artefatos e imagens para investigar. Alguns desses estudos foram muito importantes para o museu e permitiram, inclusive, que determinados objetos fossem para exposição, a exemplo do quadro de Dom Pedro II (POSSAMAI et al., 2010), o retrato de Viríssimo de

Bittencourt (WITT, MEDEIROS, 2013) e mais recentemente a coleção etnológica (Figura 31).

Figura 31 - Turma da disciplina Cultura Material e Cultura visual na Museologia Brasileira com educador kaingang Dorvalino Refej Cardoso.



Fonte: Museu Júlio de Castilhos, acervo de Débora Nunes Deamici Vieira, 2022.

Em Educação em Museus foram trabalhados conteúdos sobre história da educação em museus; conhecidos diversos aportes teórico-metodológicos, da educação patrimonial à arte-educação, e vivenciados projetos existentes nos museus de Porto Alegre ou das imediações, entre os quais: Museu da História da Medicina, Museu Anchieta, Museu de Ciências Naturais do Rio Grande do Sul, Museu de Ciências da PUCRS, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Santander Cultural, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Arquivo Público do Rio Grande do Sul (Figura 32), Fundação Vera Chaves Barcellos, Fundação Iberê Camargo (Figura 33), entre outros. Temáticas específicas, como inclusão, foram abordados a partir de conferências de especialistas ou de visitas a instituições com o enfoque proposto. Esta foi uma das disciplinas mais prejudicadas com a pandemia de Covid 19, pois não pudemos visitar as instituições em razão da necessidade de isolamento social. Em contrapartida, pudemos estabelecer trocas com profissionais de outros estados,

a exemplo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Sempre procurei oferecer, nesta disciplina, os conteúdos básicos para elaboração do Programa Educativo, no âmbito do Plano Museológico, examinando a legislação brasileira em vigor, os pressupostos teóricos e metodológicos publicados nacional e internacionalmente, bem como observando os exemplos disponíveis na rede mundial de computadores.

Figura 32 - Aula da disciplina Educação em Museus do Curso de Museologia/UFRGS, Projeto de Educação Patrimonial do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, acervo da autora, 2015

Figura 33 - Aula da disciplina Educação em Museus do Curso de Museologia/UFRGS, na Fundação Iberê Camargo.



Fonte: Acervo da autora, 2015.

Figura 34 - Visita à ocupação indígena, Disciplina Educação em Museus.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Coube a mim também ministrar a disciplina de Projeto de Curadoria, no ano de 2013, na qual discentes concebem e executam um projeto expográfico, a exposição curricular do curso, momento aguardado com ansiedade pelos estudantes (Figura 35). Diferentemente, das propostas que vinham sendo realizadas, propus que a mostra tomasse como ponto de partida uma determinada coleção ou conjunto de objetos oferecidos pelos museus previamente contactados. Entre as diferentes possibilidades, a turma escolheu a coleção de arte das artistas Alice Soares e Alice Brueggemann, pertencentes à Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, da própria universidade. A exposição intitulada pelos discentes como *Alices: cenários de vida e arte* (POSSAMAI; FERRUGEM, 2017), fez uma imersão na biografia dessas pioneiras das artes visuais do Rio Grande do Sul, além de expor as condições inadequadas que parte do acervo se encontrava na universidade. Diversos estudantes quiseram dar continuidade ao trabalho de acondicionamento e conservação do acervo encontrado em projeto de extensão, coordenado pela Professora Jeniffer Cuty. Essa exposição também iniciou a estreita parceria do Museu da UFRGS com o Curso de Museologia, que passou a receber, no seu mezanino, anualmente, a exposição curricular.

Figura 35 - Aula da disciplina Projeto de Curadoria, montagem da exposição curricular do Curso de Museologia *Alices: cenário de vida e arte*.



Fonte: Laboratório Criumus, Anexo da Fabico, acervo da autora, 2013.

Ainda gostaria de me deter na disciplina eletiva *Cidade, museu e patrimônio*, por mim oferecida em duas edições como um desdobramento do Projeto de Extensão e de Popularização da Ciência *Leituras da Cidade*, a ser ainda aqui abordado. Na primeira edição, a disciplina se orientou em problematizar como o museu está inserido na cidade e como a cidade está inserida no museu. Através de várias saídas a campo, o objetivo era compartilhar o conhecimento sobre a história de Porto Alegre e sobre a relação dos museus com o espaço urbano. Na segunda edição, atuamos a partir de uma demanda da Associação Viva Petrópolis, bairro tradicional da cidade supostamente em estilo inglês que sofria descaracterização de sua paisagem em decorrência da demolição das casas e da construção de arranha-céus. O Curso de Museologia foi solicitado a colaborar com os moradores sensibilizados com a questão da história do lugar. Adotamos uma perspectiva etnográfica, percorremos as ruas do bairro e entrevistamos moradores (figura 36) com o objetivo de realizar um documentário, que se intitulou *Memórias de Petrópolis*⁷ (VARGAS et al, 2017). Para lançar o documentário, uma grande festa foi organizada pela Associação na Praça Mafalda Veríssimo, esposa do escritor Érico

⁷ Disponível no link: <https://youtu.be/gk6InHc4FFU>

Veríssimo, cuja família sempre morou no bairro, e que contou com a presença de seu filho Luís Fernando Veríssimo (Figura 37). Esta disciplina demonstrou na prática um exercício do que hoje está sendo denominado por curricularização da extensão, quando a universidade compartilha seus saberes em prol do aprendizado dos futuros profissionais e de necessidades específicas da sociedade. Na Museologia e consequentemente no Curso de Graduação esta era uma destinação desejável, tendo em vista o compromisso social que pauta a disciplina, além da competência técnica, como bem frisou Waldisa Rússio Guarnieri (BRUNO, ARAÚJO, COUTINHO, 2010).

Figura 36 - Discentes entrevistam morador do Bairro Petrópolis, Disciplina eletiva Cidade, museu e patrimônio.



Fonte: acervo da autora, 2017.

Figura 37 - Luís Fernando Veríssimo na festa de lançamento do vídeo Petrópolis: memórias de um bairro.



Fonte: Praça Mafalda Veríssimo, Porto Alegre, acervo da autora, 2017.

A docência ainda implicou no compartilhamento de saberes com a monitoria, discentes que me auxiliaram a “domar” o Moodle, agendar visitas e acompanhar os matriculados, nesses anos todos, em todos os semestres. Ademais, a orientação dos trabalhos de conclusão de curso se constituiu em momentos relevantes de troca afetiva e acadêmica. Tive a alegria de orientar catorze estudantes, futuros museólogo(a)s, a saber: Ana Celina Figueira da Silva, O museu e a consagração da memória de Julio de Castilhos (1903-1925) (2011); Nara Beatriz Witt, Ensino ou Memória? Museus escolares em Porto Alegre, RS (2013); Luiz Mariano Figueira da Silva, As Pinacotecas Municipais de Porto Alegre (2013); Welington Ricardo Machado da Silva, Museu, exposição e cidade: o caso do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, Porto Alegre, RS (2015); Danielle Chrystine Fortes dos Santos, O Museu do Carvão (2015); Amarildo Vargas, Museus escolares e ensino: a

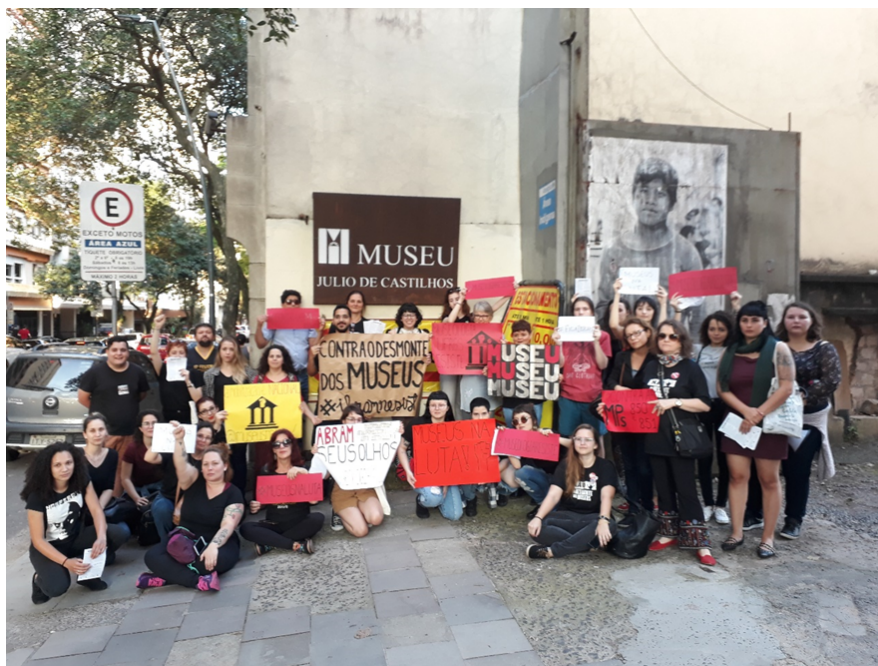
experiência do Museu Anchieta de Ciências Naturais (2018); Pablo Barbosa, O Museu da Vila do IAPI (2018); Eroni Marcon, As lentes de Jacob Prudêncio: história de uma coleção fotográfica (2018); Manolo Cachafeiro, As publicações do Museu Júlio de Castilhos (2018), Aldryn Brandt Jaeger, Quanto vale? O valor econômico da museália (2018); Jéssica Graciela Caetano Freitas, Materialidade e imaterialidade pelas lentes de Pierre Verger (2019); Daniela Göergen Reis, Fotografia e Documentação Museológica: reflexões e proposições a partir de um estudo de caso (2019); Marta Busnello, Museu Nacional em Chamas (2021); Elisângela Silveira de Assumpção, nuances do arco-íris: movimento LGBTQIA+ e Museologia (2021).

Os primeiros anos do curso foram de intensa relação com o Instituto Brasileiro de Museus, órgão que fazia a gestão da PNM, e os debates eram intensos, pois embora as necessidades do campo convergissem em linhas gerais, a crítica saudável e construtiva à atuação política desses agentes estava presente. Assim, lembro os movimentos que fizemos para que o único Ponto de Memória do Rio Grande do Sul, a ser localizado no bairro Lomba do Pinheiro fosse concedido ao Museu Comunitário e não para outra entidade alheia ao campo que pleiteava o posto por motivações político-partidárias. Essas reminiscências, com o devido distanciamento temporal, hoje me causam diversão, mas não deixo de re-presentificar as tensões vividas decorrentes do enfrentamento dos desmandos dos poderosos de ocasião. No calor da hora, nunca imaginei que éramos felizes e não sabíamos! E que debater e disputar a destinação de recursos da União para a cultura era o menor dos nossos problemas, tendo em vista os desmontes da atualidade.

Assim como ocorreu nesta situação, docentes e estudantes do Curso de Museologia estiveram à frente na discussão e na mobilização contra ações que colocavam em risco os museus e suas coleções ou de desmantelamento das políticas públicas alcançadas nas eras Lula e Dilma. Após o golpe que depôs a presidente eleita Dilma Rousseff, seu algoz traidor, ao assumir de modo ilegítimo o seu posto, imediatamente fez aprovar a PEC 95/2016, alcunhada de “Pec da Morte”, por restringir os investimentos públicos federais em saúde, educação, cultura, entre outras áreas, pelos próximos 20 anos. Como se isso não bastasse, extinguiu o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), uma conquista do campo museal, e com ele toda a legislação que dava amparo aos museus do País. Professoras, docentes e o museólogo do Curso de Museologia Elias Machado fomos às ruas do Centro

Histórico com cartazes e megafone para sensibilizar a população para o desmantelamento em curso. Abraçamos os museus Júlio de Castilhos (figura 38) e Hipólito José da Costa e fomos noticiados pelo Correio do Povo, cujo fotógrafo nos clicou do alto de uma das janelas daquele edifício histórico.

Figura 38 - Manifestação contra a Extinção do IBRAM, estudantes, discentes e técnico do Curso de Museologia/UFRGS em frente ao Museu Julio de Castilhos, no Centro Histórico de Porto Alegre.



Fonte: acervo da autora, 2018.

Quando fomos procurados por servidores do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa com o objetivo de denunciar as atividades de comercialização do então diretor, veiculada em site da rede mundial de computadores, de bens da mesma coleção existente no museu, recorremos ao Ministério Público, dialogamos com o Secretário de Estado da Cultura e acionamos a imprensa e outros meios políticos, quando as primeiras ações não surtiram efeito. Além disso, participamos, em 2017, dos atos públicos contra a censura e o fechamento pelo Santander Cultural da exposição Queer Museum (figura 59). Aquela conjuntura pós-golpe e a problemática em questão foi marcada por ações de violência física e simbólica por parte de grupos de extrema direita, que teve consequências trágicas para algumas pessoas, mas o ímpeto de se manifestar contra o absurdo uniu docentes e discentes da graduação e da pós-graduação.

Esses são apenas alguns exemplos de maior visibilidade da importância que assumiu o Curso de Museologia da UFRGS na proteção, na defesa e na valorização

de políticas públicas em prol dos museus e dos patrimônios. Outros exemplos ainda podem ser citados, tais como: projeto de documentação da Associação Riograndense de Imprensa (Prof. Marlise Giovanaz), projetos de informatização dos acervos da Pinacoteca Barão de Santo ângelo, Instituto de Física, Faculdade de Medicina, MARGS, Museu Júlio de Castilhos, Museu da Brigada Polícia, Museu Hipólito (Professoras Ana Celina da Silva, Ana Carolina Gelmini de Faria, Elias Palminor); Conservação do Acervo da Sociedade Polônia (Professora Vanessa Barrozo), projetos de museologia comunitária nas Ilhas e na Lomba do Pinheiro (Professora Ana Maria Dalla Zen), entre muitos outros.

Figura 39 - Corpo docente e museólogo do curso de Museologia /UFRGS.



Fonte: Restaurante Via Imperatore, acervo da autora, 22 março 2016.

Figura 40 - Docentes do Departamento de Ciência da Informação em ato contra a PEC da morte.



Fonte: Campus Central da UFRGS, acervo da autora, maio de 2019.

Figura 41 - Docentes e estudantes do Curso de Museologia UFRGS no IV SEBRAMUS.



Fonte: Universidade de Brasília, fotografia selfie de Marlise Giovanaz, 2019.

4.2 Um sonho se realiza: a implantação da pós-graduação em Museologia na UFRGS

A formação avançada em Museologia, em nível de pós-graduação, sempre se constituiu em horizonte na minha visão sobre o campo museal. Certamente esse olhar decorre de um posicionamento singular no qual vislumbro uma formação de base em diversas áreas do conhecimento a ser complementada com formação avançada para aqueles profissionais que desejassem atuar nos museus, com os museus ou sobre os museus e processos patrimoniais. Esse foi um extenso debate ocorrido no Brasil entre os colegas e que explicitou duas possibilidades de formação: a graduação e a pós-graduação. Participei ativamente dessa discussão como docente convidada dos cursos *lato sensu* que foram implantados em São Paulo, na Universidade de São Paulo, por iniciativa da museóloga Maria Cristina Bruno (Figura 42) e aqueles oferecidos no Rio Grande do Sul: em Santa Maria, na Universidade Franciscana, pelo Sistema Estadual de Museus e, em Porto Alegre, pelo Instituto de

Artes da UFRGS, além de ter ministrado disciplinas em cursos de especialização de amplo espectro, tais como o Curso de Educação Patrimonial oferecido pelas Faculdades Porto-Alegrenses por iniciativa da Professora Vera Barroso. Nessa época, nosso lastro acadêmico ainda era incipiente no Rio Grande do Sul e na UFRGS para enveredar na criação de um programa de pós-graduação. Lembro de conversar com o Professor Francisco Marshal e com a Professora Blanca Brites, coordenadores da pós do IA, quando discorremos sobre a incapacidade momentânea da UFRGS de atender às exigências da CAPES para tal proposta. Precisávamos aguardar o momento oportuno.

Figura 42 - Seminário no Curso de Especialização em Museologia da Universidade de São Paulo.



Fonte: Universidade de São Paulo, acervo da autora, julho de 2000.

E essa ocasião veio com a Política Nacional de Museus e com a criação de 14 cursos de graduação por meio do Programa Reuni, abordado anteriormente. Hoje, reflito que o projeto da formação em graduação foi o vencedor no interior do campo museal, pois as oportunidades que se apresentavam, naquele momento, convergiam para a criação das graduações. Se não aproveitássemos o ensejo, perderíamos uma oportunidade a ser lamentada no futuro. Assalta minha memória, uma mesa-redonda, organizada na V Semana de Museus da USP/Seminário de Avaliação do Programa de Apoio a Museus Brasileiros de VITAE, no ano de 2005, na qual estávamos eu, Solange Godoy e Mário Chagas entre outros colegas. Solange, museóloga, historiadora e por anos diretora do Museu Histórico Nacional,

foi uma de minhas apoiadoras no Museu de Porto Alegre e recorde de sua fala contundente na defesa da pós-graduação e na réplica discordante de seu discípulo, conforme se intitulou Mário Chagas, então um dos diretores do Departamento de Museus, órgão que originou o IBRAM e coordenou a Política Nacional de Museus, a partir de 2003. Esse debate ainda merece estudo mais acurado por parte da historiografia da museologia brasileira e compõe as memórias de nosso campo. Dessa maneira, conforme havia também mencionado o Diretor do IBRAM José do Nascimento Júnior, em diversas ocasiões, as condições políticas apresentadas naquele momento não se direcionavam para a pós-graduação, que precisaria ainda aguardar o momento para acontecer nos estados brasileiros fora do eixo Sudeste.

Logo que cheguei à Fabico, a Professora Ana Maria Dalla Zen, uma das grandes entusiastas também da pós-graduação, lançou-me o desafio de criar um grupo de pesquisa no CNPq. Disse-me ela, na ocasião, que precisávamos ter um grupo para podermos apresentar uma proposta de pós-graduação no futuro. Obediente, reuni colegas da UFRGS e de fora dela e implantamos o Grupo de Estudos em Memória, Patrimônio e Museus, o GEMMUS, cuja lideranças couberam a mim e à Dalla, a mentora daquela iniciativa, cuja descrição segue:

O GEMMUS dedica-se a articular pesquisa, ensino e extensão sobre as temáticas da memória social, dos museus e do patrimônio ambiental e cultural, repercutindo suas ações através da publicação de livros e artigos em revistas especializadas nacionais e estrangeiras; elaborações de teses e dissertações; participação em congressos, simpósios, e colóquios no país e no exterior; conferências e palestras no país e no exterior; desenvolvimento de projetos de investigação; organização de eventos; elaboração de projetos culturais e educativos; reuniões entre os pesquisadores para troca de informações e de experiências.

Nos vários anos de atuação, o GEMMUS congregou os pesquisadores em torno de suas temáticas de interesse e promoveu, em parceria com a Linha de Pesquisa História, Memória e Educação do PPGEdU, da qual eu também participava, aulas abertas e cursos com palestrantes nacionais (Maria Cristina Bruno, USP; Camilo Vasconcellos, USP; Fernanda Rechenberg, UFAL; Solange Ferraz de Lima, USP; Joseania Miranda Freitas; UFBA) e internacionais (Hugues de Varine, Interactions, França; Fernand Harvey, Universidade de Laval, Canadá; Jean-Louis Tornatore, Universidade da Borgonha, França). Além disso, promoveu sistematicamente a Mostra de Pesquisa do GEMMUS (Figura 43), na qual foram apresentadas pelos seus membros as suas investigações em andamento ou concluídas, posteriormente debatidas por um especialista convidado.

Figura 43 - Abertura da Mostra de Pesquisa do GEMMUS.



Fonte: Auditório 2, FABICO, acervo da autora, 2013.

Figura 44 - Aula aberta do GEMMUS com Solange Ferraz de Lima, então vice-diretora do Museu Paulista.



Fonte: Auditório 1 da Fabico, acervo da autora, 2015.

Figura 45 - Aula aberta do GEMMUS com Camilo Melo Vasconcellos, docente do PPGMUS E MAE/USP.



Fonte: Auditório 2 da Fabico, acervo da autora, 2017.

Assim, a existência de um grupo de pesquisa consolidado na UFRGS, devidamente registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, alavancou a criação de um programa de pós-graduação em Museologia. Iniciei, então, em 2016, com total apoio da amiga, colega e parceira de sonho, Ana DALLa Zen, as consultas das normativas da CAPES e da universidade para a proposição de novos cursos. O GEMMUS, a implantação do Curso de Museologia, a presença de quase 300 museus e as demandas no estado do Rio Grande do Sul por formação profissional avançada na área constituíram-se em fortes justificativas da empreitada, além do potencial de atração de estudantes da região Sul do Brasil, onde ainda não havia nenhum programa de pós-graduação em Museologia, e dos países vizinhos, Argentina e Uruguai. O principal desafio era configurar um corpo docente da universidade com formação e atuação com aderência ao novo programa proposto. A cada encontro, eu e Dalla contávamos nos dedos o número de professores que tínhamos na graduação em Museologia com os pré-requisitos para compor o grupo. Inicialmente, éramos seis: Lizete Dias de Oliveira, Valdir Morigi, Jeniffer Cuty, Fernanda Carvalho de Albuquerque, Ana Maria Dalla Zen e Zita Possamai.

Entretanto, a CAPES exigia de 8 a 10 docentes para novos cursos. Assim, precisei buscar parceiros em outras unidades da universidade para sonhar conosco. Além disso, havia a limitação de participação em outros programas. Ora, a maioria dos professores já atuava em um ou dois programas. Era uma equação complexa. Felizmente, graças ao Reuni também havia novos professores na UFRGS que ainda não haviam entrado nos programas de suas respectivas unidades. A primeira convidada foi a arquiteta Luisa Rocca Duran, com larga experiência e formação na preservação do patrimônio edificado, que aceitou com extremo entusiasmo a missão. Em seguida, convidamos Ana Albani de Carvalho, artista e docente do PPG Artes Visuais do Instituto de Artes e que quando fora coordenadora desse programa havia me aventado a possibilidade de criarmos o novo programa em parceria com aquele do IA. Também tínhamos a possibilidade de termos um docente de outra universidade, caso fôssemos um grupo de 10, de acordo com as normas da UFRGS. Desse modo, convidamos Letícia Julião, da UFMG, também com extensa experiência no campo, para se somar a nós. Finalmente, aceitou o desafio Marília Forgearini Nunes, professora recém-concursada da Faculdade de Educação, com formação e experiência em educação visual das infâncias e que muito poderia contribuir na educação museal. Tínhamos um corpo docente de 10 pessoas. O maior obstáculo fora transposto!

Reunir esses dez colegas; dialogar com a Coordenação da Câmara de Pós-Graduação, na ocasião posto ocupado pela minha professora de História da América III, Claudia Wasserman; estudar as propostas existentes no Brasil e elaborar a proposta do nascente Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio foi tarefa das mais agradáveis e que tenho muito orgulho de ter concluído. Em tempo record, como costuma dizer Ana Dalla Zen, concebemos o curso: definimos a área de concentração em Museologia e Patrimônio, afinada com as expertises do corpo docente; definimos a grade curricular; elaboramos as ementas das disciplinas com suas respectivas referências bibliográficas atualizadas; reunimos as autorizações departamentais e dos PPgs de cada docente; elaboramos uma bela justificativa e configuramos uma proposta apresentada à Faculdade de Biblioteconomia. Aprovada pelo Conselho da Unidade em 29 de fevereiro de 2016, na mesma data, foi encaminhada para a Pró-Reitoria de Pós-Graduação. A Câmara de Pós-Graduação aprovou o projeto, após diligências e, ainda em 2016, com muita alegria, recebi a incumbência e a autorização da Pró-Reitoria de Pós-Graduação

para preencher o formulário dos APCNs na famigerada Plataforma Sucupira, condição para submissão à Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Em setembro daquele mesmo ano atendemos as diligências desta agência quanto à carga horária docente e à bibliografia. Finalmente, recebemos a notícia de aprovação de nosso programa na CAPES. Posteriormente, a proposta foi submetida e aprovada pelo CONSUN. Assim tornava-se realidade o PPGMUSPA, um sonho sonhado por muitas pessoas, como disse Paulo Freire.

Figura 46 - Primeira reunião das docentes e do docente do PPGMUSPA para elaboração do APCN.



Fonte: Anexo da Fabico, acervo da autora, 2016.

Em abril de 2017, configuramos uma Coordenação, composta por mim e Ana Dalla Zen e uma Comissão de Pós-Graduação para iniciar as medidas necessárias à implantação do novo programa. Com o auxílio da secretária Helenice Cristaldo, lançamos o edital do primeiro processo seletivo de discentes (Figura 47) e classificamos dez candidato(a)s para a primeira turma do PPGMUSPA, cuja aula inaugural ocorreu em agosto de 2017.

Figura 47 - Prova escrita do Primeiro Processo Seletivo do PPGMUSPA.



Fonte: Anexo da Fabico, acervo da autora, 2017.

Figura 48 - Recepção da segunda turma do PPGMUSPA com a presença da primeira turma e docentes.



Fonte: Sala 216, Fabico, acervo da autora, 2018.

No PPGMUSPA, compartilhei a disciplina obrigatória *Museu e Museologia: história, teoria e métodos*, com a colega Professora Letícia Julião (2017) e com a colega Professora Ana Carolina Gelmini de Faria, nos anos entre 2018 e 2022. Também compartilhei com a Professora Luisa Rocca Duran a disciplina obrigatória *Patrimônio, memória e sociedade* e a disciplina *Visita técnica aos museus, sítios e patrimônios brasileiros* com outras colegas do programa, além da disciplina

Orientação de Pesquisa, oferecida semestralmente. Destaco a disciplina compartilhada com o pós-doutorando Ozias de Jesus Soares *Museus, território e territorialização: reflexões e práticas*, oferecida em 2021. Até a presente data, tive cinco orientandas, todas integradas a meu grupo de pesquisa, onde compartilham as disciplinas da minha Linha de Pesquisa do PPGEDU. Abaixo, a relação das orientações de Mestrado no PPGMUSPA:

CONCLUÍDAS

Alana Cioato. Os quadros parietais do Museu de Ciências do Colégio Anchieta. 2021.

Amanda Mensch Eltz. Retratos do poder, disputas pela memória: a coleção de retratos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. 2019.

Julia Jaegger. Museu de Canoas Hugo Lagranha: coleção. 2018.

EM ANDAMENTO

Luisa Menezes da Silveira. Padre Pio Buck e o Museu Anchieta de Ciências Naturais. Início: 2020.

Lizandra Caon. A coleção do IGTF e do Museu do Folclore. Início: 2022.

Desde então, o PPG tem mostrado sua relevância para o avanço da Museologia no Rio Grande do Sul e no Brasil. Temos acolhido como estudantes jovens profissionais museólogos e de outras áreas, bem como profissionais com larga experiência nos museus e com avançada formação em outras áreas. Seus estudos têm proporcionado investigações significativas no âmbito dos museus, das coleções e dos patrimônios locais, regionais, nacionais ou internacionais.

Destarte essa importância local, regional e nacional, os programas de pós-graduação em Museologia são em número minoritário na área de Comunicação & Informação, onde estão posicionados na CAPES. Essa característica faz com que as coordenações de área escolhidas a cada dois anos pelas entidades dos campos majoritários, Associação Nacional de Ciência da Informação e Compós, representem exclusivamente esses dois campos. Desse modo, a Museologia não está representada adequadamente na CAPES, pois apresenta especificidades que não se confundem nem com a Comunicação, nem com a Ciência da Informação, embora apresente interfaces importantes com ambas. Agregar coordenações e docentes dos seis programas existentes (UNIRIO, USP, UFBA, MAST, UFPI e UFRGS) em prol de

uma pauta que contemple a Museologia junto à CA tem sido um esforço considerável. Sem uma associação formalmente instituída e reconhecida na área da CAPES, por ora, nos reunimos na Rede de Professores e Pesquisadores de Museologia, criada quando do início da implantação das graduações. A cada Seminário Brasileiro de Museologia - SEBRAMUS, organizado pela Rede, tentamos nos reunir, dialogar entre nós e com as coordenações de área. No evento ocorrido em Belém, em 2017, criamos o Fórum de Pós-Graduação da Rede e desde o evento de Brasília, 2019, por escolha unânime entre os colegas, assumi a tarefa de coordenar esse fórum. A experiência no PPGEDU tem sido de extrema relevância para compreender os meandros do funcionamento da Pós-Graduação e sua avaliação no Brasil, mas, infelizmente, não foi suficiente para fazer frente às inúmeras situações que colocaram em risco a forma democrática como era conduzida. Essas indefinições e interferências políticas são mais um ingrediente a nos angustiar e a nos desafiar para o enfrentamento da continuidade de nossos programas e da pesquisa científica no País.

Figura 49 - Primeiro Seminário de Avaliação do PPGMUSPA.



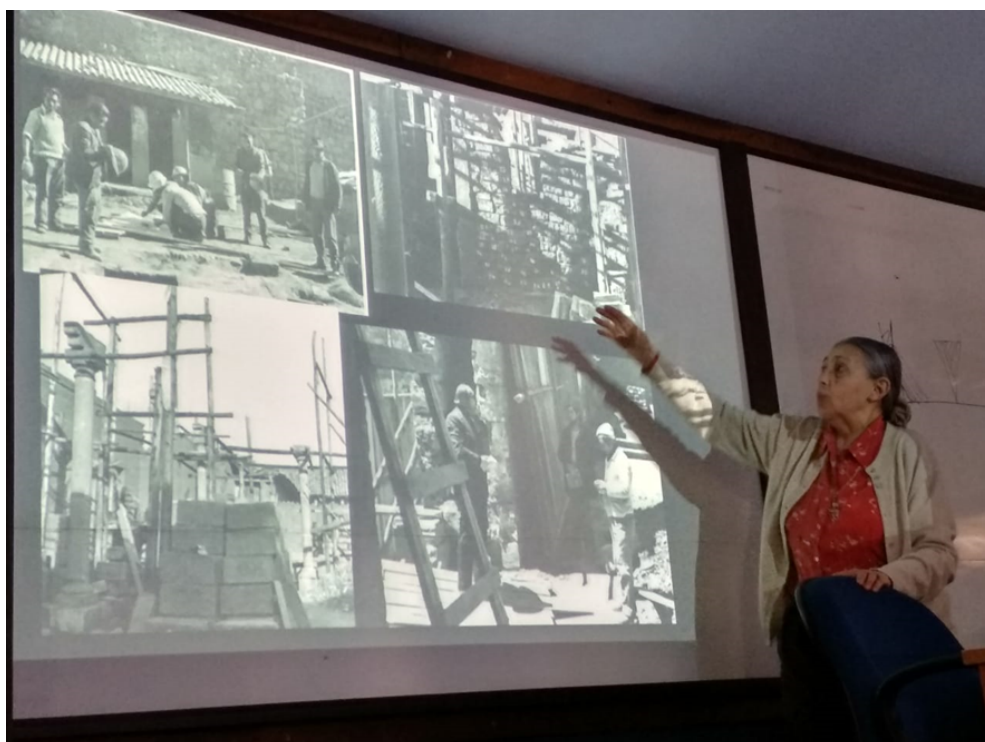
Fonte: Anexo da Fabico, acervo da autora, 2018.

Figura 50 - Aula inaugural do PPGMUSPA com a presença da Professora Maria Margaret Lopes.



Fonte: Auditório 1 da FABICO, acervo da autora, 2017.

Figura 51 - Curso Restauração de Arquitetura de Terra, ministrado por Graciela Viñalles.



Fonte: Auditório 1 da Fabico, acervo da autora, 2018.

Figura 52 - Aula aberta do PPGMUSPA com a Professora Marília Xavier Cury, com a presença dos docentes dos Cursos.



Fonte: Auditório 2, Fabico, acervo da autora, 2019.

Figura 53 - Visita organizada pelo PPGMUSPA ao Museu das Ilhas com o antropólogo Jean-Louis Tornatore.



Fonte: Museu das Ilhas, acervo da autora, 2018.

Figura 54 - Aula aberta do PPGMUSPA com a Professora Fernanda Rechemberg.



Fonte: Auditório 1 da Fabico, acervo da autora, 2018.

Figura 55 - Visita dos estudantes do PPGMUSPA e da disciplina Educação em Museus do Curso de Museologia à aldeia guarani Yvy Poty.



Fonte: Barra do Ribeiro/RS, acervo da autora, 2019.

Figura 56 - Aula da disciplina da Professora Zita Possamai no Museu Júlio de Castilhos.



Fonte: acervo da autora, 2018.

Figura 57 - Divulgação do evento Encontro sobre Patrimônio, Museus e Arte, organizado pelo PPGMUSPA com Livraria Cirkula.

cirkula
OSVALDO ARANHA, 522

**ENCONTROS
SOBRE
PATRIMÔNIO,
MUSEUS E
ARTE**

19h

**20 MAR
17 ABR
22 MAI
26 JUN**

PALESTRANTES
20 - Março - Zita Possamai e Amanda Mensch Eltz
17 - Abril - Ana Albani de Carvalho, Dóris Couto e Aldryn Jaeger
22 - Maio - Luisa Rocca Durán
26 - Junho - Ana Dalla Zen e Leticia Oliveira

Promoção: PPGMUSPA - UFRGS

evento gratuito

emissão de certificado (75% de presença nos 4 encontros) R\$ 4,00

Fonte: Livraria Cirkula, 2019.

Figura 58 - Evento Encontros sobre Patrimônio, Museus e Arte, organizado pelo PPGMUSPA.



Fonte: Livraria Cirkula, acervo da autora, maio de 2019.

Figura 59 - Manifestação das alunas, da Professora e do aluno do PPGMUSPA contra o fechamento da Exposição Queer Museum.



Fonte: Frente ao Santander Cultural, acervo da autora, 2017.

Figura 60 - Docentes no Evento de Aniversário de 5 anos do PPGMUSPA.



Fonte: Pinacoteca Ruben Berta, Fotografia de Cândida Vitória Martins, 2022.

Figura 61 - Reunião de coordenadores e docentes dos PPGs brasileiros no campo Museologia, SEBRAMUS, UNB, Brasília, 2019.



Fonte: Universidade de Brasília, acervo da autora, 2019.

Com muita alegria, antes de finalizar este memorial, recebemos as notícias sobre a Avaliação Quadrienal da CAPES, processo tumultuado e que gerou muitas incertezas entre todos os envolvidos com a pós-graduação no Brasil. Uma normativa daquela agência sinalizava a extinção de programas que persistissem com nota 3, recebida quando da implantação de cada novo programa, como era o nosso caso. Felizmente, alcançamos nota 4 e pudemos celebrar esse reconhecimento por tanto esforço coletivo, justamente no mesmo momento em que completávamos o aniversário de cinco anos do PPGMUSPA. Agora, rumo ao doutorado!

5. SABERES EM RELAÇÃO NA CIDADE EDUCADORA: ATUAÇÃO NA EXTENSÃO

Na universidade, a atuação docente se dá por meio do tripé ensino, pesquisa e extensão. A extensão era o domínio que mais me sentia confortável antes de entrar na UFRGS como docente, pois se aproximava muito com minha atuação no âmbito da cultura, afinal de contas, o objetivo do extensionista é estabelecer um diálogo entre os saberes acadêmicos e a sociedade. Estava acostumada com a população batendo na porta. Assim, não era um mistério para mim, estar em meio à população, escutar seus anseios, tentar atender suas demandas e compreender suas necessidades. Entretanto, em minha percepção, os movimentos sociais da cidade viam de modo muito tênue ainda, a universidade como espaço legítimo para suas demandas. Desse modo, observei que tínhamos que ir ao encontro de grupos e instituições a fim de buscar parcerias. A partir da criação desses laços, os projetos podem se perenizar por muitos anos, a depender de ambos os lados, docentes e pessoas envolvidas.

Nesse sentido, considero a extensão como um grande aprendizado de relacionamento com o outro, nos moldes da criação de uma zona de contato, nos termos de James Clifford (2008). Escutar, respeitar os pontos de vista, partilhar os tempos, romper com hierarquias, compartilhar saberes, emocionar-se, criar limites, são alguns dos exercícios de aprendizado que permitem descobertas enriquecedoras e transformadoras.

Nesses 16 anos na UFRGS, fui entusiasta de diversos projetos de extensão de minhas colegas na Faced e na Fabico e atuei mais diretamente à frente do Conexões de Saberes e do Leituras da Cidade, que passo a relatar.

5.1 Conexões de Saberes: onde a periferia e a academia se encontram

Um dos momentos importantes na minha vida acadêmica como docente na UFRGS foi a atuação no projeto Conexões de Saberes. Nele ingressei, a convite de minha colega de área e, então coordenadora do projeto na universidade, Maria Aparecida Bergamaschi, no ano de 2008. O Conexões, como carinhosamente o denominamos, fora criado pelo MEC por iniciativa e proposta da Central Única das Favelas e objetivava manter com qualidade os ingressantes provenientes das

escolas públicas nas universidades federais, ou seja, aqueles discentes contemplados pela política de ações afirmativas em processo de implantação nas diversas instituições brasileiras de ensino. Um grupo de docentes coordenadores tinha sob sua responsabilidade um determinado território de Porto Alegre e orientava um grupo de discentes provenientes de diferentes formações. A ideia era reunir os saberes acadêmicos e os saberes das comunidades por meio de atividades educativas, sociais ou culturais planejadas conjuntamente.

Participei como coordenadora em duas edições do Conexões na UFRGS. Na primeira, em 2008, fizemos uma parceria com o FERES, localizado no Bairro Restinga com o qual organizamos na sala 101 da Faculdade de Educação, um curso de formação para educadores populares. Recordo do grande desafio em acolher as lideranças desse movimento e romper com os preconceitos de ambos os lados. A desconfiança que muitos representantes dos movimentos sociais nutriam em relação a nós era justificada, pois eram raras as iniciativas compartilhadas entre estes e a universidade. Por outro lado, as demandas administrativas da gestão de recursos impunha regras, muitas vezes, cerceadoras da criatividade cultural dos sujeitos envolvidos. Com esse grupo social a relação foi bastante conflituosa e os resultados considerados medianos. Os três estudantes bolsistas (Martina Gomes, Pedagogia; Rodrigo Ramos, Letras; Liziê Vargas, História) relataram a oportunidade de ter uma bolsa pelo Conexões; sua frustração com a não realização de oficinas planejadas; as dificuldades financeiras da família; a importância do projeto como ação afirmativa, aspecto que registrei no meu caderno de campo (Possamai, 2008).

Na segunda edição, em 2009, procurei um território mais afinado com minhas temáticas de estudo, ainda no âmbito de Porto Alegre: histórias, memórias, patrimônios e museus. Assim, busquei uma parceria com o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, através de sua coordenadora, historiadora Claudia Feijó, que prontamente nos acolheu, assim como Fatima Monteiro, Coordenadora da mantenedora IPDAE (Instituto Popular de Educação). Meu interesse pela Museologia Social vinha de anos de atuação no museu da cidade e na Coordenação da Memória Cultural, além do estágio no Ecomuseu de Le Creusot-Montceau, conforme expliquei anteriormente. A imersão no museu e no bairro foi marcada por muitas descobertas. Iniciamos por incursões etnográficas nas vilas mais antigas e conversamos com os moradores mais longevos. No texto da comunicação apresentada no II Seminário Investigación en Museología de los países de lengua

portuguesa y española, ocorrido em Buenos Aires, em 2011, descrevi as características do bairro e do museu:

O Bairro Lomba do Pinheiro localiza-se na Zona Leste da cidade de Porto Alegre, tendo uma população flutuante de aproximadamente 80 mil pessoas. Semelhante a outras áreas de Porto Alegre, o bairro apresenta problemas urbanísticos e ambientais decorrentes da ocupação desordenada. Extensas áreas verdes convivem com vilas irregulares com problemas de saneamento básico, instalações elétricas precárias, falta de segurança, violência, tráfico de drogas. Deixados à margem por políticas públicas, os moradores do bairro Lomba do Pinheiro desde cedo aprenderam a se organizar de forma associativa e cooperativa, a fim de enfrentar as necessidades urbanísticas do local, como falta de água, falta de energia elétrica, calçamento, carência de escolas e postos de saúde. Dessa forma, o bairro apresenta uma população com elevado nível de organização política em diversas associações comunitárias (PORTO ALEGRE, 2000). O Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro é uma relevante presença no bairro e tem por objetivos valorizar as memórias, as vivências, o patrimônio cultural e ambiental dos seus moradores. Sua origem está relacionada à doação da edificação onde funcionava um armazém de estrada, construído no século XIX, por seu proprietário à comunidade do bairro. Essa doação foi realizada ao IPDAE que instalou nos seus espaços o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião, antiga proprietária do estabelecimento e que apresenta uma relação histórica com a formação do bairro. O museu ainda abriga uma biblioteca que oferece acesso à leitura, uma das diretrizes de atuação do IPDAE, além da formação musical continuada através de sua orquestra infanto-juvenil. (POSSAMAI, 2011)

No meu caderno, registrei as saídas de campo, nas quais visitamos alguns dos primeiros moradores do bairro, consultamos documentos e fotografias e escutamos suas memórias. Entre eles, o Sr. Beno Volkmann, Presidente da Associação de Moradores da Vila São Francisco, nos relatou:

A estrada São Francisco foi aberta em 1957, a pá e picareta. Nessa área tinham chácaras agrícolas, como a Chácara dos Limoeiros, do Seu Mello e a chácara do Seu Manoel Boca Torta. (...) A rede elétrica foi instalada nos anos 1970, assim como a rede de água encanada. (Possamai, 2008)

Dona Zailde Freitas da Silva, Presidente da Associação Comunitária Recreio da Divisa, também relatou suas memórias:

Aqui era área verde, onde havia bugios. Nos anos 1980 foi iniciada a ocupação da propriedade de Guerino. Houve ordens de despejo e barricadas dos moradores contra essa situação. (...) A luz era clandestina e a água era buscada nas nascentes, que secaram devido a isso. Chegaram a ficar 78 dias sem água potável. (Possamai, 2008)

Essas memórias narradas de luta social por melhorias nessa área periférica e quase esquecida pelas políticas públicas da cidade, eram apenas uma fração da complexidade urbanística, social e cultural da Lomba do Pinheiro. Através da *Parêntese*, revista *on line* editada por meu colega Luís Augusto Fischer a partir de 2019, conheci as crônicas e livros de José Falero, escritor e morador daquele bairro. Nos seus escritos incomparáveis, o escritor intercala a linguagem formal correta e

aquela “da quebrada”, de onde brotam as vivências de quem está inserido nesse universo marcado pela desigualdade, pelo racismo, pela violência, pela criatividade, pelo trabalho, pelos afetos, pela desesperança, pelas perdas e tudo mais que compõe a humanidade das populações pobres e pretas que habitam os subúrbios das grandes cidades e que, recentemente, tem recebido uma valorização merecida. Por meio da escritura de Falero, as vilas de Porto Alegre e as vivências de seus moradores ecoaram nas minhas miradas desde o exterior da Lomba, das Ilhas e da Vila do Cristal e nos ideais de uma sociomuseologia centrada nas pessoas e seus anseios. Felizmente, os escritos de Falero, Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis, Itamar Vieira, José Tenório, entre outros autores negros e autoras negras, tem ganhado a visibilidade merecida na literatura do Brasil e de outros países. Se o cotidiano dessas áreas é inalcançável para a academia que chega e olha de fora, essas narrativas tem proporcionado chegar muito perto de vidas dilaceradas pela dor e pela perda, mas que, apesar das adversidades, nutrem a esperança e lutam por um mundo melhor, a exemplo de Mara, que perdeu seu filho de 19 anos num tiroteio na Planetário, onde mora, e que me contou essa trágica morte, quando comentei que em *Os Supridores* de José Falero, ele narra um tiroteio ocorrido no Redondo e nas ruas daquela vila. Assim, os personagens de Falero ganham corpo e estão mais próximos do que imaginamos, basta querer olhar. Contudo, apenas suportamos essa crueza por meio da narrativa pretensamente ficcional, do livro repousado na nossa estante após a leitura que nos devolve a paz tranquilizadora.

Nem de perto o Pinheiro, nome que boa parte dos moradores dá ao bairro, das crônicas e livros de José Falero, foi aquele conhecido pelos estudantes do Conexões que lá atuaram. O grupo era formado por acadêmicos dos cursos de Biologia, Agronomia, Teatro, Letras, Pedagogia, História, Biblioteconomia e Educação Física. Todos provenientes de camadas populares e ex-estudantes de escolas públicas; moradores de bairros localizados na periferia da cidade; um deles vinha do interior do estado; apenas um era morador da própria Lomba do Pinheiro; três deles eram negros.

Com minha orientação e apoio de Cláudia Feijó, durante um ano, os discentes passaram a frequentar o espaço, uma vez por semana, e vivenciar as práticas em museologia comunitária: atendiam o público leitor na biblioteca; acompanhavam grupos escolares; participavam dos projetos educativos e culturais, da divulgação do museu nas escolas do bairro, da montagem de exposições. Na universidade, o

grupo se reunia para compartilhar as experiências sobre sua presença no território e realizar debates a partir das leituras propostas. Em duplas, o grupo concebeu e organizou quatro oficinas, forma escolhida de compartilhamento de saberes com os moradores: *Lombazine*, criação de fanzine (Marta Assis); *Fantoches*, sobre as memórias das lideranças (Tatiane e Rafael); *Semeadores da conservação*, sobre educação ambiental (William e Daniele); *Imagens e Letras*, sobre as memórias dos moradores por meio de fotografias e escritas (Camila Petró e Adriane).

Essa experiência no Museu da Lomba do Pinheiro permitiu vivenciar o museu como um processo (VARINE, 1995, 2000, 2002), no qual os moradores eram partícipes ativos do funcionamento do museu e suas ações voltadas diretamente para as questões do bairro. Por outro lado, foi possível observar as fragilidades e as fortalezas da museologia comunitária, bem como os limites das relações entre a universidade e uma instituição desse tipo. O poema de uma das bolsistas do projeto, Camila Petró, Mestre em História e Professora, sintetiza meus sentimentos em relação a essas iniciativas de museologia comunitária: “Quantos mais pontos finais busco, Mais me chutam as interrogações”

Figura 62 - Saída de campo dos Bolsistas do Projeto Conexões de Saberes e Professora Zita Possamai.



Fonte: Bairro Lomba do Pinheiro, fotografia de Claudia Feijó, 2009.

Figura 63 - Professora Zita Possamai e bolsistas entrevistam moradora do bairro Lomba do Pinheiro, Projeto Conexões de Saberes.



Fonte: Bairro Lomba do Pinheiro, fotografia de Claudia Feijó, 2009

Figura 64 - Imagens do folder de divulgação das oficinas do Projeto Conexões de Saberes.





Fonte: acervo da autora, 2009.

Figura 65 - Oficina de Fanzine ministrada pela Bolsista Marta Assis, Projeto Conexões de Saberes.



Fonte: Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, fotografia de Claudia Feijó, 2009

Figura 66 - Oficina imagens e Letras, ministrada pelas bolsistas Camila Petró e Adriane, Projeto Conexões de Saberes



Fonte: Bairro Lomba do Pinheiro, fotografia de Claudia Feijó, 2009.

Ao Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro retornei quando já estava no Curso de Museologia da UFRGS e, anos mais tarde, com a colega Ana Maria Dalla Zen, que por muitos anos atuou neste museu e o transformou no único Ponto de Memória⁸ do Rio Grande do Sul. Refletimos sobre a relação entre o saber científico representado pela universidade e os agentes locais, na concepção e na sustentabilidade de museus comunitários, em capítulo de livro organizado por Castriota e Jean-Louis Salvatore (no prelo):

(...) No caso da Lomba do Pinheiro, a forte presença da universidade levou a entidade mantenedora a arrefecer seu compromisso com o museu, aspecto que comprometeu de modo marcante a continuidade das atividades. Além dessa entidade, não houve o engajamento de outros moradores no processo.

⁸ Ponto de Memória foi um programa da Era Lula e Dilma (2003-2016); foram criados com o objetivo de reconstruir e fortalecer a memória social e coletiva das comunidades a partir do cidadão e de suas origens, histórias e valores. Com metodologia participativa e dialógica, discutiam a memória de forma viva e dinâmica, enquanto ferramenta de transformação social (IBRAM, 2016).

Apesar de hoje o MCLP estar de portas fechadas, as iniciativas ali realizadas ganharam o mundo com a visita de Hugues de Varine em 2010 e com a comunicação por mim realizada em Shangai, China, no mesmo ano, na Conferência Internacional do ICOM e com a publicação resultante *The Youth, the Museum and Affirmative Action in Brazil*, no livro *Public Education and Museums*, editado pelo Comitê Educação e Ação Cultural do mesmo órgão (POSSAMAI, FEIJÓ, 2010).

Figura 67 - Projeto Leituras da Cidade participa do Lombatur.



Fonte: acervo da autora, s.d.

Todos os bolsistas do Conexões, assim como o bairro, permanecem com muito carinho em minhas reminiscências, auxiliadas pelas imagens fotográficas que produzimos. Revi alguns deles, alguns anos depois, já formados e atuando como educadores, como Martina Gomes, pedagoga e professora do Instituto Estadual General Flores da Cunha; Rodrigo Ramos, poeta e professor; Camila Petró, mestre em História e também professora; Marta Assis, bibliotecária; Manoela Amilai, aluna do Curso de Ciências sociais, proveniente de Moçambique e que retornou ao seu país. Para os primeiros ingressantes cotistas da UFRGS, tenho certeza que o Conexões teve um significado único em suas vidas de estudantes universitários, especialmente ao oportunizar um espaço de convívio e partilha com seus iguais. Ainda temos um vasto campo a investigar sobre o impacto do ingresso na

universidade pública, na vida dessas pessoas, bem como sobre as transformações proporcionadas para a vida universitária de modo amplo. Nos territórios nos quais atuamos, acredito que nossa contribuição tenha sido muito modesta e limitada, diante da complexidade lá vivida. Como docente, essa experiência marcou-me profundamente em relação ao papel da educação e da universidade pública para a formação desses sujeitos com os quais me identificava pelo aspecto de também ser proveniente da periferia.

Com a finalização do Projeto Conexões de Saberes, ainda na FAGED, busquei outros modos de atuação na Extensão e foi inevitável permanecer com ações sobre as histórias, memórias e patrimônios de Porto Alegre e, assim, nasceu o Projeto Leituras da Cidade.

5.2 Leituras da Cidade: para ver e compreender Porto Alegre.

O Projeto Leituras da Cidade me fez retomar preocupações que tinha quando atuava diretamente com a gestão dos patrimônios de Porto Alegre. Originou-se de uma constatação bastante intuitiva sobre a necessidade de aperfeiçoamento dos educadores sobre a história de Porto Alegre, pois a temática compõe o currículo do ensino fundamental, sendo, assim, uma das preocupações da rede de ensino que necessita recorrer a material didático e metodologias capazes de apreender a cidade. Embora algumas escolas privadas proporcionem passeios aos museus e certas edificações históricas, na maioria das vezes, as abordagens restringem-se ao espaço da sala de aula e à utilização de recursos pedagógicos bidimensionais, os livros didáticos. Entretanto, a cidade está lá fora. Com ruas, praças, avenidas, espaços, largos, monumentos, é um caleidoscópio de imagens, cores e sons, vivenciada pelos educadores e educandos, mas alheia a sua própria investigação quando se deseja melhor conhecê-la.

Muitas razões certamente poderiam ser encontradas para explicar tal paradoxo. Para os objetivos daquele projeto, levou-se em conta a dificuldade metodológica de apreensão da cidade, que não se dá a ver ao transeunte apressado que a vive no seu cotidiano. Neste caso, a cidade se revela nos significados subjetivos da sua relação com os espaços utilizados. Porém, a proposta buscou ultrapassar as apropriações pontuais e subjetivas e buscou leituras da cidade que

proporcionam seu melhor conhecimento, seja a partir da sua trajetória ao longo do tempo, da configuração do seu patrimônio arquitetônico, artístico ou arqueológico. A partir destas diferentes leituras, os educadores poderiam exercitar posteriormente com seus alunos e alunas essas e outras possibilidades de melhor conhecer Porto Alegre.

O projeto em sua primeira edição, em 2007, compreendeu o oferecimento de um curso de formação de 40 horas, destinado a professores da rede de ensino e a educadores em geral. Foram seus objetivos: sensibilizar os educadores a incluírem no seu programa de ensino as questões relacionados à cidade, sua memória e seu patrimônio; possibilitar o acesso à leitura do centro histórico de Porto Alegre em suas múltiplas abordagens temporais ou temáticas; construir coletivamente metodologias que permitam aos educadores se apropriarem do centro histórico; propiciar aos educadores que já trabalham com a temática da cidade novas perspectivas, abordagens e metodologias de aprendizagem.

A formação se construiu na intersecção entre história, memória, patrimônio e educação. Memória concebida como uma construção social, intimamente relacionada com o aqui e agora dos indivíduos e com as redes de relações tecidas nos grupos, sejam estes a família, os amigos, a escola, os moradores da rua, que imbricam memórias individuais e coletivas (HALBWACHS, 1990). A história, por sua vez, é um esforço de construção de uma inteligibilidade sobre a trajetória ao longo do tempo. Nesse sentido, está restrita a um seleto grupo de especialistas, necessitando de um esforço maior para ser apreendida de forma mais ampla. O mesmo pode-se afirmar em relação ao patrimônio. Enquanto for concebido apenas como um conjunto de bens que representam a nacionalidade, a região ou a cidade dificilmente será apropriado por uma gama maior de pessoas. Ao contrário, deve ser problematizado também ele como um constructo social, forjado nas relações sociais e que guardam um sentido na sua configuração e está aberto à elaboração de novos significados. Daí a definição do antropólogo mexicano Nestor Canclini (1992) de que “o patrimônio é um campo de conflitos entre as etnias, as classes e os grupos” ser a que melhor expressa a noção que não empedra o patrimônio em exemplares arquitetônicos ou monumentais, mas o submete à crítica, transformando-o em documento da época e da sociedade que o criou.

A partir destas considerações conceituais, foram pensadas ações educativas voltadas ao patrimônio como construções abertas, como processo de elaboração de leituras sobre a cidade, sua memória e seu patrimônio. Nessa perspectiva, metodologicamente não há receitas prontas ou métodos que possam ser aplicados acriticamente a qualquer contexto ou a qualquer grupo de educandos. É a situação local, com suas especificidades históricas, culturais e sociais, que determinará a metodologia a ser seguida, a partir do contato com leituras propostas. Desse modo, a formação visou propiciar a busca de metodologias capazes de encontrar caminhos à indagação: como ler o centro histórico? A partir desta indagação, a metodologia abarcou dois momentos: 1º momento: aulas teóricas ministradas por diferentes profissionais que lidam com a temática da história de Porto Alegre e aspectos relacionados. Saídas a campo, através de visitas orientadas de modo a enfocar aspectos específicos da trajetória do Centro Histórico: arquitetura, arqueologia, lugares, museus; 2º momento: construção pelos participantes de diferentes propostas metodológicas com base nas leituras do centro histórico, visando a incorporação deste no processo pedagógico.

No final deste derradeiro momento, foi alcançado um mosaico de leituras do centro histórico construído pelos educadores para servir de estímulo para a aplicação em sala de aula. O programa de conteúdos compreendeu: memória e patrimônio (Cornelia Eckert e Briane Bicca); história da formação Porto Alegre e de seu Centro Histórico (Vera Barroso); arqueologia da Cidade (Fernanda Tocchetto e Alberto Tavares); patrimônio arquitetônico (Ana Lucia Meira); percursos étnicos: caminhos do indígena (Maria Aparecida Bergamaschi) e do negro (Iosvaldyr Carvalho Bittencourt e Pedro Vargas); percursos artísticos (Elisabete Leal e Flavio Krawczki); Cidade Educadora (Maria Carmem Barbosa); experiências em Educação para o Patrimônio: o Projeto de Educação Patrimonial do Arquivo Público do Rio Grande do Sul; possibilidades metodológicas de Ação Educativa para o Patrimônio (Zita Possamai); atividades de elaboração de projeto em grupo.

O Curso teve uma intensa procura, com dezenas de pessoas em lista de espera. Contudo, com a metodologia de saídas de campo ao ar livre, conseguimos atingir o número de 40 inscritos apenas. Tal sucesso, fez pensar sobre a boa aceitação e receptividade por parte de estudantes e de professores, não apenas da rede de ensino da capital, mas também da região metropolitana. Assim, com a

oportunidade dos Editais da Pró-Reitoria de Extensão submetemos uma nova proposta, em 2009, denominada *Rede Porto Alegre Memória e Educação* com os seguintes desdobramentos: reedição da formação de 40 horas; publicação do livro *Leituras da Cidade: Porto Alegre e seu patrimônio*; criação e alimentação de um site do projeto. Contemplado na classificação final do referido edital, implementamos no ano de 2010 as atividades previstas, quando eu já estava atuando na Fabico.

Figura 68 - Curso *Leituras da Cidade*, visita ao Tambor, Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre.



Fonte: acervo da autora, 2010.

A criação de um site virtual alocado no provedor da UFRGS permitiu a reunião de informações sobre a memória, a história e o patrimônio da cidade de Porto Alegre com vistas à consulta por parte dos educadores. Além da construção do site, era imprescindível a pesquisa de informações para alimentação do portal, tais como: livros, publicações, experiências, materiais didáticos, formadores, etc. Foram construídas parcerias com instituições que detêm o saber sobre a cidade, tais como Prefeitura de Porto Alegre, universidades, museus, arquivos e memoriais com vistas à alimentação do site. Um exemplo interessante consistiu na seção *O que ver*, na

qual era disponibilizada uma diminuta amostra de imagens fotográficas e artísticas da cidade, pertencentes a alguns acervos, como aqueles do Museu de Porto Alegre, do Arquivo Histórico de Porto Alegre, do Museu Júlio de Castilhos, do Museu do Centro Histórico Cultural da Santa Casa, Museu da UFRGS, da Pinacoteca Aldo Locatelli, do Memorial da Câmara de Vereadores, entre outros. As demais seções do site consistiam em *O que ler*, que reunia uma seleção de indicações bibliográficas sobre a cidade, ou ainda as seções *O que vivenciar*, arrolamento de lugares (museus especialmente), *O que assistir*, rol de filmes e *O que ouvir*, uma seleção de canções disponibilizadas na rede social YouTube⁹.

Figura 69 - Página do website *Leituras da Cidade*, sessão *O que ver*.



Fonte: acervo da autora, 2010.

Enfim, o website¹⁰ *Leituras da Cidade* reunia informações visuais e escritas concernentes à cidade de Porto Alegre para consulta dos educadores e utilização

⁹ No website constava uma relação que remetiam ao link no You Tube das seguintes canções: “Amigo Punk” (Graforrêia Xilarmônica); “Porto dos Casais” (Jaime Lubianca/Elis Regina); “Pegadas” (Bebeto Alves); “Coração de Porto Alegre (Sergio Napp e Cesar Dorfman); “Deu pra ti” (Kleitn e Kledir); “Porto Alegre é demais” (José Fogaça/Isabela Fogaça); “Porto City (Cigano); “Anoiteceu e Porto Alegre (Humberto Hesinger).

¹⁰ O website *Leituras da Cidade* sairá da internet, mas seu conteúdo poderá ser consultado através do Projeto Memória da Museologia/UFRGS, com acesso pelo link: <http://memoriamslufgrs.online/tainacan/subcolecoes-msl2/leituras-da-cidade/>

em suas práticas pedagógicas. A proposta do projeto era nutrida por uma perspectiva multidisciplinar de compreensão do urbano (Arquitetura, Artes, História, Arqueologia, Antropologia, Educação, Museologia), de modo a oferecer diversas leituras da cidade, suas memórias e suas histórias. Tal perspectiva orientou também a publicação da coletânea de textos *Leituras da Cidade*, resultado das palestras das duas edições da formação e autores convidados, cujo sumário transcrevo a seguir:

“SUMÁRIO

Apresentação

Prefácio

I – Percursos Históricos e Arqueológicos

Porto Alegre: funções e papéis de uma cidade pólo, Vera Lucia Maciel Barroso.

Políticas da memória: reformas urbanas e polêmicas acerca das comemorações da fundação de Porto Alegre, Charles Monteiro

Uma leitura arqueológica do Centro Histórico de Porto Alegre, Alberto Tavares e Fernanda Bordin Tocchetto

II – Percursos Etnográficos

Narrar a cidade: experiências de etnografias da duração, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert

A cidade filmada como uma escrita que não se completa, Jeniffer Cuty

Territorialidade negra urbana: a evocação da presença, da resistência cultural, política e da memória dos negros, em Porto Alegre, delimitando espaços sociais contemporâneos, Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Junior

III – Percursos Artísticos e Culturais

Percursos culturais no Centro Histórico de Porto Alegre: Visita ao MARGS, Naira Vasconcellos

Paisagens Silenciosas: Porto Alegre na Pinacoteca Aldo Locatelli, Flávio Krawczyk

IV – Percursos da cidade Educadora

Corrupio, palavra e imagem: a Cidade das Crianças entre passos no Centro Histórico de Porto Alegre, Ana Marta Meira

Cidade: escritas da memória, leituras da história, Zita Rosane Possamai

A cidade como documento no ensino de História, Hilda Jaqueline Fraga

Personagens do Centro de Porto Alegre, Alice Bemvenuti e Naida Lena Meneses

V- Percursos Patrimoniais

A cidade como livro didático: Educação patrimonial no âmbito do Programa Monumenta Porto Alegre, Luiz Merino de F. Xavier

Leituras da cidade: a interpretação, Luiz Antonio Bolcato Custódio

Interpretação do espaço urbano e as possibilidades de leitura da cidade, Pedro Rubens Vargas

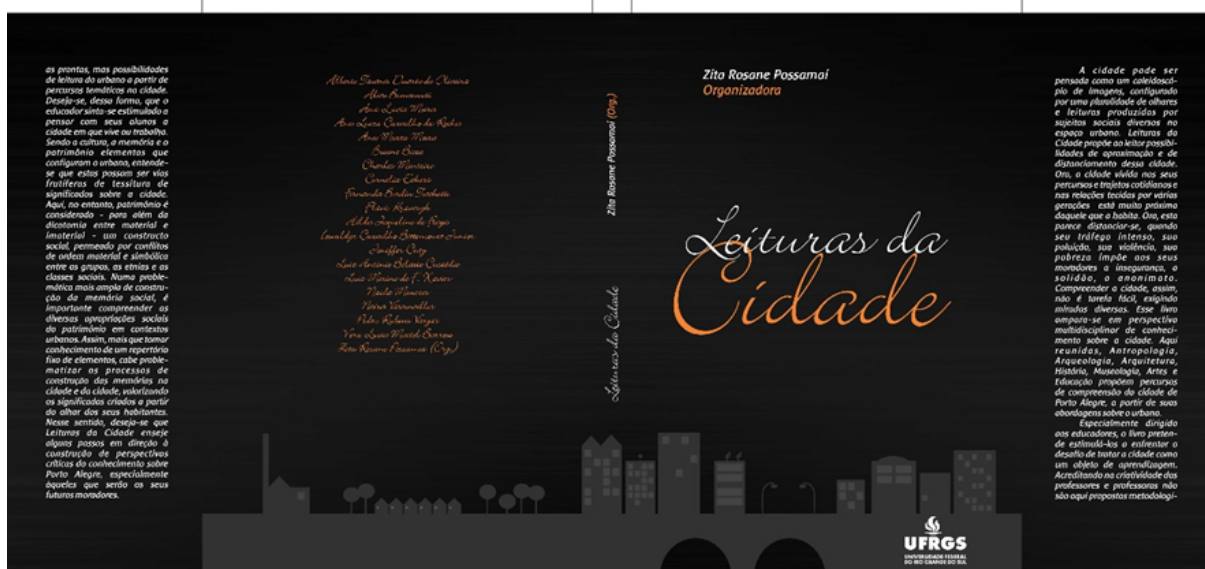
Porto Alegre e as políticas públicas de preservação do patrimônio cultural material – possibilidades de leitura no Centro Histórico, Ana Lúcia Meira” (POSSAMAI, 2010)

Figura 70 - Equipe de bolsistas do Projeto Leituras da Cidade, por ocasião do lançamento do livro homônimo.



Fonte: Faced/UFRGS, acervo da autora, 2010.

Figura 71 - Capa do livro Leituras da Cidade.



Fonte: acervo da autora, 2010.

Contudo, *Leituras*, como carinhosamente eu e bolsistas¹¹ nos referíamos ao tratarmos do projeto, desenrolou-se por mais de dez anos, também com apoio do Programa Popularização da Ciência da PROPESQ/UFRGS, e além de manter o website, realizaram-se muitas comunicações e palestras no intuito de multiplicar seus conteúdos junto a educadores e interessados¹², além de publicações (MEDEIROS et al., 2014). Em contexto de expansão das redes sociais no Brasil, *Leituras* também se configurou como uma página no Facebook, espaço ímpar para compartilhamento das ações do projeto e outras notícias e matérias de divulgação afinadas com os objetivos do projeto.

Em 2011, o projeto foi selecionado como representante do Estado do Rio Grande do Sul para concorrer nacionalmente ao Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade do Instituto Nacional de Patrimônio Histórico e Cultural, processo que contribuiu para a reunião dos dados sobre as ações desenvolvidas em um ano. Mas nem o tempo, nem o projeto parou. Foram inúmeras as apresentações sobre o projeto em entrevistas (Figura 72), cursos, congressos e eventos variados com a minha participação ou das tantas e dos tantos bolsistas que passaram pelo projeto, entre os quais destaco a comunicação intitulada *Lectures de la Ville: mémoires et lectures de l'histoire de Porto Alegre, Brésil*, no Colóquio Internacional Patrimônio e Circulação de Imaginários, realizado na Universidade Paris 5 - René Descartes, na capital francesa, em 2014.

¹¹ Durante esse tempo, diverso(a)s bolsistas acadêmicos dos Cursos de História e Museologia da UFRGS atuaram no projeto, a saber: Carla Renata A. de Souza Gomes, Danielle Chrystine F. dos Santos, Deise Formolo, Eliane Muratore, Maria Ricken de Medeiros, Marcos Luft, Nara Witt, Pablo Barbosa de Oliveira, Ricardo Serres e Rossana Klippel José

¹² Além das diversas comunicações organizadas na Mostra de Extensão do Salão UFRGS e da Feira de Popularização de Ciência, foram realizadas palestras no Museu da História da Medicina, no evento Dos Ofícios de Clio, na Faculdade de Arquitetura, no Instituto de Educação, entre tantos outros eventos. A parte de formação ainda teve andamento através do oferecimento da disciplina Museu, Memória e Cidade, oferecida pela autora no Curso de Museologia/UFRGS, nos anos 2016 e 2017.

Figura 72 - Divulgação de entrevista no programa Momento do Patrimônio, na Rádio da Universidade.



Fonte: acervo da autora, 2011.

Figura 73 - Apresentação do pôster do Projeto Leituras da Cidade no Salão de Extensão, com bolsistas Rossana Klippel José e Pablo Barbosa, Campus do Vale da UFRGS.



Fonte: acervo da autora, 2015

Em abril de 2021, causou surpresa uma notificação do Centro de Processamento de Dados da Universidade sobre a necessidade de migração dos conteúdos do website para outra plataforma, tendo em vista que a UFRGS não mais abrigaria a interface onde fora desenvolvido o site do projeto pelo acadêmico de Museologia Ricardo Serres. Desde então, razão e sensibilidade foram acionadas para pesar os prós e os contras dessa jornada de uma década. Assim, decidi encerrar, com dor, característica de toda perda, essa jornada de mais de 10 anos com a publicação da coletânea de textos *Cidade, História & Educação* (POSSAMAI, 2021a), composta pela reedição de capítulos esgotados no livro original, acrescidos de escritos inéditos. Quis o destino que no lançamento do livro, na Livraria Cirkula, estivesse presente o ex-prefeito de Porto Alegre Raul Pont, com quem tive o privilégio de exercer a gestão da Coordenação da Memória Cultural. O prefeito-historiador não se furtou de compartilhar com os presentes, muitos jovens que não viveram essa época, os momentos vividos à frente da Administração Popular da Capital e os tantos feitos legados no campo do patrimônio, da educação e da cultura. As memórias de diferentes tempos se encontraram nesse instante mágico, em que fui agraciada com a dádiva de ter no mesmo espaço as presenças e os afetos de outrora e do presente. Na apresentação da obra, sintetizo as conclusões do projeto *Leituras da Cidade* e permito-me aqui transcrevê-las:

“Para continuar a pensar a cidade

Mirar em retrospectiva as ações do *Leituras da Cidade* e analisar o quanto Porto Alegre ganhou em termos de iniciativas no mesmo sentido, permite, ainda, vislumbrar que a cidade mudou nos últimos dez anos, especialmente se considerarmos as questões relacionadas ao debate sobre suas memórias e seu patrimônio. Após o desmantelamento do Orçamento Participativo e das Conferências Municipais de Cultura, é possível observar que nesses anos o debate ganhou especialmente as redes sociais, a exemplo do Cais do Porto e outras discussões que chamaram a atenção dos porto-alegrenses. Assim, multiplicaram-se na cidade associações formais ou informais de atuação em prol da preservação patrimonial que agem na contramão de políticas públicas sem compromisso com o bem viver nas cidades.

Se por um lado é interessante observar um maior envolvimento dos porto-alegrenses na defesa de uma cidade desejada, por outro, essa necessidade de reação demonstra a destruição em anos recentes de políticas públicas de preservação dos patrimônios, políticas essas construídas historicamente com muito esforço pelos agentes envolvidos. A cidade continua a expressar em seu espaço urbano o conflito entre interesses diversos, dentre eles a especulação imobiliária, que figura como um dos mais letais para a permanência de rastros que liguem a cidade com seu passado e com as memórias de uma pluralidade de grupos sociais. Daí a urgência de manter acesa a chama da perspectiva de uma cidade que

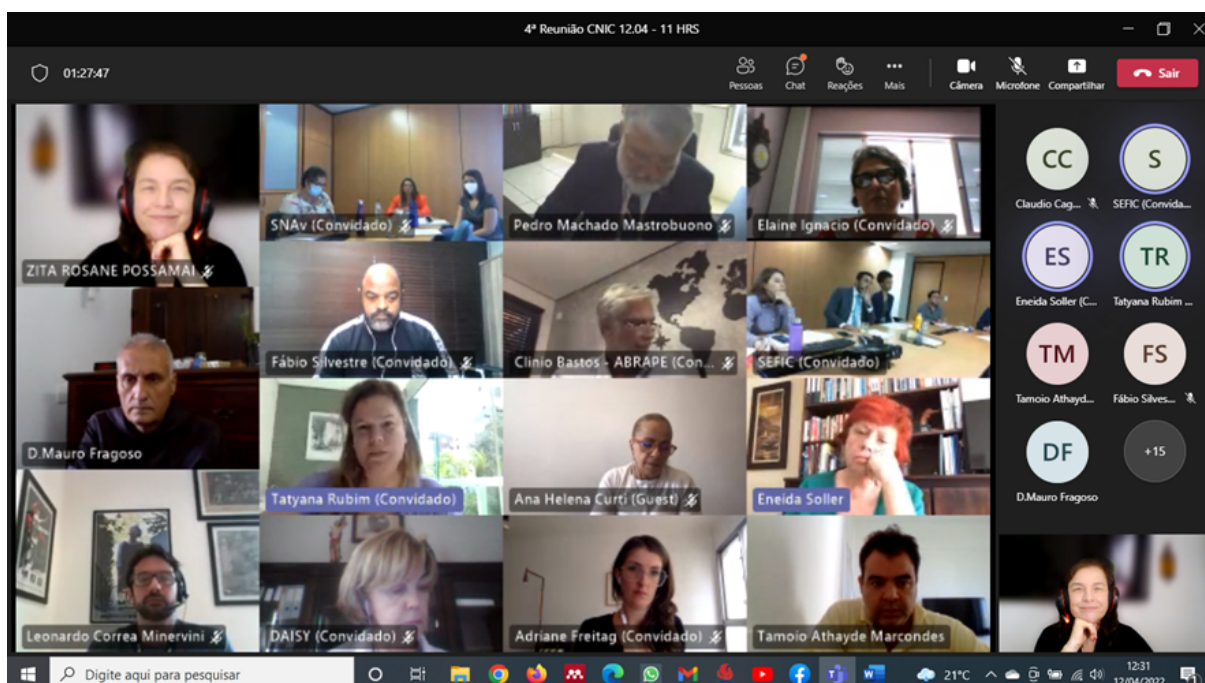
atuação como membro do Conselho Diretor do Fumpoa (figura 75) e da CNIC (figura 76). Muitas vezes não deixo de liderar e estar ao lado de movimentos em prol de questões que julgo imprescindíveis nossa presença diante de desmontes de políticas públicas e mesmo de oportunismos políticos de toda ordem. Entre essas diversas atuações, destaco: a denúncia no Ministério Público e na imprensa da incompatibilidade entre o exercício da direção do Museu Hipólito José da Costa e a atividade de comércio de bens culturais; a busca no Ministério Público e outras instâncias para sustar o processo de privatização da gestão da Pinacoteca Ruben Berta, da Cinemateca Capitólio e Atelier Livre; publicação na imprensa (POSSAMAI, 2018a) e ação junto aos vereadores contra o projeto do executivo municipal de extinção dos fundos municipais que subvencionavam ações de preservação do patrimônio; publicação na imprensa (POSSAMAI, 2018b), por ocasião do incêndio do Museu Nacional, para sensibilizar a sociedade sobre a situação dos museus gaúchos; atuação na reorganização da Associação dos Amigos do Museu de Porto Alegre; publicação na imprensa (POSSAMAI, 2022) e participação de audiências em defesa de um projeto democrático de renovação do Cais do Porto, entre outras. Embora essa atuação possa não ser considerada formalmente como extensão, acredito que cumpre um papel análogo, bem como de popularização e divulgação científica, junto à sociedade.

Figura 75 - Reunião do Conselho Diretor do FUMPOA.



Fonte: Casa Godoy, Av. Independência 456, Porto Alegre, fotografia de Camila Warpechovski, 2019.

Figura 76 - Reunião online da CNIC, 12 de abril de 2022.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Ainda gostaria de mencionar minha atuação como colunista na Radioweb Manawa, uma rádio que nasceu, a partir do golpe que depôs a presidente Dilma Rousseff, pela iniciativa da radialista Beatriz Fagundes e seu filho Jefferson Sampaio como modo de resistência às mídias tradicionais. Essa iniciativa aos poucos foi tomando forma robusta, principalmente com a atuação de Daniela Castro que agregou vários outros comunicadores, pesquisadores e educadores. Em 2020, a rádio foi-me apresentada pela ex-aluna e amiga Gisela Aguiar e imediatamente me encantei com o projeto, pois desde criança o rádio faz parte da minha vida, conforme mencionei nas primeiras linhas destes escritos. Passei a colaborar semanalmente, nas sextas-feiras pela manhã, com comentários no programa *A Voz da Resistência*, onde abordei temas relacionados à história do Brasil, do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre e, principalmente, questões ligadas à memória, aos museus e aos patrimônios. Também passei a colaborar mensalmente com o programa Horizontes, apresentado por Léa Leite e Vera Lúcia dos Santos, e transmitido pelo canal do Youtube da mesma rádio (Figura 77). Em 2022, acabei por restringir minha participação a este último programa, pois necessitava me dedicar à escrita deste memorial, mas assim que conseguir quero retornar a minha faceta radialista. Esta foi uma oportunidade ímpar de dialogar com um público externo à bolha acadêmica,

principalmente trabalhadores manuais, e sensibilizá-los para as problemáticas políticas envolvidas nos meus temas de docência e pesquisa. Se já era minha preocupação a socialização dos saberes produzidos na universidade, passei a valorizar ainda mais a denominada divulgação científica ou popularização da ciência, tão pouco reconhecida nas métricas acadêmicas. No ano de 2020, foram aproximadamente meia centena de intervenções radiofônicas, todas muito divertidas e prazerosas, pois sempre pensei em ter um programa de rádio, projeto que, posteriormente, se transformou num podcast, mas que ainda não saiu do papel. Quem sabe, num futuro próximo?

Figura 77 - Card virtual de divulgação do Programa Horizontes, Radioweb Manawa.

Programa
HORIZONTES

Rádio Web
MANAWA
manawa.com.br

Apresentação:


Lea Leite



@manawaradioweb

***250 anos de Porto Alegre:
Histórias Contadas, Memórias Apagadas***


Zita Possamai
Historiadora e Professora da UFRGS

01 de abril de 2022
às 15h

Fonte: acervo da autora, 2022.

6. PATRIMÔNIOS, MUSEUS, COLEÇÕES, IMAGENS, FOTOGRAFIAS, ARTEFATOS: ATUAÇÃO EM PESQUISAS E ORIENTAÇÕES

Ter cursado História significou ter sido preparada para ser pesquisadora. Essa foi, sem dúvida, a competência mais fortemente presente na minha formação e que marcou minha atuação profissional todos esses anos, embora tivesse enveredado para a gestão museológica e para a docência. Posso afirmar que a pesquisa pautou os demais ofícios e esse aspecto se constituiu em fortaleza que me assegurou senso crítico, apreço por aprender sempre, profundidade e fundamentação conceitual nos projetos que desenvolvi.

Desde cedo, busquei me envolver com investigações e, na licenciatura, atuei como bolsista de iniciação científica do CNPq e da FAPERGS. Na primeira situação, fui selecionada para um grande grupo e projeto de pesquisa coordenado pelas Professoras Ieda Gutfreind e Heloisa Reichel sobre o estudo de uma unidade histórica e cultural da Região do Prata, composta pelos pampas da Argentina, do Uruguai e do Brasil. Meu tema de exercício abordou a identidade do *gaúcho* nessa região, cuja história cultural moldou identidades e mitos presentes ainda na atualidade. A segunda oportunidade me foi oferecida pela Professora Luiza Kliemann, a partir de um projeto que eu desenvolvera para a disciplina de Prática de Pesquisa em História e versava sobre história de Porto Alegre. Este último estudo era inspirado em historiadores urbanos da cultura, tais como Sandra Pesavento (1989, 1991, 1992, 1994, 1999), Margaret Marchiori Bakos (1996), Margaret Rago (1985), Sidney Chalhoub (1986), Claudia Mauch (1994, 2004), Anderson Zalewsky Vargas (2017), além de Michel Foucault (1987, 1989, 1990). Ademais, já era notório a presença da cidade de Porto Alegre nas minhas preocupações como pesquisadora, pois já atuava na Secretaria Municipal da Cultura e realizava pesquisas sob encomenda sobre diversos aspectos da cidade, conforme explanei anteriormente. Também escrevia esporadicamente para a Revista Porto & Vírgula, editada pela SMC, na qual registrei esse momento de efervescência de estudos sobre a cidade (POSSAMAI, 1992). Recentemente, recordei os anos 1990 e a importância de Sandra Pesavento em minha trajetória em escrito publicado na Revista Parêntese, que embora longo, traduz muito bem minha percepção daquele momento na academia:

“As cidades imaginárias de Sandra Pesavento

« Está é a Sandra dos anos 90. ». Com esta frase, a professora, historiadora e pesquisadora de sobrenome tapuia Jatahy e italiano Pesavento, recebido do marido Roberto, encerrava uma de suas tantas palestras, na sala Redenção, no Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Meus olhos de estudante curiosa contemplavam a metamorfose da historiadora social, com consolidada produção intelectual calcada no materialismo histórico, que reorientava suas investigações para a perspectiva da denominada Nova História Cultural.

Naqueles anos, assistíamos atônitos a queda do Muro de Berlim, a derrocada dos regimes ditos socialistas, os prognósticos do Fim da História e uma onda de pessimismo envolvia especialmente a esquerda que nos corredores acadêmicos discutia o giro linguístico, Foucault, a crise das metanarrativas e dos paradigmas teleológicas da modernidade. Marx ruía e com ele a possibilidade de uma teoria dar conta da realidade social. O real, aquele mesmo que pensávamos encontrar atrás das cortinas ideológicas da luta de classes, também se perdera numa quimera, na qual as representações eram tudo que restava para apreender. No meio disso tudo, como se isso não bastasse, a filosofia quis discutir e afirmar que a história não passava de ficção. Tempos duros, aqueles, heim! Só os fortes resistiram. Muitos foram para a direita, essa sim com uma história centenária sem muito risco; outros entregaram-se ao irracionalismo de práticas alternativas; outros enlouqueceram; alguns e algumas ainda estão perdidos por aí.

Mas ninguém pode negar que a História está mais forte do que nunca. Quem ousaria, nesse obscuro 2021, dizer que a história não passa de ficção, quando o negacionismo já entrou pela porta e os projetos de retorno a mais recente Ditadura brasileira tomam assento em nossa mesa? Agora, é fácil. Mas quem foi capaz de não só resistir mas se reinventar naqueles anos 1990, última década do século? Sim, ela mesma: Sandra Pesavento. Com a nova perspectiva teórica, já vigente aqui e em outras praias, vinham também novas problemáticas, novos objetos, novas temáticas, novas abordagens. Nesse leque de possibilidades, Sandra lançou sua mirada para a cidade e, ao lado de outros colegas importantes, reconfigurou os estudos urbanos no Brasil, até então, praticamente apenas investigados por urbanistas, geógrafos, sociólogos, entre outros.

Porto Alegre se deu bem nessa. A cidade passou a ser esquadrihada por Sandra e por uma legião de seguidores, entre bolsistas, orientandos, orientandas e pesquisadores inspirados pelas exposições, livros e escritos produzidos a partir desse período. Não que Porto Alegre não tivesse sido pesquisada e que diversos autores não tenham se dedicado à história de Porto Alegre, antes de Sandra. É sabido que ninguém inventa a roda e todo pesquisador parte do conhecimento acumulado por aqueles que vieram antes. No caso da capital dos gaúchos, urbanistas ou historiadores deixaram relevantes contribuições para a compreensão da chamada “evolução urbana” e reler esses trabalhos pode ser interessante para observar as mudanças proporcionadas pela História Cultural e por Sandra Pesavento, sem dúvida a maior incentivadora de estudos sobre Porto Alegre, a partir dos anos 1990.

Mas o que Sandra Pesavento trouxe de novidade para os estudos sobre a cidade e, especialmente sobre a história, ou histórias no plural, de Porto Alegre? Eis aí um belo objeto de investigação historiográfica a exigir maior fôlego daqueles que desejarem se aventurar nos livros e nos escritos da autora, muitos publicados e disponibilizados on line^[1], graças à generosidade da família, ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande

do Sul e às abnegadas guardiãs da memória de Sandra. Aqui ousarei apontar algumas pistas, limitadas pelo espaço precioso dessa revista.

A pesquisadora investiu seus estudos de pós-doutoramento na França, especialmente na capital Paris, onde teve contato com autores relevantes para as suas abordagens, a exemplo de Roger Chartier, que trouxe a Porto Alegre para desfrutar do calor da Usina do Gasômetro. Outro autor importante para suas pesquisas foi Marcel Roncayolo, a partir do qual a autora propôs investigar a cidade a partir de seus *leitores oficiais* e *leitores especiais*. Os primeiros seriam aqueles sujeitos que produzem a cidade a partir das instâncias administrativas e do poder, particularmente objeto privilegiado de uma determinada perspectiva da história, calcada principalmente na documentação escrita oficial produzida pelo poder público executivo ou legislativo. Nossos arquivos estão repletos de leis, projetos, mapas, atas, correspondências que oferecem informações de fundamental relevância para entender as mudanças das nossas cidades ao longo do tempo. Entretanto, os registros legados pelos detentores do poder, como intendentes ou prefeitos, conselheiros ou vereadores, urbanistas ou servidores públicos permitem apreender uma visão parcial e linear da cidade.

E a cidade sonhada, cantada em prosa e verso, onde ficaria? Para Sandra, havia uma cidade para além do espaço urbano. Justamente aí residia o interesse da autora em buscar outras representações do urbano, especialmente na literatura e nos escritos de cronistas, poetas, escritores que inseriram Porto Alegre nas suas narrativas. Nessas investidas, a pesquisadora ousou trabalhar com documentos pouco usuais para o ofício do historiador e nunca antes mencionados na historiografia de Porto Alegre, mas que permitiram perscrutar as sensibilidades das pessoas do passado, a exemplo de Achylles Porto Alegre e outros escritores.

Nessa renovação dos documentos, termo mais apropriado que *fontes*, os jornais também tiveram lugar de destaque nas pesquisas de Sandra, pois estes permitiam, mesmo que do modo enviesado da crônica policial, uma aproximação com o modo de vida de pessoas simples, de escravizados, de libertos, de pobres, de mulheres, de moradores dos becos e vielas da área central de Porto Alegre. Foram os jornais, a exemplo d'A *Gazetinha*, que permitiram conhecer uma das personagens mais interessantes da história de Porto Alegre, Fausta, uma mulher preta moradora do antigo Beco do Poço, atual Avenida Borges de Medeiros.

Essa perspectiva problematizadora do urbano que fugia de um tempo cronológico linear e que permitia mirar fontes originais e inusitadas, foi articulada teoricamente pela historiadora por meio do estudo do imaginário, a partir do qual importava pensar que o sonhado, o idealizado e o percebido sobre a cidade não se encontravam hierarquicamente abaixo dos denominados acontecimentos e que a imaginação compõe a história da cidade, assim como o vivido. Nesse sentido, através dos aspectos sensíveis do urbano, Sandra Pesavento lançou as bases para a investigação do imaginário na história brasileira e para a consideração das formas de pensar, de ver e de conceber o mundo na composição do todo social.

Na vertente da História Cultural, hoje já não tão nova, nenhum documento do passado ou temática deve ser desconsiderada para a construção do conhecimento histórico. Guiada por esse princípio, criticado por alguns colegas, Sandra Pesavento acolheu e estimulou a investigação de objetos de estudos considerados heterodoxos e não atinentes à disciplina, naqueles tempos, como o carnaval, os museus, o patrimônio, as festas, o cinema, a publicidade, a fotografia, os hospícios, a psiquiatria, a família, os bandidos, a polícia, entre tantos temas orientados por ela.

Acredito que a atenção para os estudos urbanos e para a história de Porto Alegre, nos anos 1990, teve um componente incentivador para Sandra Pesavento e tantos outros pesquisadores, entre os quais me incluo. Aquela década marcou também a gestão da cidade pela Administração Popular, mantida no poder por quase 20 anos. A efervescência cultural, o ambiente político propício para pensar e para refletir sobre Porto Alegre contribuiu para um desejo de produzir conhecimento histórico sobre a cidade e, por outro lado, ultrapassou os muros da universidade e alcançou um público mais amplo. São exemplos disso a exposição que logo virou livro intitulada *Porto Alegre: espaços e vivências*, organizada por Sandra Pesavento à frente do Museu da UFRGS e a exposição *Porto Alegre Caricata*, desta vez organizada com a equipe do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo.

Por incrível que pareça, a década que fora marcada pela propalada crise da história, também foi aquela em que a universidade, - especialmente através de Sandra Pesavento, de suas pesquisas e de seus inúmeros admiradores - com a população porto-alegrense ousou sonhar com uma outra Porto Alegre possível. Se por enquanto o futuro é incerto, quem sabe ao reinventar o passado sob inspiração de Sandra, possamos alimentar as nossas esperanças de dias melhores.” (POSSAMAI, 2021c)

Pois é, eu estava seduzida pela História Cultural e abandonava minha breve adesão ao materialismo histórico e como não poderia deixar de ser, no Bacharelado, continuei nesta linha teórico-metodológica, desta vez com a problematização da identidade gaúcha a partir da análise das letras das canções apresentadas no Musicanto, festival que ocorreu por vários anos no município de Santa Rosa, localizado no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Este estudo foi elaborado em diálogo com o colega e amigo Flavio Krawczyk que pesquisou a mesma problemática no antecessor Festival Califórnia da Canção Nativa que se realizava em Uruguaiana, localizado na fronteira ocidental do estado com Uruguai e Argentina. O festival estudado por Flavio era considerado pelos regionalistas o baluarte dos “autênticos valores gaúchos”, ao passo que o Musicanto buscava incorporar elementos culturais dos povos dos países vizinhos, especialmente indígenas. Essa efervescente querela envolveu regionalistas, músicos, poetas e escritores do Rio Grande do Sul, entre os anos 1980 e 1990, daí a pertinência de elaborar uma análise acadêmica, ainda inédita, sobre ambos os festivais.

6.1 Uma casa oitocentista transformada em museu: o mestrado

Os valores atribuídos aos objetos, incluindo o valor científico – histórico, técnico, simbólico – não são unívocos nem imutáveis. Eles são constituídos pelas cargas acumuladas durante o percurso biográfico do dito objeto e pela sedimentação dos estatutos sociais que se produziram ao longo das suas

circulações entre os homens. Os objetos não possuem nem valor intrínseco, nem destino previsível: eles são coisas que são providas e desprovidas de sentido ao longo de sua passagem de mão em mão. (BONNOT, 2015, p. 149)

Ser uma pesquisadora, embora atuasse na Museologia, me impeliu a seguir meus estudos acadêmicos em nível de pós-graduação. Para mim, era um caminho quase inevitável, mesmo que os desafios fossem muitos. Eu não conseguia ficar sem estudar e tinha ganas de reflexão teórica e dos debates que apenas o universo acadêmico me proporcionava. Nunca consegui ficar restrita ao exercício profissional, embora nele também houvesse muita reflexão. Nesse fazer, porém, não há muito tempo para pensar, agir e agir rápido, era o imperativo. Por isso, necessitava das leituras, dos saberes, das indagações, dos debates, das dúvidas proporcionados pela academia, assim como necessitava de oxigênio para respirar. Assim, me candidatei ao Mestrado em História na minha eterna casa, a UFRGS, quando ainda estava na direção do Museu de Porto Alegre.

O museu se constituiu em um universo tão instigante para mim que resolvi transformá-lo em objeto de investigação para a dissertação. Sob orientação do querido mestre José Augusto Avancini, entre 1995 e 1998, apesar do segundo burnout, elaborei um dos primeiros estudos no Brasil de história dos museus e de biografia das coisas, que resultou no livro *Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre* (POSSAMAI, 2000). A dissertação abarcou duas perspectivas. Num primeiro momento, analisei o processo de preservação e restauração do Solar Lopo Gonçalves, construído em meados do século XIX, e a instalação naquele sítio do Museu de Porto Alegre, criado em 1979. Analisei o processo de conservação da Casa das Magnólias, no final dos anos 1970, como fruto de um movimento pela valorização e permanência do patrimônio histórico de Porto Alegre que reuniu jornalistas, historiadores, arquitetos e outros porto-alegrenses. Ainda na Ditadura Civil-Militar, graças à participação ativa e corajosa dessas pessoas, o Solar e várias outras edificações foram preservadas da destruição, advinda da abertura das perimetrias e da construção de viadutos, tais como a Capela do Bonfim, a Igreja da Conceição, o Edifício Ely, o Mercado Público, as Faculdades do Campus Central da UFRGS, entre outras. Recordo-me, nessa ocasião, dos diálogos com Marlise Giovanaz, então estagiária do Museu e hoje minha colega no Curso de Museologia, que também cursava o mestrado e me fez ver a possibilidade de transformar o Solar em objeto de pesquisa, além de ter me

apresentado em cópia reprográfica o artigo traduzido de Pierre Nora (1993) que introduzia o empreendimento editorial *Les Lieux de Mémoire* (NORA, 1984) ainda não traduzido ao português.

Num segundo momento, analisei o processo de doação dos objetos ao Museu e os significados a estes atribuídos por um grupo de pessoas e pelos agentes da instituição. Assim, delineei o conceito de *percurso museal* para traçar o itinerário desses objetos, da existência cotidiana na vida de porto-alegrenses, pessoas simples ou ilustres, até se constituírem em peças de museu. Mergulhei nas reminiscências de doadores e doadoras com a finalidade de analisar as relações destes com o museu. Por que, afinal de contas, elas tinham resolvido, num determinado momento de suas vidas, entregar os cuidados de objetos pessoais tão preciosos para uma instituição museológica. Descobri que as pessoas atribuem um sentido muito especial a determinados objetos e ao museu, lugar escolhido para guardar esses tesouros após o desaparecimento humano e que desejos de imortalidade estavam contidos nesses relatos. Além disso, descobri que havia um museu em cada cabeça das pessoas que compartilharam comigo suas memórias, contudo prevaleciam os sentidos vinculados à memória e à história de Porto Alegre.

Esse estudo inspirou-se em livros de historiadores estrangeiros, tais como Stephen Bann (1994) e Dominique Poulot (1997), e de antropólogas brasileiras, tais como Regina Abreu (1996) e Myrian Sepúlveda dos Santos (2006). No Rio Grande do Sul, salvo engano, se constituiu em um dos primeiros a ingressar num Programa de Pós-Graduação em História, pois os museus e o patrimônio era, à época, “objetos ainda estranhos à historiografia”, no Brasil, conforme o subtítulo de um dos artigos que publiquei na revista portuguesa Patrimônio, a mim indicada pelo colega Benito Bisso Schmidt (POSSAMAI, 1999). Hoje, com os olhos no passado, vislumbro que muitos colegas em outros estados do Brasil viviam o mesmo processo que eu vivera: atuavam no campo dos museus e do patrimônio e lutavam para que a História fosse reconhecida como um saber competente nas decisões políticas, ao passo que tentavam convencer os colegas da pós-graduação que este era sim um objeto de investigação legítimo para os estudos históricos. Terras desbravadas, sementes isoladas jogadas em terra fértil que germinaram e deram seus frutos, em colheita que não cessa, na atualidade, entre jovens historiadores brasileiros, embora ainda haja a ausência da História acadêmica nos fóruns de decisão sobre o patrimônio em todas as instâncias governamentais. Ainda temos que caminhar!

Contudo, hoje, nos reunimos no GT Nacional História e Patrimônio Cultural da Associação Nacional de História, conhecemos nossos rostos, compartilhamos nossas descobertas, nossos desafios e nos unimos na defesa e na valorização do patrimônio brasileiro. Finalmente, historiadores uniram-se aos profissionais da Museologia, da Arquitetura e da Arqueologia nesse imenso desafio que ainda temos pela frente no Brasil.

6.2 Os estudos sobre fotografia de Porto Alegre: o doutoramento

Logo, nunca poderemos dizer: não há mais nada para ver. Para saber desconfiar do que vemos, devemos saber mais, ver, apesar de tudo. Apesar da destruição, da supressão de todas as coisas. Convém saber olhar como um arqueólogo. E é através de um olhar desse tipo - de uma interrogação desse tipo - de uma interrogação desse tipo - que vemos que as coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados. (DIDI-HUBERMANN, 2017, p. 61)

Doutoramento não veio na sequência do mestrado, pois as atividades na gestão do museu eram em demasia e eu terminara com problemas de saúde, conforme mencionei anteriormente. Precisei aguardar alguns anos para me recuperar e decidir enfrentar uma nova etapa de formação. Inicialmente, meu desejo era realizar meu doutorado em Museologia no exterior, pois essa formação não existia ainda no Brasil. Entretanto, as perspectivas profissionais a posteriori no País eram mínimas e eu assistia colegas doutores nessa especialidade deixando o Brasil exatamente por esse motivo. Conforme relatei acima, nunca tive como opção ficar sem emprego. Desse modo, a decisão incontornável era continuar minha formação em nível avançado no campo da História. Após tratativas com um professor da École de Hautes Étude de Sciences Sociales, França, busquei realizar fora do País a integralidade do Doutorado; entretanto, tive negada minha solicitação de bolsa, pois as agências CNPq e CAPES orientavam-se pela concessão de apoio apenas para Doutorado-Sanduiche e não para cursos integrais no exterior. Além disso, a História já possuía diversas formações em nível de Doutorado no País, diferentemente de outros campos que continuaram a ser incentivados, o que não justificava a saída do País para estudar. Assim, após decidir deixar a Coordenação da Memória Cultural, no quarto e derradeiro mandato da Frente Popular, inseri o doutorado como projeto na minha vida.

Naquelas alturas, confesso, esta foi uma estratégia eficaz para enganar meu cérebro e tirar o foco do desejo de engravidar. Assim, ingressei no Doutorado em história da UFRGS e assumi que o segundo quarto onde morávamos eu e meu companheiro Ronaldo Patrício Marcos, transformado em escritório no período de escrita da dissertação, ia ficar com essa função mesmo. Encomendei uma linda estante de madeira tauari para acondicionar adequadamente minha biblioteca e computador e, na última hora, minha irmã e arquiteta Rosilene sugeriu dividir o móvel em três partes para facilitar eventuais mudanças. Método infalível! Em 2001, lá estava eu grávida do Lucca, feliz da vida, morrendo de enjôo e vendo minha barriga crescer, enquanto assistia as aulas de minha orientadora Sandra Pesavento e outros mestres no Campus do Vale; viajava e cochilava no ar condicionado da linha de ônibus Rápida 41 até o Morro Santana, onde morava, e em duas noites na semana rumava para o Centro Universitário Metodista (IPA), no bairro Bela Vista, para dar aulas. Muitas leituras sobre cidade e imaginário, muitas trocas com colegas e algumas confraternizações regadas a queijos e vinhos que não podia desfrutar. A estante foi facilmente deslocada para a sala e o antigo escritório-biblioteca foi sendo moldado para receber nosso filho Lucca.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em História, desta vez para cursar o Doutorado, não tinha muito bem delineado meu projeto de investigação. Enquanto a barriga crescia, eu cursava as disciplinas e depois do nascimento de Lucca a dedicação direcionou-se exclusivamente para o bebê, como toda mãe bem sabe. Contudo a CAPES, naquela época, não concedia licença maternidade às parturientes e nosso prazo seguia sendo o mesmo de qualquer estudante. Felizmente essa situação mudou para as mulheres e pessoas como eu e minha colega Cláudia Mauch (com quem compartilhava o doutorado e os desafios da maternidade nas nossas idas ao Arquivo Histórico de Porto Alegre) não precisam mais se desesperar tanto para dar conta dos prazos da pós-graduação. Pelo menos não em relação ao nascimento de um bebê!

Figura 78 - Eu, Ronaldo Patricio Marcos e o bebê Lucca, com a biblioteca ao fundo.



Fonte: Morro Santana, Porto Alegre, acervo da autora, 2002.

Resultou que meu projeto apresentado para qualificação estava bastante precário e somente não fui reprovada porque a sororidade das Professoras Cornelia Eckert e Carla Rodeghero falou mais alto no sentido de compreender a circunstância pela qual eu passava e de confiar que eu conseguiria levar a termo uma boa tese. Lembro de Chica, como carinhosamente chamamos a primeira professora, arguir que deveria permanecer na investigação sobre patrimônio, pois esta certamente era uma marca que colara em minha pessoa para sempre, principalmente, em decorrência de minha atuação na Secretaria de Cultura. Entretanto, eu estava sob trauma e queria me distanciar o máximo possível das discussões desse campo, embora permanecesse a atuar no Projeto Monumenta. Eu necessitava de um respiro! E escolhi estudar uma temática que muito me encantava, principalmente, quando atuava na Equipe de Restauro do Mercado Público e no Museu de Porto Alegre: a fotografia. Certamente, foi essa escolha que tornou a escrita da tese uma das atividades mais prazerosas da minha vida acadêmica.

A investigação de doutoramento foi repleta de descobertas sobre as imagens e a fotografia. A leitura de autores e autoras, tais como Vilém Flusser (2002), Philippe Dubois (1992), Olivier Lugon (2000), Boris Kossoy (1989, 1998, 2002), Ana Mauad (1993, 1996, 1999), Annateresa Fabris (1991) Solange Ferraz de Lima & Vânia Carvalho (1993, 1997), Francisca Michelin (2001) descortinava-me um

universo que conhecia tão somente por meio do contato com as coleções e com as imagens fotográficas na aplicação da curadoria museal. Através destes estudos, pude conhecer a história da fotografia como artefato e mecanismo fruto da modernidade tecnológica e como imagem reproduzível que alterou substancialmente o modo de ver da humanidade. Mediante muitas reflexões, apropriei-me da crítica da concepção da imagem fotográfica como mimese da realidade, rompi com o uso ilustrativo recorrente nos estudos históricos e enveredei por caminhos metodológicos que me ofereceram possibilidades de manejo e análise do corpus empírico que selecionara, os álbuns fotográficos com imagens de Porto Alegre, produzidos entre os anos 1920 e 1930.

A tese consistiu em demonstrar a construção de um imaginário (BACZKO, 1991; PESAVENTO, 1995,1999) de modernidade por esses álbuns através da reunião e arranjo das imagens fotográficas por eles contidas. Além de mapear o circuito social da fotografia no período (POSSAMAI, 2006), identifiquei as narrativas visuais criadas por cada uma das publicações, além de identificar os padrões visuais num conjunto de 285 unidades analisadas por meio de uma grade interpretativa criada e adaptada a partir da pesquisa de Solange Ferraz de Lima e Vânia Carvalho (1997). A escrita da tese, conseqüentemente, também foi um momento de muita alegria, pois se constituiu em atividade criativa e de construção de saberes sobre Porto Alegre, objeto de investigação ao qual me dedicava há tanto tempo, e sobre as imagens fotográficas, até então por mim vistas como ilustração e como componente fundamental das exposições que organizara. Agora, eu olhava essas imagens com outro olhar e me deliciava em contrastar meus achados com interpretações alinhadas com estudos já feitos e me aventurava ao propor leituras inéditas, amparada em Carlo Ginzburg (1989) e Walter Benjamin (1985, 1987ab, 1993) e autores citados. Lembro das queridas amigas Elisabete Leal e Alice Dubina Trusz que liam meus escritos, davam sugestões e me acolhiam em minhas angústias de pesquisadora. Finalizada e defendida com sucesso a tese no ano de 2005, diversos artigos foram publicados (POSSAMAI, 2006, 2007abc, 2008a); fui referência de inúmeros estudos sobre imagens fotográficas no Brasil e no exterior; participei de diversas bancas, além de ter sido convidada a proferir inúmeros cursos e palestras sobre a temática. Sem dúvida, essa produção e o interesse pelo estudo da fotografia permanece em mim e sempre que posso oriento estudos e escrevo sobre a questão (FORMOLO, POSSAMAI, 2015; RODRIGUES, 2018; FREITAS, 2019; REIS, 2019).

Como não poderia deixar de ser, a fotografia continuou a estar presente nas pesquisas que realizei imediatamente após a defesa da tese.

Ainda na Prefeitura, submeti um projeto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul - FAPERGS e obtive uma bolsa de Iniciação Científica para estudar os álbuns fotográficos produzidos, entre final do século XIX e primeiras décadas do século XX, dos fotógrafos Jacintho Ferrari e Virgílio Calegari. Na pesquisa para o doutorado, havia percebido o ineditismo de tal investigação e enveredei pelo mapeamento dos acervos nas instituições de Porto Alegre. Além de traçar a biografia desses artistas, propus uma interpretação para suas imagens compostas e ordenadas sob formato de álbuns comercializados em Porto Alegre em meados de 1888 (Jacintho Ferrari) e 1912 (Virgílio Calegari). Sobre os irmãos Ferrari conclui:

(...) os artistas-fotógrafos teceram uma narrativa que privilegiou os aspectos pitorescos, naturais e rurais da conformação urbana de Porto Alegre, bem como os aspectos singelos do modo de vida dos porto-alegrenses. No entanto, não deixaram de fotografar as edificações monumentais em destaque no espaço urbano, apontando para um desejo de modernidade que aprofundar-se-ia nas primeiras décadas do século XX. (POSSAMAI, 2012a, P. 272)

E sobre Virgílio Calegari:

(...) pode-se considerar que Calegari no álbum Porto Alegre caminhou por dois itinerários. Por um lado, revelou aspectos coloniais de uma Porto Alegre que ainda ensaiava os passos para uma modernidade pretendida e que vai se concretizar apenas na década seguinte, através das cirurgias urbanas cuja área central será o principal cenário (MONTEIRO, 1995; BAKOS, 1996). Por outro lado, trilhou um percurso que atualizava o fotógrafo com seu tempo, sintonizando-o não apenas com os avanços tecnológicos e as experimentações técnicas, advindas de uma cultura fotográfica (FRIZOT, 2012), mas também com um imaginário proveniente das metrópoles européias ou norte-americanas. Assim, o artista fez do cenário de Porto Alegre, ainda tão singela e repleta de casarões e igrejas oitocentistas, um laboratório de experimentações, jogando com as relações entre visibilidade e invisibilidade no sentido de inaugurar representações visuais da cidade em consonância com um imaginário de modernidade que privilegiava a dinamicidade e a mobilidade como atributos das imagens fotográficas urbanas. (POSSAMAI, 2013, P. 52)

6.3 Uma pedagogia visual

No concurso para docente da área de história da Educação da Faculdade de Educação da UFRGS, apresentei o projeto de pesquisa intitulado *Uma pedagogia visual: um olhar sobre a história da educação no Rio Grande do Sul (1889-1940)*,

cujo objetivo era contribuir para o conhecimento da história da educação no Rio Grande do Sul, especificamente abordando a história visual, a partir do estudo das imagens fotográficas produzidas e veiculadas na cidade de Porto Alegre, no sentido de verificar a construção de uma visualidade urbana, ancorada em intenções pedagógicas visando a disseminação de um imaginário ligado ao positivismo.

Eu partia de um diagnóstico incipiente da rara utilização de documentos visuais na História da Educação e tinha como intenção o mapeamento e a problematização de repertórios, tais como imagens fotográficas, arquitetura, monumentos, museus, ainda por serem investigados no âmbito das instituições localizadas em Porto Alegre. Calcada na leitura especialmente dos estudos de Elomar Tambara (1995) sobre a história da educação no Rio Grande do Sul, pressupunha que muitas dessas imagens, principalmente a partir do contexto da modernização dos espaços urbanos, revelam objetivos pedagógicos no sentido de formação das consciências dos indivíduos de acordo com determinados preceitos políticos ou filosóficos. Um projeto bastante audacioso era a construção de uma história visual da educação, analisando em especial as imagens fotográficas e a construção de uma visualidade urbana que privilegia a temática da educação.

Percebi que o escopo deste projeto era por demais audacioso e optei por recortes bastante precisos que me permitiram relacionar História da Educação, a área na qual estava adentrando, e História Visual, domínio que vinha investigando desde o doutorado. Assim, propus demonstrar como a fotografia poderia ser um documento profícuo para a história da educação (POSSAMAI, 2007) e mapeei em relatórios e álbuns produzidos pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul de que forma esta fora utilizada para registrar visualmente as obras realizadas nesse campo, especialmente na construção de prédios escolares, e como essas imagens construíam determinados vieses divulgados à época e legados à posteridade (POSSAMAI, 2008, 2009ab, 2015). Assim, pude concluir que:

As imagens fotográficas dão visibilidade à educação, considerada como meio de alcançar uma sociedade moderna, científica e civilizada. Inserida no álbum de distribuição mais ampla que os relatórios de circulação restrita, essas imagens são utilizadas com a finalidade de divulgação e de criação de representações visuais. Nessa perspectiva, a edificação e sua arquitetura, de características afinadas com o gosto da época, constituem-se nos referentes icônicos privilegiados para a construção de uma visualidade desejada, na qual a educação é sintetizada na representação da escola-monumento. (POSSAMAI, 2009, P. 162)

No artigo *A grafia dos corpos no espaço urbano: os escolares no álbum Biografia duma Cidade, Porto Alegre, 1940* (POSSAMAI, 2015), analisei a partir dos referenciais de Michel Foucault sobre a disciplinarização dos corpos de estudantes as tramas entre visibilidade e invisibilidade (Meneses, 2003, 2005) na escola, no espaço urbano e nas páginas do álbum analisado. Esta produção compôs o Dossiê Especial Imagem e Cultura Visual que propus para a Revista História da Educação, editada pela Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, juntamente com dois artigos de especialistas brasileiros: Ana Maria Mauad, uma das maiores especialistas brasileiras em fotografia, assinou o artigo intitulado *Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar* e Cláudio de Sá Machado Júnior escreveu *Fotografia, Imprensa de variedades e educação: discursos visuais e textuais sob o foco de uma pedagogia de revista*. Finalmente compôs o dossiê dois textos de autores estrangeiros: do historiador suíço Olivier Lugon foi traduzido ao português o artigo intitulado *Nova Objetividade, Nova Pedagogia: a respeito de Aenne Biermann. 60 Fotos, 1930*; a historiadora argentina Andrea Cuarterolo, ativa participante da Sociedade Iberoamericana de História da Fotografia, assinou o texto *O cinema científico na Argentina de princípios do século XX: entre a pedagogia e o espetáculo*.

A investigação levantou diversos repertórios fotográficos sobre educação analisados à luz do cruzamento disciplinar entre história da educação e história visual e resultando em apresentações de trabalhos em diversos eventos científicos, podendo ser destacados o Congresso Ibero-americano em História da Educação Latino-americana - CIHELA (POSSAMAI, 2009a) e o II Encontro Nacional de Estudos da Imagem (POSSAMAI, 2009a), além da publicação em periódico de circulação nacional (POSSAMAI, 2009b). No escopo desse projeto mais amplo ainda foi investigada a relação entre o Museu Júlio de Castilhos e o método intuitivo, cujos documentos levantados e analisados permitiu inserir o Rio Grande do Sul em um movimento de escala internacional de adoção do referido método no sistema de ensino, bem como o Museu num movimento também internacional de criação e atuação dos museus de História Natural, afinados com os pressupostos educativos vigentes nas escolas. Os resultados dessa pesquisa foram apresentados em diversos eventos científicos, podendo ser destacados o VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (POSSAMAI, 2010b), o III Seminário Ibero-americano de Museologia (POSSAMAI, 2012c) e o I Seminário Internacional

em Pesquisa em Museologia, ocorrido em São Paulo, no ano de 2013, além de publicação em periódico científico de circulação internacional (POSSAMAI, 2012b).

Entre 2010 e 2012 ative-me ao projeto de pesquisa Memória, Patrimônio e Educação: aproximações teórico-metodológicas, o qual consistiu em uma revisão bibliográfica sobre a temática do patrimônio relacionada à problemática da memória e da educação. Foram levantados os programas de pós-graduação no Brasil nesse campo, assim como as suas produções sob formato de dissertação e tese. Tal estudo proporcionou verificar a grande difusão de PPGs nesse campo, circunscritos à área Multidisciplinar da CAPES. Contudo, a maior contribuição deste projeto obteve como resultado o artigo intitulado Patrimônio e história da educação: aproximações e possibilidades de pesquisa (POSSAMAI, 2012), no qual apontei perspectivas de estudos sobre o passado da educação a partir da categoria patrimônio. Desse modo, mais que conceber os documentos materiais e visuais à disposição da investigação, seria oportuno problematizar como esses repertórios foram preservados, musealizados ou patrimonializados e se constituíram em objetos da relação entre os sujeitos e a memória da educação. Essas descobertas me permitiram relacionar, principalmente, as reflexões acumuladas sobre patrimônio e cultura visual às minhas recentes leituras no campo da história da educação e forneceram um substrato relevante para minhas futuras investigações sobre patrimônio educativo e museus de educação.

6.4 Museus de Educação: das escolas para uma perspectiva transnacional

A imersão na documentação do Museu Júlio de Castilhos apontou a profícua relação daquela instituição com as escolas do Rio Grande do Sul, a exemplo de outros museus brasileiros de História Natural. Esses achados proporcionaram a escrita do artigo *“Lição de Coisas” no museu: o método intuitivo e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, nas primeiras décadas do século XX* (POSSAMAI, 2012b), além do artigo, *Colecionar e educar: o Museu Júlio de Castilhos e seus públicos* (POSSAMAI, 2014). A partir de 2013, constituí um grupo e projeto de pesquisa para estudar a temática dos museus escolares com a investigação intitulada *Museu no espaço escolar: de laboratório de aprendizagem à musealização contemporânea (Rio Grande do Sul, século XX)*. A proposta tinha dois objetivos: levantamento e estudo histórico dos museus em espaço escolar do estado

do Rio Grande do Sul e análise da relação destes espaços com a cultura visual e material da escola. Minha intenção era mapear esses espaços, identificar e caracterizar suas coleções, especialmente os acervos visuais e fotográficos, com vistas à realização de futuras investigações. Contudo, os resultados foram muito além do imaginado. Restringimos o levantamento *in loco* à abrangência geográfica apenas do município de Porto Alegre e fizemos apenas algumas incursões fora desses limites em instituições conhecidas com antecedência por membros do grupo.

Esse projeto resultou na orientação de um Trabalho de Conclusão de Curso em Museologia (WITT, 2013); de três Dissertações de Mestrado (PAZ, 2015; MAGUETA, 2015; WITT, 2016), uma Tese de Doutorado (PAZ, 2020), além de diversos artigos, capítulos ou comunicações em eventos (POSSAMAI; WITT, 2016; POSSAMAI e Paz, 2017; POSSAMAI e PAZ, 2021). Mas o mais importante foi o mapeamento de museus e coleções escolares inexploradas e que abriram possibilidades de investigações ainda inéditas. Apenas como exemplo, menciono a descoberta do Museu Anchieta de Ciências Naturais, um dos museus mais antigos do Brasil e do estado do Rio Grande do Sul, cujas coleções de História Natural têm relevância regional, nacional e internacional. Além de absolutamente desconhecido pela historiografia dos museus, nossos estudos proporcionaram dar a ver uma das primeiras instituições científicas do Sul do País e do Brasil (WITT, 2016), além de identificar e preservar coleções de importância inestimável para a história da educação, como a coleção de quadros parietais investigados na dissertação de Alana Cioato (2021) ou a coleção etnológica, objeto da tese de Roberta Madeira de Melo. Em nossos estudos, o Museu Anchieta foi inserido no movimento internacional de museus de educação e numa rede de sociabilidade transnacional mantida por cientistas naturalistas entre final do século XIX e primeiras décadas do século XX, identificada por Maria Margaret Lopes (1997) e da qual fazia parte o cientista Padre Pio Buck, criador do museu, objeto de estudo da dissertação de Luisa Medeiros a ser defendida no corrente ano.

No ano de 2014, desenvolvi os estudos de pós-doutoramento na Universidade Paris 3, Sorbonne Nouvelle, em Paris, França, sob supervisão do Professor François Mairesse. O projeto intitulado *Fotografia e Museu: estudo sobre os museus de educação na França, séculos XIX e XX* teve por objetivo investigar os museus de educação franceses entre séculos XIX e XX, verificando a relação destes com uma educação dos sentidos, especialmente uma educação do olhar que promovia o

agenciamento da cultura visual, especialmente a fotografia, como material de aprendizagem, documentação e difusão da cultura escolar. O principal objeto de investigação constituiu-se no Museu Nacional de Educação, situado em Rouen, a 135 km de Paris, e suas coleções, embora também estivessem previstas consultas à documentação sob custódia de outras instituições localizadas em Paris, como a Biblioteca Nacional e os Arquivos Nacionais.

O Museu Nacional de Educação de Rouen, que me fora indicado como possibilidade de estudo pela amiga e colega de Linha de Pesquisa Maria Stephanou, ainda em pleno funcionamento, constituiu-se na investigação sob duas perspectivas: a) como objeto de investigação ao serem buscadas informações sobre sua criação, sobre a formação de suas coleções e sobre as exposições e ações educativas implementadas ao longo dos séculos XIX e XX; b) como depositário de documentos escritos e visuais sobre os museus de educação criados no território francês, a partir do século XIX. Através dos aportes teórico-metodológicos oferecidos pelo cruzamento interdisciplinar entre Museologia, História e Educação, busquei construir a genealogia deste museu, assim como busquei outras informações sobre os museus escolares naquele País na perspectiva de relacionar práticas e representações que se consubstanciaram em materialidade e visualidade no âmbito de uma educação científica preconizada a partir de pressupostos empiristas do conhecimento. Nesse contexto, a França produziu em escala industrial materiais pedagógicos, os museus escolares, necessários à implantação de uma estratégia pedagógica denominada por Lição de coisas, que colocava alunos e mestres em contato, intermediado pelas imagens, com o concreto; ao passo que criou o museu pedagógico nacional de educação, constituído como espaço de referência para a formação de professores e para a guarda, reunião, pesquisa e exposição dos documentos escritos, materiais e visuais da educação ao longo do tempo.

Desse modo, tal estudo mostrou a pertinência e riqueza de investigação dessa temática no âmbito da História da Educação e, principalmente, da Museologia, uma vez que esse objeto é quase totalmente desconhecido desta última disciplina. O estudo ainda permitiu vislumbrar o potencial para estudos comparativos sobre os museus de educação criados na França e no Brasil, uma vez que ambos os países, assim como diversos outros, situavam-se historicamente num movimento internacional pela criação desses museus no âmbito da educação. Através dos meus achados, pude perceber que a experiência francesa foi inspirada por outros

países e também inspirou ideias e práticas na mesma perspectiva em outros cantos do mundo, incluindo o Brasil, que importou as pranchas didáticas e reinventou em território brasileiro um museu nacional de educação particular, o *Pedagogium*.

Além disso, o estudo dos museus de educação franceses, por outro lado, revestiu-se de relevância social e cultural no contexto contemporâneo, no qual se observa um segundo movimento internacional em prol da criação de museus escolares, desta vez não mais balizados no ensino, mas numa preocupação com um dever de memória e vontade de preservação dos patrimônios educativos. Esse movimento vem perpassando diversos países europeus, como França, Espanha e Portugal, podendo ser vislumbrado também em diferentes regiões brasileiras, e reúne em redes professores e pesquisadores preocupados com a investigação e preservação do patrimônio educativo. Por ocasião do doutoramento, pude participar de um dos encontros da SEPHE, Sociedade Espanhola pelo Patrimônio Histórico Educativo e conhecer outros colegas europeus dedicados à mesma problemática. Além deste, participei de mais dois eventos para compartilhar a pesquisa em curso: no 3º Congresso de Pesquisadores Brasileiros na França, promovido pela Associação de Pesquisadores Brasileiros (APEB), na Casa Brasil de Paris, apresentei a comunicação *Un étrange dans le nid? Les musées de l'éducation et l'étude de cas du Musée Pédagogique de France au XIXe siècle*; no Congresso *Aspectos Cruzados sobre a Escola, França, Brasil e Portugal de ontem e hoje*, realizado na Universidade de Nantes, apresentei a comunicação *Les musées pédagogiques en France et au Brésil au XIXe siècle*. Enquanto estive na França, ative-me a consultar e coletar o máximo de documentos e assistir aos seminários que tinha à disposição.

Concluí o pós-doutoramento e retornei ao Brasil com um repertório documental digitalizado robusto, aspecto que impunha a continuidade da pesquisa. Assim, atendi os anseios do PPGEDU e submeti um projeto de pesquisa ao Edital de Bolsista Produtividade do CNPq a fim de prosseguir minhas análises. Após aprovação, em 2016, tornei-me Bolsista Produtividade e passei a desenvolver a pesquisa intitulada *Museus de Educação, um movimento internacional: aproximações e distanciamentos entre França e Brasil, séculos XIX e XX*. O projeto dava continuidade à pesquisa realizada na Europa, agregando uma perspectiva que conectava os museus de educação no Brasil e na França, entre os séculos XIX e XX. O projeto orientou-se metodologicamente por uma mirada transnacional de

análise dos processos de criação do Museu Pedagógico da França e do *Pedagogium* brasileiro, além de estabelecer relações entre os museus escolares de ambos os países.

A pesquisa e a bolsa foram renovadas por mais 3 anos, de modo, que considero bastante interessantes os resultados alcançados. Assim, destaco como produção: o artigo intitulado *Exposição, Coleção, Museu Escolar: ideias preliminares de um museu imaginado*, publicado em *Educar em Revista*, (POSSAMAI, 2015); o artigo intitulado *Ferdinand Buisson e a emergência dos museus pedagógicos: pistas de um movimento transnacional, século XIX* (POSSAMAI, 2019), publicado no idioma inglês em *Paedagogica Historica*, uma das principais revistas internacionais de História da Educação e, posteriormente publicado como capítulo de livro em português (POSSAMAI, 2021b). Ainda destaco a apresentação da comunicação *National Museums of Education and a New Scientific Culture in the Nineteenth Century*, no 37º International Standing Conference for the History of Education - ISCHE, na Universidade de Istambul, Turquia, em 2015. Finalmente, considero relevante o cruzamento disciplinar entre as áreas da Museologia, da História e da Educação, tendo em vista a necessidade de um olhar multidisciplinar para o estudo dos museus, proposta do artigo *Olhares cruzados: interfaces entre história, educação e museologia*, publicado em *Museologia & Interdisciplinaridade* (POSSAMAI, 2015).

Além dos diversos capítulos e artigos publicados como resultado dessas pesquisas, destaco a organização de dossiês temáticos para alguns periódicos de grande relevância na área da Educação e da Museologia, entre os quais destaco: dossiê *Patrimônio, Educação e Museus: história, memória e sociedade*, com Cláudio de Sá Machado Júnior para a Revista *Educar em Revista* (POSSAMAI E SÁ, 2015); para os Anais do Museu Histórico Nacional, com Ana Carolina Gelmini de Faria o dossiê *Museus, sujeitos e itinerários* (POSSAMAI e FARIA, 2018); dossiê *História e Patrimônio: questões teóricas e metodológicas*, com Alessandro KERBER, para a revista *Anos 90* e com Alberto Barausse o dossiê *Museus de educação: histórias e perspectivas transnacionais* para a Revista *Museologia & Interdisciplinaridade* (POSSAMAI e BARAUSSE, 2019).

Além da produção intelectual especificamente vinculada às minhas pesquisas, publiquei vários artigos e capítulos de livro, vários deles em co-autoria com minhas orientandas (FARIA e POSSAMAI, 2018, 2019), (JAEGER e POSSAMAI, 2020ab),

(POSSAMAI e FARIA, 2020), (SILVA e POSSAMAI, 2020), (MELO e POSSAMAI, 2021ab).

Quase uma década de pesquisa sobre os museus de educação, seja no Brasil, seja em outros países, fez-me observar a necessidade que temos no País de criar uma rede onde esses espaços museológicos, em sua grande maioria vinculados a instituições escolares com suas próprias preocupações e demandas, possam estar conectados com vistas à troca de experiências e de ideias em prol das boas práticas na preservação e na extroversão do patrimônio educativo que reúnem e guardam. Pensando assim, elaborei o projeto *Museus escolares no Brasil em rede: articulação para a valorização do patrimônio histórico-educativo* e o submeti ao Edital de 2018 do CNPq para renovação de minha bolsa produtividade. Tal proposta partiu da ideia de articulação de diferentes atores em diferentes estados brasileiros, que agiriam como dinamizadores e aglutinadores de aproximadamente uma centena de museus desta modalidade, segundo os dados do Cadastro Nacional de Museus do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM. Reuni colegas docentes de Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Museologia de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, Santa Catarina, além do Rio Grande do Sul para organizar a REMAE, Rede de Museus e Acervos Escolares.

Infelizmente, por razões desconhecidas, tendo em vista que os pareceres foram favoráveis, minha proposta não obteve a classificação necessária. Essa negativa foi como um balde de água fria e muitas interrogações me assombraram. Justamente quando o acúmulo de conhecimento permite avançar ainda mais no desenvolvimento científico, as pesquisas são interrompidas? Exclui-se do sistema de Produtividade em Pesquisa uma pesquisadora com produção elevada, orientadora de doutorado de um PPG de excelência com nota 6 pela avaliação da CAPES? Não tinha explicação para o ocorrido e fui envolvida em grande desânimo. Decidi fazer do limão amargo uma limonada; decidi diminuir minha carga de trabalho, afastar-me paulatinamente do PPGEDU; fazer o concurso para titular; me aposentar da graduação; fazer novos investimentos exclusivamente na área da Museologia, embora meu olhar transdisciplinar siga orientando-me.

Considero que minha atuação na pesquisa, especialmente na Pós-Graduação em Educação, onde permaneci por mais tempo, teve resultados bastante ricos: a inserção da história dos museus no âmbito da História da Educação, cujos objetos de estudo praticamente se restringem à escola, apontou para espaços e instituições

que também foram marcadas por seu viés e função educativos; a história da educação em museus também permitiu contemplar a historicidade de uma das funções relevantes dos museus e parte expressiva das reflexões da Museologia; o tratamento metodológico diferenciado da cultura visual e da cultura material no âmbito da história da Educação, por outro lado, contribui para descobertas e achados interessantes, entre outros aspectos.

Por último, gostaria de mencionar aqui os nomes de inúmeros estagiários e bolsistas de iniciação científica, de diferentes agências (UFRGS, CNPq, FAPERGS) ou programas (PIBIC, Popularização da Ciência) que me acompanharam todos esses anos. Orgulha-me muito ver muitos deles com formação avançada de Mestrado ou Doutorado, ou atuando nas instituições culturais e de ensino básico e superior: Marceli de Castro Gonsioroski; Nina Dias; Victoria Honeff; Luana Andrade; Victoria Honneff; Morgana Bartz; Marta Busnello; Carla Mussoline; Cristiane Miglioranza; Rossana Klipel; Ricardo Serres; Welington Ricardo; Ludimilla Alves Fagundes; Nara Beatriz Witt; Marjorie de Nardi; Maria Ricken de Medeiros; Daiane Benetti; Diego Souza Marques; Fernanda Stürmer; Tancredo Augusto; Evandro Guimarães; Luzia Ribeiro Marques; Silvia Sônia Simões; João Alexandre Corrêa; Vania Fonseca Soares; Alexandre Marcant; Ana Celina da Silva; Giovanni Mesquita de Estreito; Luciana Nunes Cavalcante; Andre Luis Fernandes Dutra; Sandra Donner; Gabriele dos Anjos; Jussara Slivka Taffarel; Ana Leticia de Alencastro Vignol; Jane Rocha de Mattos; Gilberto Grassi Calil; Valeska Garbinatto; Marcelo Etcheverria; Cleusa Terezinha Azambuja da Silva; Carlos Bertolazzi; Fabiana Mattos Rodrigues.

Por último, ressalto que as orientações são sempre oportunidades de muitas descobertas conjuntas com nossos pesquisadores em formação. Ao pensar assim, não posso deixar de mencionar tudo que aprendi e colaborei nos estudos de Maria Cristina Leitzke (2012) sobre as curadorias compartilhadas no Museu da UFRGS; de Ana Carolina Gelmini de Faria (2013, 2017) sobre o Museu Histórico Nacional; de Cláudia Feijó (2013) sobre o Museu Comunitário de Santa Cruz, Rio de Janeiro; de Patricia Maria Berg Trindade de Oliveira (2015) sobre a experiência dos museus comunitários mexicanos; de Marlene Ourique do Nascimento (2015) sobre as pinturas da Guerra dos Farrapos colocadas no Instituto de Educação; de Natalia Thielke (2014, 2019) sobre a circulação da imaginária guarani entre os museus do Rio Grande do Sul; de Ana Cecília Escobar Ramirez (2017) sobre o Museu Histórico

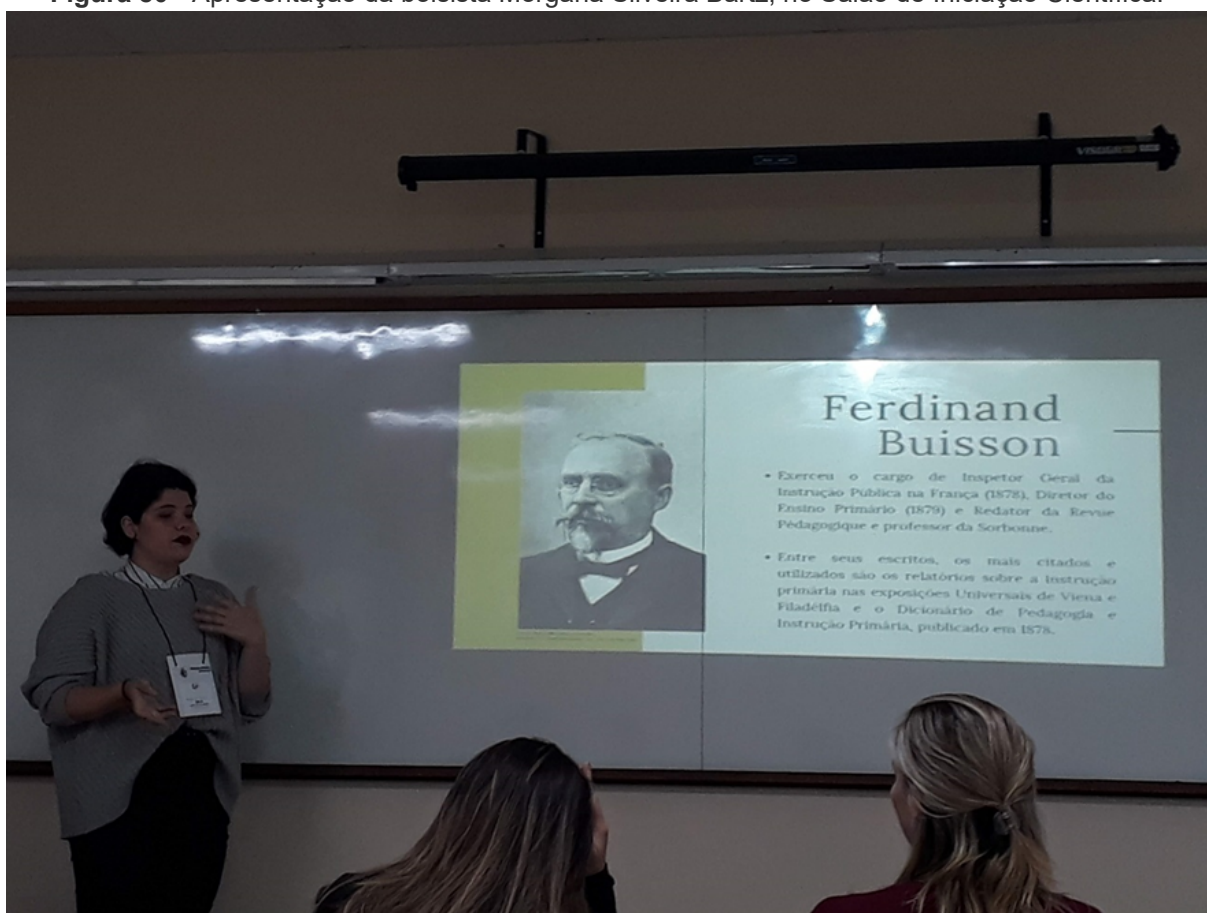
Nacional da Colômbia; de Gabriel de Freitas Focking (2018) sobre os sítios-escola nas Missões; de Ana Celina da Silva sobre o Museu Júlio de Castilhos (2018); de Roberta Madeira de Melo (2019) sobre as coleções dos povos originários no Museu Júlio de Castilhos; de Amanda Mensch Eltz (2019) sobre as pinturas da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre; de Julia Jaeger (2020) sobre o Museu Municipal de Canoas; além dos estudos em andamento de Rossana Klippel José sobre os coletivos feministas; de Adriana Ganzer sobre o Museu de Arte do Rio Grande do Sul; de Angelita da Rosa sobre o Museu de Santa Cruz do Sul, de Elza Vieira da Rosa sobre o Museu do Percurso do Negro.

Figura 79 - Apresentação de pôster no Salão de Iniciação Científica com a bolsista Marta Busnello.



Fonte: Campus do Vale, UFRGS, fotografia de Morgana Silveira Bartz, 2019.

Figura 80 - Apresentação da bolsista Morgana Silveira Bartz, no Salão de Iniciação Científica.



Fonte: Campus do Vale da UFRGS, fotografia da autora, 2019.

ARREMATES DE UMA VIDA INCONCLUSA

Quem sabe eu ainda sou uma garotinha
 Esperando o ônibus da escola, sozinha
 Cansada com minhas meias três quartos
 Rezando baixo pelos cantos
 Por ser uma menina má
 Quem sabe o príncipe virou um chato
 Que vive dando no meu saco
 Quem sabe a vida é não sonhar
 Eu só peço a Deus
 Um pouco de malandragem
 Pois sou criança
 E não conheço a verdade
 Eu sou poeta e não aprendi a amar
 Eu sou poeta e não aprendi a amar
 Bobeira é não viver a realidade
 E eu ainda tenho uma tarde inteira
 Eu ando nas ruas
 Eu troco um cheque
 Mudo uma planta de lugar
 Dirijo meu carro
 Tomo o meu pileque
 E ainda tenho tempo pra cantar

(Cássia Eller)

Após esses relatos cumpre finalizar este memorial. O processo de escrita suscitou muitas lembranças, além daquelas evocadas por papéis já esquecidos na estante e pelo reolhar de velhas imagens fotográficas. Selecionar não foi tarefa das mais fáceis e denunciou meu apego a pessoas, a momentos, a lugares, a situações, pois é da natureza da memória valorizar o que nos afeta. Muitas vezes fui tomada pela nostalgia de tempos longínquos e a emoção me invadiu, como me toma agora. Certamente ficou muita coisa de fora, principalmente quando julguei seu contar não condizer com um relato acima de tudo sobre a vida acadêmica e profissional.

Além da reflexão sobre o vivido, é inevitável a avaliação sobre o que valeu a pena. Continuo a pensar que o patrimônio humano é o mais relevante e, conseqüentemente, as vidas que foram por mim positivamente afetadas será meu principal legado, a despeito da permanência da famigerada produção intelectual.

Por outro lado, mesmo que tenha me considerado como *workaholic* em todos esses anos, principalmente por sempre amar o meu trabalho, hoje tento dar à dimensão profissional apenas um lugar na minha vida. Esse se constitui um dos meus maiores desafios, pois minha atuação profissional se enfronha a minha

inserção social e aos meus compromissos por um outro mundo possível. Contudo, a próxima imagem fala por mim:

Figura 81 - Eu, meu pai Ivanor Possamai e meu filho Lucca Possamai Marcos.



Fonte: Acervo da Autora, 25 outubro 2022.

Acompanhar o desenvolvimento de Lucca, agora na universidade, e o envelhecimento de meus pais, especialmente de meu pai que apresenta sinais de Alzheimer, continuará sendo minha maior devoção e dedicação. A pandemia de Covid 19 me ensinou, de forma muito contundente, que a vida é sopro e cumpre levá-la com leveza, embora eu não saiba como fazê-lo.

A maior parte dos anos aqui relatados e os resultados alcançados não foram conquistas apenas minhas, mas contaram com o apoio incondicional de meu companheiro de 19 anos e pai de meu filho. Perder Ronaldo, esse grande amigo e parceiro, na pandemia, então com 59 anos e quando faltavam dois meses para ser

vacinado, mergulhou-me em tristeza e revolta. A melancolia ainda me acompanha, ainda mais por meu filho ter perdido o pai. Mas tento fazer da revolta um grito de esperança por um País melhor e espero que, nas próximas eleições, todos sejamos encharcados desse horizonte de ser feliz de novo.

A letra da canção de Cássia Eller, por outro lado, constantemente denuncia que *ainda sou uma garotinha*, aprendiz da vida e dos afetos.

Pós Escrito:

Esse memorial estava finalizado quando Luiz Inácio Lula da Silva venceu as eleições em 30 de outubro. Passados seis anos, desde o golpe ao mandato da presidente eleita Dilma Rousseff, essa vitória tem muitos significados: contém o avanço da extrema-direita no País, que precisará conviver com esse segmento daqui para frente; susta o processo de desmonte do Estado brasileiro, especialmente nas áreas da educação e da cultura; rompe com a escalada de desmatamento da floresta amazônica, do genocídio dos povos originários e do não enfrentamento da crise climática; suspende uma pauta conservadora que condena a homoafetividade, as mulheres e as crianças à violência física e simbólica; suspende a avalanche negacionista da ciência, entre muitos outros aspectos. Para mim, além de tudo isso, dizer não ao candidato derrotado foi um grito de catarse pelas mais de 600 mortes de brasileiros e brasileiras pela Covid-19 e pelo projeto necropolítico em vigor durante a pandemia no Brasil.

Ademais, eleger Lula representa, no plano externo, colocar o Brasil ao lado das nações democráticas e na luta contra o avanço de regimes autoritários no mundo; internamente, apostar na esperança de um País menos desigual, que se preocupa com os menos favorecidos, através de políticas públicas de inclusão social. No âmbito da Educação e da Cultura, áreas nas quais me movo, aponta para um horizonte de apoio às pesquisas científicas, à formação em todos os níveis, à livre diversidade cultural. Nesse sentido, não sou mais a mesma pessoa que finalizou este memorial na última sexta-feira, assim como o Brasil não é mais o mesmo, após as eleições deste domingo. Em meu olhar, brilha uma estrela que vislumbra um futuro mais promissor para meu filho Lucca, para meus sobrinhos Eduardo, Davi, Gabriel, Francisco e Raquel, para minha afilhada Mariana, para meu afilhado Daniel e para todas as futuras gerações brasileiras. A história dirá.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales**: memorias y esperanzas colectivas. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.
- BAKOS, Margaret Marchiori. **Porto Alegre e seus eternos intendent**es. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- BANN, Stephen. **As invenções da história**: ensaios sobre a representação do passado. São Paulo: Editora da UNESP, 1994.
- BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Museologia e Comunidades LGBT: mapeamento de ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo. **Cadernos De Sociomuseologia**, [S. l.], Lisboa, Lusófona, v. 54, n. 10, 2017.
- BENJAMIN, Walter. A Paris do Segundo Império em Baudelaire. *In*: KOTHE, Flávio (org.). **Walter Benjamin. Sociologia**. São Paulo: Ática, 1985.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In*: **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987. a. p. 165–196.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. b. v. 1p. 197–221.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**: Rua de mão única. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Educação escolar indígena no século XX**: da escola para os índios à escola específica e diferenciada. *In*: STEPHANOU, Maria;
- BONNOT, Thierry, **La vie des objets**: d'ustensiles banals à objets de collection. Paris: MSH, 2002.
- BONNOT, Thierry. Itinerário biográfico de uma garrafa de sidra. *In*: CANDIDO, Manuelina Maria Duarte; ROUSO, Carolina (Org.). **Museus e patrimônio**: experiências e devires. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2015. 121-151 p.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia Das Letras, 1996.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira; ARAUJO, Marcelo Mattos; COUTINHO, Maria Inês Lopes. **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. Argentina: Grijalbo, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401–418.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CIOATO, Alana. **“L’enseignement par les Yeux”**: uma coleção de quadros parietais no Museu Anchieta de Ciências Naturais (Porto Alegre, RS). Orientador: Zita Rosane Possamai. 2021. 400 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

CLIFFORD, James. Los museos como zonas de contato. *In*: **Itinerarios transculturales**. Barcelona: Gedisa, 2008. p. 233–270.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

DUBOIS, Philippe. **O acto fotográfico**. Lisboa: Vega, 1992.

ELTZ, Amanda Mensch. **Entre a Gratidão e o Poder**: uma coleção de retratos pintados da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Orientador: Zita Rosane Possamai. 2019. 164 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

FABRIS, Annateresa. **Fotografia: usos e funções no séc. XIX**. São Paulo: EDUSP, 1991.

FARIA, Ana Carolina Gelmini De. **O caráter educativo do Museu Histórico Nacional: O Curso de Museus e a construção de uma matriz intelectual para os museus brasileiros (Rio de Janeiro, 1922-1958)**. Orientador: Zita Rosane Possamai. 2013. 234 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FARIA, Ana Carolina Gelmini De. **Educar no Museu: O Museu Histórico Nacional e a educação no campo dos museus (1932-1958)**. Orientador: Zita Rosane Possamai. 2017. 292 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de; POSSAMAI, Zita Rosane. O campo dos museus no Brasil: indícios das relações instituídas em meados do século XX. **Anais do Museu Histórico Nacional**, [S. l.], v. 50, p. 13–29, 2018.

FARIA, Ana Carolina Gelmini De; POSSAMAI, Zita Rosane. O Curso de Organização de Museus Escolares do Museu Histórico Nacional (BRASIL, 1958). **História da Educação**, [S. l.], v. 23, p. 1–137, 2019. DOI: 10.1590/2236-3459/80222. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592019000100407&lng=pt. Acesso em: 4 jun. 2020.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FOCKING, Gabriel de Freitas. **Ações educativas na Arqueologia Missioneira (1985-1995)**. Orientador: Zita Rosane Possamai. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

FORMOLO, Deise; POSSAMAI, Zita Rosane. O olhar, a lente e a luta no campo: considerações sobre as imagens fotográficas do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 5, n. 12, p. 1–15, 2015. Disponível em:

<http://www2.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/289>. Acesso em: 28 set. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15ª ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FREITAS, Jéssica Graciela Caetano. **Maternidade e imaterialidade pelas lentes de Pierre Verger**. Orientador: Zita Rosane Possamai. 2019. 44 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GENRO, Tarso; SOUZA, Ubiratan De. **Quand les habitants gèrent vraiment leur ville: le Budget Participatif, le expérience de Porto Alegre au Brésil**. Éditions Charles Léopold Mayer, Paris, 1998.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIRAUDY, Danièle; BOUILHET, Henri. **O Museu e a vida**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-memória, 1990.

GEORGE, Nina. **A livraria mágica de Paris**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HISTORIAE. Dossiê: história, memória e patrimônio. **Revista de História da Universidade Federal de Rio Grande**, Rio Grande, v. 3, n. 3, p. 1–259, 2012.

JAEGER, Julia Maciel. **A Musealização de um homem-semióforo**: a coleção Hugo Simões Lagranha em um museu municipal (Canoas/RS). Orientador: Zita Rosane Possamai. 2020. 204 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

JAEGER, Julia Maciel; POSSAMAI, Zita Rosane. Uma biografia musealizada: a coleção de Hugo Simões Lagranha no Museu Municipal de Canoas/RS. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 14, p. 723–739, 2020a.

JAEGER, Julia; POSSAMAI, Zita Rosane. O Museu Hugo Simões Lagranha e a consagração de uma memória, Canoas/RS. *In*: VANNA, Marcelo; POMATTI, Ângela Beatriz; OLIVEIRA, Luciana da Costa; KORNDÖRFER, Ana Paula; BRUM, Cristiano Enrique; QUEVEDO, Éverton Reis; SCHELL, Deise Cristina (org.). **Ofícios de Clio: experiências de memória e patrimônio**. Porto Alegre: Fi, 2020b. p. 72–86. DOI: 10.22350/9786587340388 Disponível.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. *In*: SAMAIN, Etienne (Org.). **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec/CNPQ, 1998. p. 41–47.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KRAWCYK, Flávio; GERMANO, Iris; POSSAMAI, Zita. **Carnavais de Porto Alegre**. Porto Alegre, RS: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

KREUTZ, Lúcio. Escolas étnicas na história da educação brasileira: a contribuição dos imigrantes. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil - Vol. III: Século XX**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 150–165.

LEITZKE, Maria Cristina Padilha; POSSAMAI, Zita Rosane. **Curadorias compartilhadas**: um estudo sobre as exposições realizadas no Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002 A 2009), 2012.

LIMA, Solange Ferraz De; CARVALHO, Vânia Carneiro De. **Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo. Álbuns de São Paulo (1887-1954)**. São Paulo: Mercado de Letras, 1997.

LIMA, Solange Ferraz De; CARVALHO, Vânia Carneiro. São Paulo Antigo, uma encomenda da modernidade: as fotografias de Militão nas pinturas do Museu Paulista. **Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material**, São Paulo, p. 147–178, 1993.

LOPES, Maria Margareth. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec/Editora UnB, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In*: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

LUGON, Olivier. Le marcheur. Piétons et photographes au sein des avant-gardes. **Études Photographiques**, Paris, n. 8, p. 1–14, 2000.

MAESTRI, Mário. A pedagogia do medo: disciplina, aprendizado e trabalho na escravidão brasileira. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil - Vol. III: Século XX**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 192–209.

MAGUETA, Rita de Cássia de Matos. **Salve o dia entre todos o mais belo: educação religiosa e fotografias de primeira comunhão na década de 1940**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/131142>. Acesso em: 5 set. 2022.

MAUAD, Ana Maria. O Olho da História: análise da imagem fotográfica na construção de uma memória. **Acervo-Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1–2, p. 25–40, 1993.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. **Tempo**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 73–98, 1996.

MAUAD, Ana Maria. Janelas que se abrem para o mundo: fotografia de imprensa e distinção social no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. **Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe, Escuela de Historia de la Universidad de Tel Aviv**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 63–89, 1999.

MAUCH, Cláudia. **Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890**. Santa Cruz do Sul : EDUNISC/ANPUH-RS, 2004.

MAUCH, Cláudia. Saneamento moral em Porto Alegre na década de 1890. *In*: MAUCH, Cláudia; VARGAS, Anderson Zalewski; ELMIR, Claudio Pereira (Org.). **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade**. Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo: Ed. da Universidade UFRGS, Ed. ULBRA, Ed. UNISINOS, 1994.

MEDEIROS, Maria Ricken, WITT, Nara, POSSAMAI, Zita Rosane. Leituras da cidade: aprendendo a olhar Porto Alegre. *In*: GIL, Carmem Zeli Vargas, Trindade, Rhuan Targino Zalewski (Orgs.). **Patrimônio cultural e ensino de história**. Porto Alegre: Edelbra, 2014.

MELO, Roberta Madeira de. **Objetos de coleção, pesquisa e educação: representações sobre os povos indígenas no Museu Júlio de Castilhos (1901-1958)**. Orientador: Zita Rosane Possamai. 2019. 192 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MELO, Roberta Madeira De; POSSAMAI, Zita Rosane. As Revistas do Museu Júlio de Castilhos e a exposição Memória e Resistência: reflexões sobre representações descolonizadas. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 189–202, 2021. a. DOI: 10.26512/museologia.v10i19.34656. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/34656/29979>.

MELO, Roberta Madeira De; POSSAMAI, Zita Rosane. Elementos da natureza, artefatos históricos, objetos folclóricos: sentidos e representações atribuídas à coleção etnológica do Museu Júlio de Castilhos (1901-1958). **Domínios da Imagem**, [S. l.], n. 28, p. 7–22, 2021. b.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Rumo a uma “História visual”. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sílvia Caiuby (Org.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 33–56.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45°, p. 11–36, 2003.

MICHELON, Francisca F. **Cidade de papel: a modernidade nas fotografias impressas de Pelotas (1913-1930)**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MIGNOLO, Walter. Museus no horizonte colonial da modernidade garimpando o museu (1992) De Fred Wilson. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, 2018. v.7, n. 13p. 309–324.

NASCIMENTO, Marlene Ourique Do. **Na pista das imagens: produção e circulação de pinturas no Rio Grande do Sul de 1914 a 1935**. Orientador: Zita Rosane Possamai. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: KHOURY, Yara Aun (Org.). **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. [s.l.: s.n.]. v. 10. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101> . Acesso em: 29 set. 2022.

NUNES, Clarice. (Des)encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA, Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia G. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 371–398.

OLIVEIRA, Patrícia Maria Berg Trindade De. **Apropriações e invenções: a experiência dos museus comunitários do México (1958/1993)**. Orientador: Zita

Rosane Possamai. 2015. 187 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ORO, Ari Pedro; ANJOS, José Carlos Dos; CUNHA, Mateus. **A tradição do Bará do Mercado** Porto Alegre: PMPA/SMC/CMEC, 2007.

PAZ, Felipe Rodrigo Contrí. **Cultura visual e museus escolares**: representações raciais no museu Lassalista (Canoas, RS, 1925-1945). Orientador: Zita Rosane Possamai. 2015. 189 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PAZ, Felipe Rodrigo Contrí. **Bustos raciais**: uma biografia das Imagens-Artefatos racialistas (1862-1930). orientador: Zita Rosane Possamai. 2020. 272 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

PAZ, Felipe Rodrigo Contrí; POSSAMAI, Zita Rosane. Bustos Raciais: Imagens-artefatos sobre o outro (1908-1945). **Revista Linhas**, [S. l.], v. 22, n. 48, p. 172–193, 2021. DOI: 10.5965/1984723822482021172.

PESAVENTO, Sandra. Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano. *In*: **Porto Alegre na virada do século 19 - Cultura e Sociedade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A emergência dos subalternos**: trabalho livre e ordem burguesa. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O espetáculo da rua**. [s.l.] : Editora da Universidade/UFRGS, Prefeitura Municipal, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória Porto Alegre. Espaços e vivências**. 1º ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, [S. l.], v. 15º, n. 29, p. 9–27, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 1º ed. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1999.

PORTO ALEGRE, Prefeitura Municipal; SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA; COORDENAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL; MUSEU JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO. **Porto Alegre: uma história em três tempos**. Porto Alegre, 1998.

PORTO ALEGRE, Prefeitura Municipal; SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA; COORDENAÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS. **Atelier Livre 30 anos**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Novos olhares sobre a cidade**. Porto & Vírgula, [S. l.], v. n. 12, out/nov, p. 22–23, 1992.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Mercado Público: espaços de memórias de Porto Alegre**. Porto & Vírgula, [S. l.], v. n. 13, abril/maio, p. 21–23, 1993.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Diário de viagem à França**, 1997.

POSSAMAI, Zita Rosane. Patrimônio e museu: a investigação de objetos ainda estranhos à historiografia. **Encontros de Divulgação e Debates em Estudos Sociais**. Vila Nova de Gaia, 1999.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do Museu: Patrimônio e Passado da Cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre: Edições Est, 2000. a.

POSSAMAI, Zita Rosane. Relatório apresentado à Fundação Vitae. **Programa de Visitas aos Museus Norte-americanos**, [S. l.], 2000. b.

POSSAMAI, Zita Rosane; LEAL, Elisabete da Costa. **Museologia Social**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2000.

POSSAMAI, Zita Rosane. Um museu de cidade: o caminhar do Museu de Porto Alegre. In: POSSAMAI, Zita Rosane (org.). **A memória cultural numa cidade democrática**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2001. p. 63–74.

POSSAMAI, Zita Rosane; ORTIZ, Vitor. **Cidade & Memória na Globalização**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2002.

POSSAMAI, Zita Rosane. O circuito social da fotografia em Porto Alegre (1922 e 1935). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 263–289, 2006.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Olhar passageiro: um álbum de fotografias entre memória, esquecimento e imaginário**. História Unisinos, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 330–341, 2007a.

POSSAMAI, Zita Rosane. Metáforas visuais da cidade. **Urbana**, Campinas, n. 2, p. 1–11, 2007b.

POSSAMAI, Zita Rosane. Narrativas fotográficas sobre a cidade. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 55–90, 2007c.

POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia e história da educação. **Anais do 13º Encontro Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação**, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Asphe/RS, 2007d, p. 1–14.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Caderno de Campo**, Porto Alegre, 2008.

POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia, História e Vistas Urbanas. **História**, São Paulo, 27 (2): 2008a, p. 253-277.

POSSAMAI, Zita Rosane. A cultura fotográfica e a escola desejada: considerações sobre imagens de edificações escolares - Porto Alegre (1919-1940). **II Encontro Nacional de Estudos da Imagem**, Londrina, p. 861–879, 2009. a.

POSSAMAI, Zita Rosane. Uma escola a ser vista: apontamentos sobre imagens fotográficas de Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. **História da Educação**, Pelotas, v. 13, n. 29, p. 143–169, 2009. b.

POSSAMAI, Zita Rosane; FEIJÓ, Claudia. The Youth, the Museum and Affirmative Action in Brazil. *In*: JUNYNG, Guo; WANG, Marly Fang (org.). **Public Education and Museums**. Shangai. p. 49–53, 2010.

POSSAMAI, Zita Rosane et al. **Imagens & artefatos**: estudos sobre o acervo do museu Julio de Castilhos. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre/UFRGS, 2010.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Leituras da Cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010a.

POSSAMAI, Zita Rosane. “Lições de coisas” no museu: o método intuitivo e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, primeiras décadas do século XX. **VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, São Luís, 2010b, p. 1-15.

POSSAMAI, Zita Rosane. O museu e as transformações sociais: considerações sobre um projeto de ação afirmativa. *In*: DECAROLIS, Nelly; SEMEDO, Alice (Org.). **II Seminario investigación en museología de los países de lengua portuguesa e espanhola**. Buenos Aires: ICOFOM, 2011. p. 536–545.

POSSAMAI, Zita Rosane. Pitoresca, bucólica e moderna: narrativas fotográficas urbanas dos Irmãos Ferrari e de Virgílio Calegari. *In*: SANTOS, Alexandre; CARVALHO, Ana Maria Albani de (Org.). **Imagens: arte e cultura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. a. v. 1p. 1–15.

POSSAMAI, Zita Rosane. “Lição de Coisas” no museu: O método intuitivo e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, nas Primeiras Décadas do Século XX. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, [S. l.], v. 20, n. 43, p. 1–13, 2012. b.

POSSAMAI, Zita Rosane. Museus e coleções em perspectiva histórica: as primeiras décadas do Museu Julio de Castilhos, Rio Grande do Sul, Brasil. **SIAM - Series Iberoamericanas de Museología**, 2012 c, Madri, v. 6, p. 65-74.

POSSAMAI, Zita Rosane; FERRUGEM, Isabel Cristina Francioni (Org.). **Alices**: cenários de vida e arte. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017

POSSAMAI, Zita Rosane. Ensaio de um olhar moderno: imagens fotográficas no álbum Porto Alegre de Virgílio Calegari. **Revista Latino-Americana de História**, [S. l.], v. 2, n. 7, p. 41–53, 2013.

POSSAMAI, Zita Rosane. Colecionar e educar: o Museu Julio de Castilhos e seus públicos (1903–1925). **Varia História**, 2014, p. 365-389.

POSSAMAI, Zita Rosane. Olhares cruzados: interfaces entre história, educação e museologia. **Museologia & Interdisciplinaridade**. v. 3, n. 6, p.17-32. 2015.

POSSAMAI, Zita Rosane. Exposição, Coleção, Museu Escolar: ideias preliminares de um museu imaginado. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 58, p. 103-119, out./dez. 2015.

POSSAMAI, Zita Rosane. A grafia dos corpos no espaço urbano: os escolares no álbum Biografia duma Cidade, Porto Alegre, 1940. **História da Educação**, [S. l.], v. 19, n. 47, p. 129–148, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592015000300129&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 jun. 2020.

POSSAMAI, Zita Rosane; WITT, Nara Beatriz. Ensino e Memória: os museus em espaço escolar. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 29, n. 44, p. 7–15, 2016. Disponível em: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/186>. Acesso em: 5 set. 2022.

POSSAMAI, Zita Rosane; PAZ, Felipe Rodrigo Contrí. Pesquisar e ensinar: considerações sobre museus escolares de ciências, Brasil e Argentina. In: GRANATO, Marcus; RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo De (org.). **Cadernos do Patrimônio da Ciência e Tecnologia**: instituições, trajetórias e valores. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017. a. p. 283–308.

POSSAMAI, Zita Rosane. O patrimônio de Porto Alegre volta a ser ameaçado. **Sul21**, [S. l.], 2018. a. Disponível em: <https://sul21.com.br/opinioao/2018/08/o-patrimonio-de-porto-alegre-volta-a-ser-ameacado-por-zita-possamai/>. Acesso em: 28 set. 2022.

POSSAMAI, Zita Rosane. Os olhos vigilantes de Luzia: tragédia do Museu Nacional alerta para riscos dos mais de 500 museus gaúchos. **GZH Porto Alegre**, [S. l.], 2018. b. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2018/09/os-olhos-vigilantes-de-luzia-tragedia-do-museu-nacional-alerta-para-riscos-dos-mais-de-500-museus-gauchos-cjlqoc3a4014w01px2thcy3zu.html>. Acesso em: 28 set. 2022.

POSSAMAI, Zita Rosane. Ferdinand Buisson and the emergence of pedagogical museums: clues of an international movement, nineteenth century. **Paedagogica Historica International Journal of the History of Education**, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00309230.2019.1643897>. Acesso em: 28 set. 2022.

POSSAMAI, Zita Rosane; FARIA, Ana Carolina Gelmini De. Da educação em museus à educação museal: ideias, políticas e metodologias no Brasil. In: GRAEFF, Lucas; CONSTANTE, Robson da Silva (org.). **Educação para as artes, para as culturas e para o patrimônio**. 1. ed. Canoas: Editora Unilasalle, 2020. p. 44–54.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Cidade, História & Educação**. Porto Alegre: Cirkula, 2021. a.

POSSAMAI, Zita Rosane. Ferdinand Buisson e a emergência dos museus pedagógicos: pistas de um movimento transnacional, século XIX. In: MAGALHÃES, Fernando; COSTA, Luciana Ferreira; HERNÁNDEZ, Francisca Hernández; CURCINO, Alan (Org.). **Museologia e Patrimônio**. ESECS - Politécnico de Leiria, 2021. b. v. 5. 211–235p.

POSSAMAI, Zita Rosane. **As cidades imaginárias de Sandra Pesavento**. São Paulo: Parêntese, 2021. c.

POSSAMAI, Zita Rosane. Cupins e caranguejos: por um debate democrático sobre a destinação do Cais do Porto. **GZH Porto Alegre**, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2022/06/cupins-e-caranguejos-por-um-debate-democratico-sobre-a-destinacao-do-cais-do-porto-cl4re0ayt002c019idf62eh0h.html>. Acesso em: 28 set. 2022.

POSSAMAI, Zita Rosane; BARAUSSE, Alberto (Orgs.). Dossiê Museus de educação: história e perspectivas transnacionais. **Museologia e Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 8, n. 16, 2019.

POSSAMAI, Zita Rosane; FARIA, Ana Carolina Gelmini de. Dossiê Museus, sujeitos e itinerários, *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 50, 2018.

POSSAMAI, Zita Rosane; MACHADO, Claudio de Sá Junior. Dossiê *Patrimônio, Educação e Museus: história, memória e sociedade*, **Educar em Revista**, Curitiba, n. 58, out./dez. 2015.

POSSAMAI, Zita Rosane; KERBER, Alessander. Dossiê História e Patrimônio: questões teóricas e metodológicas. **Anos 90**, [S. l.], v. 25, n. 48, p. 17–21, 2018. DOI: DOI: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.88827>.

POULOT, Dominique. **Musée, nation, patrimoine 1789-1815**. Paris: Gallimard, 1997.

RAGO, Margareth Luiza. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAMIREZ, Ana Cecilia Escobar. **Narrativas en disputa: el Museo Nacional de Colombia en la gestión de Emma Araújo de Vallejo (1975-1982)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

REIS, Daniela Görden Dos. **Fotografia e documentação museológica: reflexões e proposições a partir de um estudo de caso**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia: Bacharelado, Porto Alegre, 2019.

RIBEIRO, Arilda Inês. Mulheres educadas na colônia. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA, Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RIVIÈRE, Georges Henri. **La Muséologie selon Georges Henri Rivière: cours de muséologie: textes et témoignages**. Paris: Donod, 1989.

RODRIGUES, Eroni. **O OLHAR DE JACOB PRUDÊNCIO: aspectos de uma coleção fotográfica**. 2018. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia: Bacharelado, Porto Alegre, 2018.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SANTOS, Myrian Sepúlveda Dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

SILVA, Ana Celina Figueira Da. **Investigações e evocações do passado: o Departamento de História Nacional do Museu Júlio de Castilhos** (Porto Alegre, RS, 1925-1939). Orientador: Zita Rosane. 2018. 332 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, [S. l.], 2018.

SILVA, Ana Celina F.; POSSAMAI, Zita Rosane. Publicações reclamadas: Eduardo Duarte e a primeira revista do Museu Júlio de Castilhos (Rio Grande do Sul , 1927-1930). **Museologia e Patrimônio**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 69–94, 2020.

SILVA, Cláudia Feijó da. **Do NOPH ao Ecomuseu de Santa Cruz: representações no jornal NOPH (1983-1990) e no jornal O Quarteirão (1993-2000)**, Rio de Janeiro, Brasil. Orientador: Zita Rosane Possamai. 2013. 141 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005.

TAMBARA, Elomar. **Positivismo e educação: a educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo**. Pelotas: Ed. Universitária, 1995.

TAMBARA, Elomar. Educação e positivismo no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes 2005, 166-178p.

THIELKE, Natália. **O percurso das imagens: a estatuária missioneira no Museu Júlio de Castilhos e no Museu das Missões (1903-1940)**. Orientador: Zita Rosane Possamai. 2014. 217 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

THIELKE, Natália. **A imaginária guarani como dispositivo educativo em museus do Rio Grande do Sul (1903-1993)**. Orientador: Zita Rosane Possamai. 2019. 304 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

TRUSZ, Alice Dubina. **Verdes Anos: memórias de um filme e de uma geração**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016.

VARELA, Júlia; URIA-ALVAREZ, Fernando. A maquinaria escolar. **Teoria & Educação – Dossiê: História da Educação**, [S. l.], 1992.

VARGAS, Anderson Zalewski. **Os subterrâneos de Porto Alegre: imprensa, ideologia autoritária e reforma social (1900-1919)**. 1º ed. Porto Alegre: Letra1, 2017.

VARGAS, Aline Vargas de et al. **Cinema na caixa d'água**. Porto Alegre, 2017.

VARGAS, Pedro Rubens Nei Ferreira. **O mercado central de Porto Alegre e os caminhos invisíveis do negro: uma relação patrimonial**. Porto Alegre: Appris, 2017.

VARINE, Hugues De. A Nova Museologia: ficção ou realidade. *In*: POSSAMAI, Zita Rosane; LEAL, Elisabete (org.). **Museologia Social**. Porto Alegre, RS: Secretaria Municipal da Cultura, 2000.

VARINE, Hugues A respeito da mesa-redonda de Santiago. *In*: ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos**. São Paulo: Comitê Brasil, 1995, 17-25 p.

VARINE, Hugues De. Ecomuseu. **Ciências e Letras - Educação e Patrimônio Histórico-Cultural**. Porto Alegre, v. 31. 2002, p. 61-90.

VARINE, Hugues. **O tempo social**. Rio de Janeiro: Editora Eça, 1987.

WEBER, Regina. **Os rapazes da RS-030: jovens metropolitanos nos anos 80**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

WELING, Arno. A incorporação do Brasil ao mundo moderno. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil - Vol. III: Século XX**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 45–55.

WITT, N.; MEDEIROS, M. Trilhando investigações sobre o quadro de Aurélio Viríssimo de Bittencourt. *In*: MATTOS, J. (Org.). **Museus e africanidades** . Porto Alegre: Porto Alegre: Museu Júlio de Castilhos, 2013. p. 121–136.

WITT, Nara Beatriz. **“Uma joia” no sul do Brasil: O Museu de História Natural do Colégio Anchieta, criado em 1908 (Porto Alegre/RS)**. Orientador: Zita Rosane Possamai. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.